



Inês Raquel Afonso Miranda

Dos heróis de ontem aos de hoje.

# Experiências de compreensão textual nas disciplinas de Português e de Latim

Relatório de Estágio Supervisionado do Mestrado em Ensino de Português e Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Doutora Cristina Mello e pela Doutora Susana Marques Pereira da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# Faculdade de Letras

## Dos heróis de ontem aos de hoje. Experiências de compreensão nas disciplinas de Português e de Latim

### Ficha:

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>Dos heróis de ontem aos de hoje. Experiências de compreensão textual nas disciplinas de Português e Latim</b>
<b>Autora</b>	<b>Inês Raquel Afonso Miranda</b>
<b>Orientadoras</b>	<b>Doutora Cristina Mello</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Cláudia Cravo</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutora Cristina Mello</b> <b>2. Doutora Marta Várzeas</b> <b>Doutora Susana Marques Pereira</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário</b>
<b>Área científica</b>	<b>Português e Línguas Clássicas</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Iniciação à Prática Profissional</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>27-10-2016</b>
<b>Classificação</b>	<b>16 valores</b>



## Resumo

Os heróis contemporâneos como *Harry Potter* ou *Frodo* são conhecidos em todo o mundo e inspiram milhões de pessoas pelos seus atos heroicos e pela sua valentia.

A atualidade dos valores expressos na *Eneida*, n'*Os Lusíadas*, entre outras obras de referência, reside em cada um de nós, nos nossos obstáculos diários.

Reconhecendo que a compreensão textual tem um caráter fundamental nas disciplinas de língua, o trabalho apresentado incide sobre a compreensão de textos literários onde a presença de modelos de heróis está patente.

A elaboração de atividades relacionadas com o tema do presente Relatório de Estágio para duas turmas do 10.º ano de escolaridade, análise e discussão dos resultados obtidos comprovou que os alunos melhoraram gradativamente o domínio pessoal da compreensão textual.

**PALAVRAS-CHAVE:** compreensão textual, herói, epopeia, metodologias de ensino.

## Abstract

Present-day heroes such as *Harry Potter* and *Frodo* are well-known around the world and they inspire millions of people with their heroic acts and their bravery.

The values expressed in the *Aeneid*, *Os Lusíadas*, and other epic works are still relevant today and lie within each and every one of us, within our daily obstacles.

Recognizing that reading comprehension has a fundamental character in language education, the present study focuses on the way in which students comprehend literary works, in which the presence of hero models is manifested.

The elaboration of the related activities with the theme of the present Internship Report for two classes of the 10<sup>th</sup> grade, analysis and discussion of the obtained results, proved that the students gradually improved the personal domain of reading comprehension.

**KEYWORDS:** reading comprehension, epic, hero, teaching methodology.



## **Agradecimentos**

A realização do presente relatório, assim como da Prática Pedagógica Supervisionada, só foi possível devido ao apoio de várias pessoas.

Assim, agradeço às minhas Orientadoras, Professora Doutora Cristina Mello e Professora Doutora Susana Marques Pereira, pela constante disponibilidade e orientação.

Dirijo-me igualmente à Professora Júlia Rodrigues e à Professora Teresa Carriço, pelo apoio, exigência e amizade que subjazeram o ano letivo.

À comunidade educativa da Escola Secundária Bernardino Machado pelo excelente acolhimento.

Aos meus amigos pelos momentos partilhados e pelo constante incentivo.

Aos meus pais pela perseverança e por me fazerem acreditar que era possível, mesmo nos momentos de maior dúvida.

## Índice

Resumo .....	3
Abstract.....	4
Agradecimentos .....	5
Introdução.....	9
Parte I – Prática pedagógica supervisionada .....	11
1.O contexto socioeducativo .....	11
1.1.A cidade da Figueira da Foz .....	11
1.2. A escola .....	12
1.3. As turmas.....	14
1.3.1. A turma de Português .....	14
1.3.2. A turma de Latim.....	14
2. Reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada .....	15
Parte II – Dos heróis de ontem aos de hoje. Experiências de compreensão textual nas disciplinas de Português e de Latim .....	22
1. A estrutura épica.....	22
2.A figura do herói em autores latinos .....	24
2.1. O exemplo virgiliano .....	24
2.2. A historiografia e Tito Lívio.....	29
3. A figura do herói n’Os Lusíadas.....	32
3.1. Do <i>seu</i> tratamento na estrutura épica.....	32
4. Cânone literário – implicações didáticas .....	34
5. Didatização .....	40
5.1. Metodologia.....	41
5.2. Recursos utilizados em Português .....	42
5.3. Recursos utilizados em Latim.....	43
6.Operacionalização .....	43
6.1. Operacionalização na turma de Português.....	44
6.2. Operacionalização na turma de Latim .....	52
7. Análise de dados e discussão de resultados.....	61
7.1. Análise das atividades .....	61
7.1.1. Análise das atividades de Português.....	61
7.1.2. Análise das atividades de Latim .....	80

8. Análise dos inquéritos finais.....	97
8.1. Análise do inquérito final na disciplina de Português .....	97
8.2. Análise do inquérito final na disciplina de Latim .....	103
Conclusão .....	108
Bibliografia.....	111
Webgrafia .....	116

## **Índice de apêndices**

Apêndice I – Índice de imagens .....	117
Apêndice II – Índice de tabelas .....	119
Apêndice VI – Plano Individual de Formação de Português .....	123
Apêndice VII – Plano Individual de Formação de Latim .....	140
Apêndice III – Quadro alusivo às aulas lecionadas a Português.....	157
Apêndice IV – Quadro alusivo às aulas lecionadas a Latim .....	159
Apêndice V – Quadro alusivo às atividades extralectivas.....	162
Apêndice VIII – 1. <sup>a</sup> atividade de compreensão de Português: roteiro de aula e recursos utilizados .....	164
Apêndice IX – 2. <sup>a</sup> atividade de compreensão de Português: roteiro de aula e recursos utilizados .....	182
Apêndice X – 3. <sup>a</sup> atividade de compreensão de Português: roteiro de aula e recursos utilizados .....	196
Apêndice XI – 4. <sup>a</sup> atividade de compreensão de Português: roteiro de aula e recursos utilizados .....	207
Apêndice XII – 1. <sup>a</sup> atividade de compreensão de Latim: roteiro de aula e recursos utilizados .....	219

Apêndice XIII – 2.<sup>a</sup> atividade de compreensão de Latim: roteiro de aula e recursos utilizados ..... 231

Apêndice XIV – 3.<sup>a</sup> atividade de compreensão de Latim: roteiro de aula e recursos utilizados ..... 245

## Introdução

Inserido na Prática Pedagógica Supervisionada bidisciplinar, o presente Relatório descreve atividades desenvolvidas em duas turmas do 10.º ano de escolaridade, uma de Português, outra de Latim. Pretende contribuir para o desenvolvimento da competência de compreensão textual, tendo por base as Metas Curriculares e os Programas de Português e de Latim do referido ano.

O tema relaciona-se com o gosto pela História da Antiguidade Romana e pela épica camoniana, cuja admiração pretendi transmitir para os alunos.

Assim, o objetivo geral do Relatório é desenvolver um estudo centrado na abordagem da figura do herói nas disciplinas de Português e de Latim, no 10.º ano de escolaridade.

De uma forma mais específica, é minha intenção descrever o herói presente n' *Os Lusíadas*, identificar as linhas transversais que, diacronicamente, complementam o modelo de herói, reconhecendo essa estrutura no herói clássico, tendo como exemplo a obra virgiliana, *Eneida*, e, ainda, trechos da descrição dos feitos históricos Romanos narrados por Tito Lívio.

Ciente de que a compreensão textual tem um carácter fundamental nas aulas de qualquer disciplina, reforço a ideia de que é nas disciplinas de língua, espaços que abraçam várias áreas do saber, que a mesma deve ser trabalhada constantemente e assumir uma atitude gradativa em termos de dificuldade, para que seja possibilitada uma análise interpretativa cada vez mais eficaz.

O meu contributo no processo de ensino-aprendizagem de modo a tornar mais proficiente a compreensão do texto na sala de aula, prendeu-se com as atividades que apresentarei ao longo do Relatório. Se, por um lado, as turmas em que realizei o meu Estágio pedagógico eram distintas, por outro, o facto de ambas corresponderem ao mesmo nível de escolaridade, o décimo ano, permitiu-me comparar de uma forma mais nítida o nível em que ambas se encontravam.

O presente Relatório encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, caracteriza-se a escola onde decorreu a Prática Pedagógica Supervisionada, assim como as turmas afetas à estagiária; no segundo, reflete-se sobre a trajetória do Estágio. No terceiro capítulo, apresenta-se o enquadramento teórico que sustenta a abordagem da figura do herói em temporalidades distintas. Posteriormente, procede-se à didatização desse tema, seguindo-se uma síntese sobre o modo como foi operacionalizado em sala de aula, através de atividades de compreensão textual, objeto de descrição, análise e interpretação.

Por razões de economia de espaço, existem informações que se encontram disponibilizadas nos anexos.

# Parte I – Prática pedagógica supervisionada

## 1.O contexto socioeducativo

### 1.1.A cidade da Figueira da Foz

Localizada no concelho da Figueira da Foz, a Escola Secundária Dr. Bernardino Machado acolheu-me no Núcleo de Estágio de Português e de Latim, a fim de realizar a minha Prática Pedagógica Supervisionada.

A 40km da capital de distrito, Coimbra, o município da Figueira da Foz conta com um total de 62000 habitantes, distribuídos pelas suas 14 freguesias. Abraçado pelo Oceano Atlântico, a oeste, é limitado, a norte, por Cantanhede e por Montemor-o-Velho, a leste, e por Pombal, a sul.

A cidade da Figueira da Foz teve a sua origem no final do século XVII, resultando da formação de um pequeno aglomerado à beira do Mondego, que via, na sua excelente localização geográfica, a possibilidade do desenvolvimento de uma “Política Mercantilista” para “o aproveitamento das riquezas naturais do território” (BABO: 2003, 9).



Figura 1 Ilustração do Programa das Festas à Colónia Balnear, Agosto de 1931 (BABO, 2003. Contracapa)

Por seu turno, o extenso areal que a caracteriza é considerado dos mais amplos da Europa e confere à Figueira da Foz a designação de “Rainha da Costa de Prata”. O mar ocupa um lugar de relevo na vida do município, sendo a sua tradição marítima comprovada pelos próprios pescadores, bem como pela presença de barcos piscatórios, pela existência de um porto comercial e de um estaleiro naval e ainda pela excelente qualidade do peixe que se encontra exposto nas bancas do Mercado Municipal Engenheiro Silva<sup>1</sup>.

Para além disso, da cidade fazem também parte muitos espaços verdes, observáveis não só pela presença de vários parques, mas também pela Serra da Boa Viagem, palco cinematográfico do filme “Embargo”, de António Ferreira, por exemplo, e lugar de refúgio, onde os cidadãos procuram o sossego e a tranquilidade que não encontram noutros locais da cidade.

<sup>1</sup> Francisco Maria Pereira da Silva (1813-1891). Vice-almirante e engenheiro hidrográfo. Figura de inegável importância no campo da farolagem e balizagem do país.



A contribuir para a variedade natural deste cenário aliam-se os arrozais, que dão cor e uniformidade aos campos na zona envolvente.

Assim, agricultura e pesca andam de mãos dadas num tempo e num espaço onde há também lugar para uma atividade urbana atual e em constante crescimento, nomeadamente ao nível de uma oferta que abrange o desporto (ciclovias, piscinas, parques de *skate*), a cultura (festivais, espetáculos e sessões com vários escritores), dinamizando espaços do casino da Figueira da Foz e do Centro de Artes e Espetáculos (CAE).

A par da atividade cultural, na qual se destacam o CAE, a Biblioteca Municipal (fundada em 1908), o Museu Doutor Santos Rocha e o Arquivo Fotográfico, encontramos também espaços dedicados ao lazer, como hotéis e unidades de cuidados voltadas para o bem-estar físico (*spas*), o Casino Figueira, considerado o mais antigo da Península Ibérica, e o Coliseu Figueirense.

Este interesse turístico tem raízes no séc. XX quando, “em 1953, foi inaugurado, não só o Grande Hotel, (...) mas também a Piscina Praia”, que constitui o “ex-libris da Figueira” (SANTOS: 2004, 110-111).

Em suma, a Figueira da Foz contempla um cenário perfeito onde cores, cheiros e sons se mesclam, transmitindo uma paz e um equilíbrio que se completam quando experimentamos o prazer de caminhar, descalços, pelos inúmeros grãos de areia.

## **1.2. A escola**

Bernardino Machado nasceu em 1851 e é natural do Rio de Janeiro. Realizou o doutoramento em Filosofia na Universidade de Coimbra, destacando-se na política e na educação. Por dois períodos, ainda que curtos - de 5/10/1915 a 5/12/1917 e de 1925 a 1926 -, foi Presidente da República. Estudou pedagogia, pensamento político e gestão comercial, publicando obras relevantes nestas áreas<sup>2</sup>.

Foi escolhido como patrono desta Escola, inserida num dos quatro agrupamentos do concelho. A Escola é a sede do Agrupamento de Escolas Figueira Mar, estabelecido no ano letivo de 2012/ 2013, e constituído por mais seis instituições.

Localizado entre as ruas Visconde da Marinha Grande, dos Bombeiros Voluntários e Fernandes Coelho, o edifício da Escola Secundária Dr. Bernardino Machado pertence à

---

<sup>2</sup> Cf. e.g.: *Notas d'um Pae*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1897; *Pela Liberdade*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1901.

freguesia de Buarcos/ S. Julião. A Escola encontra-se cercada por polos culturais que continuamente a beneficiam na troca de saberes de diversa ordem. De facto, o Museu Municipal Dr. Santos Rocha, a Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, o Centro de Artes e Espetáculos, entre outras instituições, dão à escola o benefício de uma contínua formação e variedade de conhecimentos.



*Figura 2 Comemoração do centenário da Escola Dr.º Bernardino Machado (BBO:2003, 12)*

Este estabelecimento de ensino nasceu em 1888, sendo o mais antigo da cidade.

O agrupamento integra mil duzentos e quinze alunos, vindos, em grande maioria, da freguesia de Buarcos. No que diz respeito ao corpo docente, estima-se que 81.3% se encontra já efetivo no agrupamento, acompanhando o desenvolvimento dos alunos, muitas vezes desde a educação pré-escolar até ao final do ensino obrigatório, bem como a evolução das instituições pertencentes ao agrupamento.

Por sua vez, o corpo não docente compreende 55 assistentes, dos quais 75% são assistentes operacionais.

Quer a sede do Agrupamento, quer as escolas que dele fazem parte, são dotadas de espaços de apoio aos alunos.

Além das Bibliotecas Escolares e dos Laboratórios e espaços oficiais, existem também docentes especializados para prestar o devido auxílio a alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), função assegurada, em simultâneo, pelas unidades de Ensino Estruturado de Autismo e pelo Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância. É relevante acrescentar ainda os serviços de Psicologia e Orientação Escolar e o Apoio ao Aluno e à Família, bem como o centro de Atividades de Tempos Livres, com a função principal de integrar o aluno na sociedade.

O Doutor Pedro Mota Curto gere e administra o agrupamento.

A unidade orgânica preza uma noção de escola de todos e para todos, como se encontra expresso no Projeto Educativo da Escola, que “mantém os objetivos preconizados pelos estabelecimentos de ensino que agora integra: o sucesso dos alunos, a diminuição do

abandono escolar, a escola inclusiva. Um outro objetivo permanente é o de procurar que o Agrupamento funcione como um elevador social”<sup>3</sup>.

### **1.3. As turmas**

A informação relativa à caracterização das turmas consta, desde o início do ano letivo, no Plano Individual de Formação (PIF) de Português (Apêndice III: 123) e de Latim (Apêndice IV: 124).

#### **1.3.1. A turma de Português**

A turma de Português do 10.º B tem 18 alunos, dos quais 10 são do sexo feminino e 8 do sexo masculino. As suas idades encontram-se entre os 14 e os 16 anos. No final do 1.º período, uma aluna veio a desistir, tendo, entretanto, ingressado um novo aluno.

A turma acolhe ainda 1 aluna com NEE, devido à dislexia, a qual beneficia de apoio pedagógico apropriado e personalizado.

Não há qualquer registo de mau comportamento, sendo considerada uma turma calma e com um aproveitamento excelente.

#### **1.3.2. A turma de Latim**

A turma A do 10.º ano tem 27 alunos. No entanto, sendo a disciplina de Latim opcional no plano de estudos do ensino secundário, a turma conta apenas com a presença de 15 estudantes; é constituída por 4 rapazes e 11 raparigas, com uma média de 15 anos de idade.

Ainda que 4 dos 15 alunos tenham sido inseridos na turma tardiamente, pois consideraram as aprendizagens dos colegas na disciplina uma mais-valia com carácter transversal, o acompanhamento da aprendizagem de todos os alunos decorreu sem quaisquer problemas, tratando-se de um grupo tranquilo e com um comportamento satisfatório, que se mostrou empenhado em aprender e querer saber sempre mais.

---

<sup>3</sup><http://www.aefigueiramar.pt/siteag/images/PDF/ProjetoEducativo27junho2014.pdf> p.4 (consultado a: 24/04/2016).

## **2. Reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada**

Neste capítulo, pretende-se expor alguns momentos, de entre muitos, que contribuíram para o meu crescimento, quer a nível profissional, quer a nível pessoal. Considero oportuno começar por indicar que a minha experiência na área do ensino era nula, à exceção de uma aula que lecionei para as minhas colegas (Catarina Santos e Soraia Sousa) na Unidade Curricular de Didática do Latim<sup>4</sup>.

Esta experiência, ainda que singular, contribuiu para que o meu desejo em partilhar com os alunos conhecimentos de diversa ordem aumentasse. Ao mesmo tempo, a partir daquele momento, as minhas planificações teóricas das restantes cadeiras de Didática passaram a encerrar um pendor mais realista, não só a nível da gestão do tempo mas também relativamente à necessidade de ir preparada para o conteúdo a lecionar e para as dúvidas e imprevistos que pudessem surgir durante a aula.

Sabendo que, “O passo que o homem dá para a frente tem na pegada anterior a sua condição de possibilidade” (CATROGA: 2009, 7), tenho consciência de que os conhecimentos teóricos adquiridos no primeiro ano do mestrado depositaram em mim motivação e segurança para encarar o novo desafio que se avizinhava, o Estágio.

Numa realidade escolar e num meio urbano completamente estranhos considerei, agradavelmente, que este era o início de um novo ciclo, com todos os desafios que uma nova jornada implica, para o qual tinha de estar preparada.

Desde cedo, pude contar com a amizade e o apoio de todos aqueles que me rodeavam, particularmente, as Professoras Orientadoras de Português e de Latim, respetivamente, Professora Júlia Rodrigues e Professora Teresa Carriço, que facilitaram a integração e me auxiliaram na prática docente.

Para além disso, o núcleo de Estágio, constituído por mais duas colegas (Catarina Santos e Soraia Sousa), mostrou-me como é fundamental não trabalhar sozinha e as vantagens que daí advêm.

---

<sup>4</sup> Unidade Curricular do 1.º Ano lecionada pela Doutora Cláudia Cravo – 1º Semestre do Mestrado em Ensino de Português e Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

No que ao carácter científico diz respeito, realço primeiramente que o Estágio contribuiu para o meu amadurecimento e crescimento intelectual. Os constantes conselhos e a persistência das Orientadoras da Escola imprimiram em mim um rigor crescente e uma posição crítica perante aquilo que sou e o modo como me comporto no espaço de sala de aula.

Alertaram-me, assim, não só para a necessidade de contrariar a tendência monocórdica da minha voz, mas também para melhorar a sua projeção. Indicaram ainda que deveria ter uma circulação mais ativa, aproveitando o espaço da sala. Estes e outros conselhos iriam contribuir para melhorar a minha dinâmica e expressividade.

A par destes aspetos, as questões primordiais para as quais, quer os docentes da Faculdade de Letras, quer as Orientadoras da Escola tinham já alertado são para mim os saberes científicos mais relevantes a ter em conta.

Na verdade, considero mesmo que a segurança do professor em termos científicos, a par de um sólido capital cultural, permite-lhe um maior controlo do imprevisto e uma maior confiança na construção do saber. Para além de que um aluno mostra-se mais atento e interessado quando sente que pode aprender com o docente, não só o objeto de estudo daquela aula, mas também conhecimentos a outros níveis, o que exige do professor um conhecimento transversal e atual.

Como afirma SIM-SIM: 2007, 119 – “o grande desafio colocado às escolas de formação é serem capazes de integrar conhecimentos oriundos de domínios científicos diversos, materializando, assim, a emergência da “tal” de identidade docente”. Nesse sentido, e fazendo jus à abrangência do conhecimento do professor de Português, tentei sempre construir materiais que contemplassem diversos domínios (a leitura e a escrita, a oralidade e a gramática, a literatura e a cultura) e fossem pertinentes para o conteúdo em estudo.

Desse modo, no tocante à planificação da prática letiva, a minha primeira preocupação foi assegurar que não existiam dúvidas quanto ao conteúdo a lecionar. Nesse sentido, quando planificava, elaborava um plano reflexivo, questionando-me quanto a eventuais dúvidas e dificuldades de compreensão por parte dos alunos.

No que diz respeito às estratégias didáticas, importa que captem a atenção dos discentes, motivando-os durante a aula. Assim sendo, levei para a aula documentos,

entrevistas, excertos cinematográficos, em suma, curiosidades que permitiram conhecer a diversidade cultural a nível mundial e despertar a atenção por temas da atualidade. Acresce que procurei recorrer a estratégias que iam ao encontro dos gostos e interesses da turma, nomeadamente relacionadas com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Em suma, tratou-se, numa primeira instância, de relacionar os conteúdos com a atualidade, não esquecendo a importância dessa transposição para o interesse do aluno e para a utilidade do que está a ser ensinado.

Assim, e não descurando o equilíbrio entre liberdade e autoridade na sala de aula, apostei na motivação dos alunos, não só com materiais criativos mas também com uma relação de professor-aluno que me permitisse conhecê-los melhor e deixá-los confortáveis (Cf. RAFAEL: 2005, 170).

A opção pela criatividade, de aula para aula, na abordagem dos diversos conteúdos, foi beneficiada pela riqueza cultural inerente às Humanidades, que procurei sentir e fazer sentir aos meus alunos.

“É certo que as humanidades são a instância do discurso e da transformação social. São a voz da insatisfação e da procura da liberdade, em contraste com as ciências exatas e laborais que (...) servem um mundo planificado. (...) Na realidade, o mundo é sempre maior e o caminho do humano é o da criatividade de espírito, para um futuro sem limites” (VERDELHO: 2013, 14).

Embora a lecionação de Português e de Latim tenha ocorrido em turmas distintas, sublinho a mais-valia que o Estágio bidisciplinar proporcionou na minha formação, na medida em que pude confrontar universos culturais que se entrecruzam e complementam. Assim, ter conhecimentos de Latim permitiu-me, muitas vezes, esclarecer dúvidas e satisfazer olhares curiosos na turma de Português como, por exemplo, aquando da abordagem da etimologia das palavras e da evolução fonética. No âmbito cultural, foi igualmente enriquecedora a intertextualidade operada no que diz respeito a temas, personagens, símbolos, contextos, entre outros exemplos.

Senti que, ao tornar evidente a presença da mitologia e dos valores clássicos nas aulas de Português, nomeadamente nas obras literárias nacionais que tanto devem ao saber dos

Antigos, e nas aulas de Latim, as mesmas tornaram-se mais significativas, quer para mim, quer para os alunos, com o seu olhar sempre atento.

Ao longo da minha prática letiva, procurei privilegiar, igualmente, uma aprendizagem pela descoberta<sup>5</sup>, não descurando, porém, o método expositivo, pois considero que deve existir um equilíbrio entre ambos.

Este método “híbrido” é, para mim, aquele que deve existir e prevalecer nas aulas, tendo sempre em consideração a turma, pois tal como Garcia afirma

“El alumno, de forma única e individual, ha de tener a su alcance una educación basada en su motivación, intereses y capacidades de aprendizaje. Para dar respuesta a esta diversidad se plantea la realización actividades o ejercicios apropiados, abundantes y variados, con el fin de afianzar los contenidos lingüísticos, culturales y léxicos”<sup>6</sup>.

Para isso, investi em metodologias adequadas a uma construção eficaz de conhecimentos. A título de exemplo, realço o reforço constante do conteúdo lecionado, através de exercícios, orais e escritos, o que me dava indicação de poder ou não prosseguir; destaco também a recuperação dos conteúdos, por parte dos alunos e conduzida por mim, em todos os inícios de aula; a indicação, com a conclusão do conteúdo em estudo, de bibliografia de apoio (quer de livros de exercícios, manuais ou mesmo fichas de síntese elaboradas por mim), para que os alunos estudassem em casa; a elaboração de breves sínteses no decorrer da aula e, no início do ano, a elaboração do sumário, em conjunto, no final de cada aula. Por uma questão de melhor gestão de tempo, a partir do 2.º Período deixei de fazer o sumário com os alunos.

A minha dedicação na preparação das aulas teve um significado especial aquando da “aula aberta”<sup>7</sup>. Com efeito, tratou-se de uma excelente iniciativa para verificar se realmente me sentiria segura numa aula de Latim, cujo plano foi da minha inteira responsabilidade e autoria. Mais do que em qualquer outra, senti-me ansiosa e responsável, sentido de uma forma

---

<sup>5</sup> Cf. FIGUEIREDO: 2004, 95 - deve-se optar pelo incentivo da aprendizagem por parte do aluno, pois “A leitura escolar do discurso literário nos manuais de textos encaminha o leitor (...) [para] uma leitura obrigatória e as respostas pedidas só se ficam por uma espécie de paráfrase; o prazer da descoberta, em que se antecipa a polissemia activa dos sentidos possíveis, jamais é solicitado”.

<sup>6</sup> <http://www.thamyris.uma.es/Thamyris2/HUSILLOS.pdf>, p.11 (consultado a: 06/05/2016).

<sup>7</sup> A Professora Orientadora Teresa Carriço propôs às estagiárias que a aula número oito, a Latim, fosse elaborada sem que ela tivesse conhecimento, com o objetivo de avaliar a nossa prestação e autonomia.



singular a necessidade de colocar em prática todas as aprendizagens adquiridas. Foi com orgulho e satisfação que senti que a aula decorreu com naturalidade e espontaneidade, o que me deu mais confiança dali em diante.

Uma descoberta curiosa foi também a adequação do tema do meu Relatório de Estágio à prática letiva. Foi desafiante e motivador observar que a prática, por vezes, não é tão linear quanto se possa pensar, ou seja, a estratégia inicialmente delineada foi constantemente readaptada, dado o conhecimento que fui adquirindo das características da turma. Assim, se a estratégia inicial passava por uma visita de estudo ao museu dos Descobrimentos, a uma exposição sobre os Descobrimentos Portugueses e a Expansão Romana na escola, por um trabalho, em pares, a realizar na rua, de sensibilização para o mundo Desconcertante em que vivemos, entre outras atividades que visavam um maior distanciamento do contexto escolar e das obras em estudo, ao longo do ano fui readaptando as estratégias por forma a fazer mais uso de fontes bibliográficas e a privilegiar o espaço da sala de aula.

No entanto, nem tudo teve necessidade de ser reformulado, pois desde sempre vi no tema do meu Relatório de Estágio a oportunidade de mostrar ao aluno a vasta riqueza das línguas e das culturas latina e portuguesa. Naturalmente que a opção por manter este objetivo trouxe como consequência novos obstáculos. O extenso programa do décimo ano e a obrigatoriedade de cumprir todas as sequências, ainda que com mais flexibilidade na disciplina de Latim, foram condicionando o prazer da descoberta e a vivência da temporalidade inerente aos processos de ensino-aprendizagem, pois, por vezes, a transposição didática revela-se mais difícil do que aparenta (Cf. CHEVALLARD: 1991, 36).

Ainda que nem todas as aulas que lecionei envolvessem diretamente a exploração do tema do meu Relatório de Estágio (ao nível do trabalho com o texto), sinto-me satisfeita por, em todas elas, apelar ao sentido crítico e à consciência do papel ativo do aluno enquanto cidadão.

Assim, reservei sempre alguns momentos da aula para uma reflexão crítica acerca dos valores ético-morais que devem sustentar a sociedade. Procurei que os alunos contactassem com os princípios de cidadania, alertando-os para a forma como, tal como os heróis de outrora resolveram os grandes problemas da sua sociedade, os heróis de hoje (cada um de nós) podem ter igualmente um papel preponderante na resolução dos problemas da coletividade.

Os quadros que dão conta das aulas que lecionei na disciplina de Português e na disciplina de Latim encontram-se nos apêndices V e VI, nas páginas 157 e 159, respetivamente<sup>8</sup>.

É importante salientar que quase todos os textos lecionados na disciplina de Latim foram elaborados por mim, com o aval incondicional da Professora Orientadora da escola. Ainda que seja fruto de uma opção pessoal, a verdade é que também é difícil encontrar textos apropriados ao nível do Latim - Iniciação que atendam ao patamar de conhecimento dos alunos e ao objeto de investigação neste trabalho.

Por outro lado, optei sempre por dinamizar didaticamente a forma como os textos eram estudados, o que exigiu de mim alguma adaptação, dada a necessidade de facultar aos alunos textos com uma estrutura padronizada. Esta medida só foi possível pelo espaço de liberdade que o Programa de Latim confere.

Não posso deixar de referir, ainda, as atividades extraletivas em que participei e que contribuíram, igualmente, para o meu desenvolvimento profissional. Desse modo, em conjunto com a área de Estudos Clássicos da FLUC, foram dinamizadas palestras no âmbito do projeto *Carpe Scholam!*<sup>9</sup>, proferidas por docentes dessa instituição (Apêndice VII: 162).

Destaco particularmente a visita a Conímbriga<sup>1</sup>, na qual fui convidada a fazer parte do grupo de monitores que auxiliavam os alunos nas atividades, no dia 3 de maio, e o Projeto Pequena Infância (PI)<sup>2</sup>, cuja dinamização foi possível graças ao apoio e disponibilidade incondicional da Dr.<sup>a</sup> Elisabete Cação.

Dada a necessidade de alertar para a importância do estudo da Cultura Clássica, considero pertinente apostar nestas iniciativas que conferem uma renovada dinâmica ao ensino e aprendizagem na disciplina de Latim.

---

<sup>8</sup> De acordo com o n.º 1.1.4.2. do Plano Anual Geral de Formação 2015-2016, “o número mínimo de atividades letivas que cada Estagiário tem de assegurar situa-se entre 28 e 32 aulas de 45 minutos ou entre 14 e 16 aulas de 90 minutos, divididas equitativamente pelas duas áreas de formação”. Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano\\_anual.pdf](http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano_anual.pdf).

<sup>9</sup> De acordo com o ponto VII a. “A Secção de Estudos Clássicos da FLUC oferece às Escolas do Ensino Básico e Secundário, e muito em especial à Escola que recebe o Estágio Pedagógico de Latim, um vasto leque de iniciativas no âmbito do projeto *Carpe Scholam!*”. Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano\\_latim.pdf](http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano_latim.pdf).

Saliento ainda que, durante o ano letivo, e cumprindo o meu PIF, mantive, às quintas-feiras, a aula de apoio à disciplina de Latim, de carácter opcional e aberta a qualquer aluno, que se revelou uma experiência bem-sucedida.

Ressalvo ainda a minha participação nas reuniões do Conselho de Turma e do Grupo Disciplinar de Português. Como professora da turma, era importante observar e participar na forma como os alunos eram avaliados e verificar as condicionantes sociais que impendiam sobre esse processo, já que aí eram discutidos aspetos relacionados com o seu aproveitamento e com o funcionamento da escola.

Findado o ano letivo, observo que o complexo e abstrato se objetivaram de uma forma agradabilíssima. Os receios e hesitações, quanto ao facto de esta ser mesmo a melhor profissão para mim, desapareceram.

Terminado o Estágio, considero-me apta para conciliar as áreas do “saber”, do “estar” e do “fazer”, explicitadas nos Planos Anuais de Formação de Estudos Clássicos e de Português, vigentes na FLUC<sup>10</sup>.

No entanto, e já mais distanciada do Estágio Pedagógico Supervisionado, julgo que o trabalho que realizei é apenas um ponto de partida para um trajeto que se advinha longo.

Considero que devo ser mais rigorosa e organizada, que devo ler com mais atenção os materiais que elaboro e melhorar a minha leitura do texto latino. De igual modo, devo corrigir o comportamento dos alunos com mais assertividade e trabalhar constantemente na formulação de questões.

Concluindo, considero que o Estágio me mostrou que ser professor é diferente de ter outra profissão. Ser professor é saber ser humano, é saber que um aluno é alguém que procura em nós muito mais que um docente. Saio mais segura, mais confiante, mas também mais sensível e mais dedicada à turma, no global, e ao aluno individualmente.

---

<sup>10</sup> De acordo com os documentos de avaliação facultados no início do ano letivo.

## **Parte II – Dos heróis de ontem aos de hoje. Experiências de compreensão textual nas disciplinas de Português e de Latim**

### **1. A estrutura épica**

Vivemos hodiernamente num mundo onde não se enfrentam dragões, monstros, tampouco se realizam conquistas e vitórias dignas de um enaltecimento eternizado pelo melhor instrumento dos heróis, a escrita.

A pena que louvava os feitos únicos e incomparáveis, num registo apenas à altura dos verdadeiros heróis, descansa hoje, no mesmo local onde jazem todos os receios de séculos antigos. Por que não escrevemos hoje epepeias? Falar em epepeia é como que acordar o temível e o desconhecido. A estrutura épica mantém-se num patamar respeitável e firme desde sempre.

Afirma Aristóteles que a epepeia é, em conjunto com a tragédia, a comédia e a poesia ditirâmbica, demarcada pela característica da imitação (*imitatio*), ainda que difira em alguns aspetos das anteriores. O mesmo autor explica, numa analogia perfeita com a pintura que, por exemplo, “Polignoto desenhava os homens mais belos, Páuson mais feios, e Dionísio tal e qual eram” (ARISTÓTELES: 2011, 1448 a, 5-7). Assim também cada um dos géneros literários representa o homem na sua diversidade.

A crença na moralidade prende-se com algo tido como natural. Se, por um lado, o homem é um ser que imita, capacidade que lhe permite adquirir conhecimentos, por outro lado, sente prazer nas imitações.

A epepeia caracteriza-se ainda pelo metro uniforme e por ser uma narrativa, que compreende várias unidades menores, ainda que sempre ligadas por um fio condutor à célula principal.

Apesar das várias semelhanças com a tragédia clássica, difere dela pela sua extensão, composição e métrica. A característica que se prende com a extensão deste género literário deve-se à possibilidade de contar várias narrativas ao mesmo tempo. A tragédia esforça-se “o mais possível por durar uma só revolução do Sol” (ARISTÓTELES: 2011, 1449 b, 12) enquanto a epepeia não tem limite temporal. “Este privilégio contribui, assim, para dar

grandiosidade, proporcionar uma mudança ao ouvinte e introduzir variedade com episódios diversos” (IDEM: 1459 b, 28-30).

A mitologia é uma outra característica a ter em conta no estudo da épica, pois é uma constante da sua estrutura, constituindo a *Ilíada* e a *Odisseia* modelos exemplares e consagrados da epopeia clássica.

De acordo com a narração sobre Ulisses na *Odisseia*, devemos ter em conta que algumas ações podem ser suprimidas ou modificadas, conforme convier à construção poética. Seja qual for a opção, a ação deve ser una e constituir um todo que se tornará incoerente se for deslocado ou alterado.

A função do poeta não é, então, contar o que aconteceu, mas sim aquilo que eventualmente poderia ter acontecido, respeitando o princípio da verosimilhança e da necessidade, sendo esta a condição que o diferenciara do historiador. Este privilégio permite à poesia elevar-se perante a História (Cf. REIS: 2008, 403), cabendo à primeira o universal e à segunda o particular (Cf. ARISTÓTELES: 2011, 1451b, 6-12.). Nesta linha de pensamento, Fernando Catroga defende que,

“por aqui se vê que, na hierarquia dos saberes, mesmo a poesia seria superior à história, dado que esta, limitada à descrição do que se move e aparece, só podia emitir a mera opinião (*doxa*), narrando, portanto, uma coleção de factos particulares, enquanto aquela revelava capacidade para formular juízos mais universais” (CATROGA: 2009, 60).

Entramos assim na elocução (*elocutio*), fundamental também para a criação daquilo que não existiu mas é verosímil: “uma vez que o poeta é um imitador (...) imita sempre necessariamente uma de três coisas possíveis: ou as coisas como eram ou são realmente, ou como dizem e parecem, ou como deviam ser” (ARISTÓTELES: 2011, 1460 b, 9-11).

Uma outra característica diz respeito à elevada condição social dos heróis, à grandeza e exemplaridade das suas ações. Assim, tal como na Antiguidade Clássica, quando o herói encarna a figura de um príncipe, de um rei ou de um grande senhor, os seus ideais religiosos, políticos e sociais são tomados como modelos a seguir.

No respeitante à métrica, afirma ARISTÓTELES: 2011, 1449 a, 26-28 que a epopeia, por excelência, requer o hexâmetro dactílico (CF. SILVA: 2010, 345).

## **2.A figura do herói em autores latinos**

### **2.1. O exemplo virgiliano**

Desde sempre, os homens têm a árdua tarefa de optar por um dos caminhos: escolher entre ficar preso ao passado ou seguir em frente.

A escrita tem o importantíssimo papel de gravar todos os acontecimentos. Dor, saudade, história e fantasia mesclam-se em textos que fazem reviver um passado imemorial.

Nesta linha de pensamento, João Maria André afirma que

“Estudando línguas, literaturas e culturas aprendemos o valor da palavra, falada e escrita, a importância das formas de comunicação entre os homens, a beleza de um poema ou a maravilhosa arquitetura de um romance, entramos nos mundos da cultura que os homens constroem pelo seu poder discursivo e pela força e plurivocidade das suas linguagens” (ANDRÉ: 2012, 297).

Os acontecimentos históricos reúnem igualmente mensagens que preservamos e aprendizagens que ficam para a eternidade, designadamente a um nível ético e moral. No entanto, mais uma vez, a escrita ganha uma maior substância quando se funde com os valores humanísticos.

O fascínio pela História de um povo como o romano permanece nos nossos dias. É o que se verifica em relação a líderes romanos, cuja ação, por modelar ideais de suma importância para a vida da urbe, continua a servir de modelo inspirador para muitos líderes mundiais.

E, se alguma dúvida se tiver quanto à grandeza do povo Romano, Defrasne explica que

“Tem a palavra a história, narração verídica dos esforços, das lutas e dos sofrimentos dos homens.

E (...) alguma história de outro povo atingiu porventura a tensão dramática da história de Roma? Toda ela se desdobra como um vaso fresco épico onde sobressai a vida de um povo que possuía no mais alto grau não só uma gravidade e uma violência naturais, mas também o sentido de grandeza” (DEFRASNE:1965, 7).

Não fosse a escrita e o seu registo, viveríamos hoje num presente incompreendido, o que resultaria, não tenho dúvidas, numa pobreza cultural e numa desorientação solitária e fatal para a sociedade enquanto coletividade.

Assim, identifico-me com a afirmação de Fernando Catroga, quando defende que

“É lógico que as núpcias da ideia de humanidade com a de progresso se tenham celebrado no reconhecimento da história como uma realidade dinâmica que arrastava, não uma sua parte ou uma sua faceta, mas o espírito humano como um todo envolvente, devido à sua infinita potencialidade de aperfeiçoamento. E a tal capacidade explicitaria um tempo acumulativo e contínuo, em que o passado, sem a retrospectiva, estaria condenado a ser o mundo silencioso da eterna e imutável irreversibilidade que indicava uma direção única para o futuro” (CATROGA: 2009, 169).

Nesse sentido, de modo a compreendermos o presente, recorreremos muitas vezes a um passado que, através da escrita, responde a várias questões. É o que sucede, por exemplo, quando Virgílio, na *Eneida*, nos explica que por se acreditar na inseparabilidade do corpo e da alma, se encerravam as pessoas nos seus túmulos (morada *post mortem*), com os pertences mais queridos<sup>11</sup>.

Reitero que é essencial assegurar sempre uma transmissão crítica dos factos pois, como acontece com Tito Lívio, história e poesia mesclam-se, no intuito de engrandecer acontecimentos, suscetíveis de não terem um entendimento tão literal. No que concerne aos valores representados pelas grandes epopeias da Antiguidade Clássica e perante as questões que se colocam em torno da importância dos estudos clássicos na atualidade, importa refletir

---

<sup>11</sup> O modo como era celebrada a cerimónia fúnebre aparece descrito em vários momentos da *Eneida*. A título de exemplo veja-se III. 47-75; VI. 706-737e XI. 59-95.



sobre o modo como o Homem de hoje vê um poeta, como Virgílio, que se tornou objeto de admiração e estudo ao longo de diferentes épocas e lugares.

QUINT: 1950, inicia o capítulo *Repetition and ideology in the Aeneid* evidenciando que Virgílio fez mais do que narrar a vitória épica de Eneias. Na verdade, optou também por expor o lado dos vencidos, realçando o carácter humanístico de Eneias e a fragilidade do herói, colocando o leitor perante a ambivalência do ser humano.

O poema, afirma Quint, encontra-se entre duas formas de narrativa. A primeira procura o seu modelo na *Odisseia*, recuperando-o na descrição dos erros de Eneias e dos seus companheiros até chegarem ao Lácio. O segundo modelo, retomando o carácter, marcadamente bélico, da *Ilíada*, contempla as guerras que acabarão por dar a vitória a Eneias<sup>12</sup>.

Walter Medeiros, no artigo “A outra face de Eneias”, começa por afirmar que, há dois mil anos, Virgílio morrera infeliz, tendo esse sentimento passado para o seu maior testemunho, o poema épico.

Virgílio venerava apenas os generais que tivessem coração e considerava que “a vitória é uma derrota, a breve ou a longo prazo, se não for mortificada com a fraternização” (MEDEIROS: 1992, 8). Por isso, incutiu na sua obra a jornada de um herói solitário, com toda a dor que o acompanha durante a missão. O poeta procurou refugiar-se do mundo amargurado que presenciava.

O autor assegura ainda que o poema de Virgílio sofreu algumas alterações até chegar ao resultado que era desejado,

“uma epopeia nova e pessoal – a epopeia dos esforços (tantas vezes malogrados) de um homem para vencer o lastro do humano: a fixação no passado, o gosto amargo das lágrimas, a corrosão das dúvidas e da angústia, a tentação da barbárie em si e nos outros. Seria, no estilo e no desenvolvimento, uma epopeia *sui generis*, uma epopeia subjetiva. Subjetiva na empatia entre o autor e as personagens,

---

<sup>12</sup> Cf. “The poem falls into two halves, and these correspond to two narrative forms. The first, modeled on the *Odissey*, recounts the romance wanderings (...). The second, modeled on the *Iliad*, tells of the epic warfare from which they emerge victorious” (QUINT: 1950, 50).

subjetiva na correlação dos símbolos mitológicos com os acontecimentos psicológicos, subjetiva nas relações entre o herói principal e o seu criador” (IDEM: 1992, 11).

Assim, a atualidade da *Eneida*, poema épico que narra o caminho percorrido por Eneias até chegar à Península Itálica, reside exatamente no olhar do homem do nosso tempo, na sua própria contradição, assegurando-se a condição irrevogável da infeliz e trágica condição do herói, condição da própria humanidade.

O poema, considerado a expressão máxima da cultura de Roma, surgia na época “como a glorificação de Roma, da sua missão civilizadora. E, diremos também desde já, como poema da paz e da conciliação” (PEREIRA: 2002, 254).

Os valores épicos que se prendem com a noção de justiça, lealdade e clemência foram interligados com um novo conceito, “que começara a esboçar-se desde os mais antigos poetas, se afirmara com Cícero e atinge agora a plenitude – a noção da missão de Roma como pacificadora e organizadora dos povos” (PEREIRA: 2015, 124)<sup>13</sup>.

A missão de Eneias, herói da epopeia virgiliana, funde-se com a missão de Roma, que se encontra expressa em vários pontos do poema épico.

“Eneias é o herói estoico, como estoicos eram os Romanos que fizeram a grandeza da sua cidade, antes mesmo de terem assimilado o sistema filosófico grego que mais havia de coadunar-se com a sua índole. Os Romanos eram superiores pelos seus costumes e leis, pela sua disciplina; tinham mais *gravitas, constantia, magnitudo animi, probitas, fides*”<sup>14</sup>(IDEM: 2015, 127).

No final, estamos perante o sentimento de fragilidade contra a força, perante a oposição entre a vida e a morte, a esperança e a crueldade. Eneias falhou enquanto herói, pois encarnou o papel de revolta do lutador.

---

<sup>13</sup> A propósito dos valores que constituem o ideal romano veja-se GRIMMAL: 2009, 76.

<sup>14</sup> Cf. PEREIRA: 2002, 262-263. A autora afirma que o herói da epopeia virgiliana não é marcado pela coragem de Aquiles nem de decisões assertivas como as de Ulisses mas, no entanto, evidencia características de um herói estoico, próximo da mentalidade dos Romanos, como, por exemplo, a piedade, a compaixão sentida até por Turno, a dor e o sentimento de comiseração. A este propósito, a autora cita ainda W. SELLAR, na página 269, quando este afirma que Eneias se destina “a ser uma encarnação da coragem de um herói antigo, a justiça de um governante paternal, o doce humanismo de um homem culto que vive numa época de civilização adiantada, a santidade do fundador de uma nova religião de paz e pura observância, a afeição pelo pai e pelo filho, que era um dos mais fortes instintos da raça itálica”.

“Mas, se o herói falhou, o poeta não falhou: a tragédia da Eneida não é apenas um símbolo da tragédia da história romana – mas da vida dos homens em geral.

Ocorre talvez perguntar: quem é Eneias? Augusto, sem dúvida, na intenção geral do poema. Mas também Antônio, em Cartago; Heitor, vitorioso de Aquiles-Turno, no Lácio. E a outra face? O homem do passado, o homem das lágrimas, o homem da incerteza e da angústia, o homem das frustrações, o homem da vitória igual a derrota? (...) Eneias é, de algum modo, o próprio Virgílio” (MEDEIROS: 1992, 21-22).

Medeiros conclui assim que a epopeia humanista revela as duas faces de um guerreiro, a da força e da coragem e a da tragédia, da angústia. O autor afirma que tudo é desordem ao nível do indivíduo enquanto tudo é harmonioso aos olhos do universo. Vida e morte mesclam-se e assumem uma só face – a do Amor.

“Na luta entre a *clementia* para com o inimigo e a *fides* devida ao amigo, venceu esta última. Ora Eneias simbolizava o povo romano e este era o “povo da *fides*” (PEREIRA: 2015, 132).

Assim, o herói vencido pela cedência à raiva, com sede de vingança, revigoriza o conceito de herói, nele incorporando uma dimensão do humano.

“A mudança súbita que se opera no seu espírito leva-o a tomar de novo a espada, para que a justiça seja cumprida. (...) É esse toque de humanitarismo, somado a tantos outros que fulgem ao longo da obra de Virgílio, que concorre, e não pouco, para assegurar a perenidade do valor da sua mensagem e nos faz ver nele, ao lado do poeta da beleza, o poeta da grandeza de Roma e o poeta da paz” (PEREIRA: 2015, 135).

Entendemos, desta forma, que Eneias é o herói da paz, da fidelidade e da justiça, que só guerreia por força das circunstâncias e que é nessas guerras que as qualidades se tornam evidentes: “é contra vontade que sacrifica Lauso, a quem admira pela sua devoção filial (X.825-830), é por dedicação a Palante que não poupa Turno, de quem está quase a amercear-se, nos últimos versos do poema” (PEREIRA: 2002, 268).

A epopeia termina, com uma cena em que o passado desencadeia um turbilhão de sentimentos de vingança e de fúria, culminando na morte de Turno. Turno, rei dos Rútulos, a

quem tinha sido prometido o casamento com Lavínia, fora abandonado pelos deuses e, assim, acaba vencido sem glória, por Eneias, no último canto (Cf. VIRGILIO: XII. 938-952)<sup>15</sup>.

Este final tem dado azo a diversas interpretações por parte dos estudiosos. Saliento a visão de GALINSKY, referida por PEREIRA: 2002, aquando da afirmação de que

“devemos abandonar de vez a hipótese da visão denegrida de Augusto e de Roma por parte de Virgílio, e regressar ao texto; e este mostra-nos que o poeta não está “a apresentar-nos simplesmente uma abstração personificada das virtudes romanas e uma rede sofisticada de alusões aos seus antecessores literários, mas também uma figura humana credível”, que, aliás, é capaz de “ter piedade dos seus adversários, numa amplitude sem precedentes na épica heroica” (PEREIRA: 2002, 319).

Ao desconstruir a imagem vitoriosa do herói, sobrelevaram-se a dor, a saudade, o sofrimento. Um herói é herói também por acolher em si toda a infelicidade da humanidade.

Como Walter Medeiros afirma, Virgílio é o próprio herói, marcado por um sentimento patriótico e por assumir essa condição trágica da vida, que o poeta conhecia, trazendo à luz o lado negativo do herói.

Os cidadãos de hoje são cidadãos do mundo, onde o patriotismo e a heroicidade se regem por valores de um outro tempo histórico. Virgílio torna-se por isso mesmo um autor fundamental ao retratar na sua obra uma herança intemporal que continua a marcar-nos, que nos faz refletir e que nos mostra precisamente que uma vitória, por vezes, é uma derrota.

## **2.2. A historiografia e Tito Lívio**

Tito Lívio foi um dos historiadores que melhor serviu Roma e cujos textos são, ainda hoje, fonte de estudo e de conhecimento. Influenciou direta ou indiretamente muitos escritores ao longo dos tempos, nomeadamente Luís Vaz de Camões, autor da épica nacional. A relação que une os dois escritores em nada se compara com a distância espaço-temporal que os separa.

---

<sup>15</sup> Cf. PEREIRA, 2002, 259. A autora afirma que Eneias, já na condição de vencedor, “está prestes a perdoar a vida ao contendor, quando vê brilhar o boldrié de Palante; desfecha-lhe então o golpe final” acabando assim com a vida de Turno.

As narrativas historiográficas em que Camões se baseou têm reflexos inúmeros, marcadamente nas

“reflexões sobre o homem e a vida, (...) lembranças avulsas, como sejam a menção de ditos e feitos, a citação de varões ilustres, ou a referência aos grandes “*exempla*” da tradição heroica. E serão precisamente desta natureza os reflexos de Tito Lívio na epopeia camoniana” (GONÇALVES: 1945, 8).

Foi através dessas narrativas e, particularmente, de Tito Lívio, que Camões pôde aprender a “verter nas suas descrições magníficas de combates e empresas guerreiras, numa boa parte da arte bélica ou, como ele próprio disse, “disciplina militar prestante” (IDEM: 1945, 7).

Rebello Gonçalves apresenta como exemplo claro, de influência liviana n’*Os Lusíadas*, dois excertos onde são visíveis sinais da leitura do *Ab Vrbe Condita*, de Tito Lívio, por Camões.

“Um desses lugares é a est. 53 do canto IV, onde se compara o rasgo do infante D. Fernando, que preferiu o sacrifício da sua liberdade à perda de Ceuta, com vários exemplos antigos de sacrifício pela Pátria. [...] Admite-se a influência liviana no final da estância. Com efeito, se Camões tinha a história de Codro em Justino ou em Cícero e se igualmente em Cícero achava contada a de Atílio Régulo [...], a história de Cúrcio, que se precipitou numa cova em holocausto a Roma, e a dos Décios Leais, que deram a vida em troca de vitórias, era em Lívio que podia encontrá-las sugestivamente narradas” (IDEM: 1945, 9).

O outro exemplo assinalado pelo autor é referente à est. 21 do canto X, em que Duarte Pacheco Pereira aparece “comparado com gregos e romanos cujo heroísmo a história e a lenda sublimaram” (IDEM: 1945, 10).

Os reflexos de Tito Lívio tornam-se mais evidentes quando Camões se refere ao “mancebo Cocles”, pois o historiador referira-o como um “bravo moço a suster sozinho, na ponte sublícia, a irrupção violenta das tropas etruscas” (IDEM: 1945, 10).

Os exemplos explicitados por Rebello Gonçalves não constituem o total das representações existentes ao longo da obra camoniana. O mesmo autor não assegura que a influência de Tito Lívio tenha atuado de forma direta, podendo admitir-se que Camões

usufruiu dos escritos do historiador por via indireta, ou seja, por parte de outros escritores que tinham já aproveitado episódios historiográficos de Tito Lívio.

Ainda que a ligação direta não seja imperativa, a lição que Camões retirou dos historiadores antigos é inequívoca. Por outro lado, sabe-se também que a historiografia, ainda que distinta da poesia, muitas vezes se funde com o inverosímil, transpondo o texto para um nível enfático.

“Lembre-se que a narrativa liviana é particularmente épica quando apresenta, tal um poema, os deuses e os seus prodígios a pairarem sobre os destinos de Roma; quando pinta os guerreiros, nacionais ou de fora, com a soberba efígie e o majestoso porte de heróis lendários; quando narra cenas de aparatosa grandiosidade, espectaculares e solenes,” (IDEM: 1945, 11).

A tradição homérica, que servia como enciclopédia de saberes de diversa ordem, servia de igual modo de elevação e enaltecimento de uma ação guerreira, sem no entanto descurar as críticas de índole pessoal.

Camões aproxima-se de Tito Lívio em questões que se prendem com a paixão pela pátria, em que é evidente o apreço pelas virtudes dos heróis que ambos enaltecem. Valores como a bravura, a audácia e a lealdade estão sempre presentes nos seus textos. Camões e Tito Lívio não deixaram de observar criticamente defeitos como a crueldade, a dureza e a corrupção inerentes às ações humanas, como são exemplos, no caso liviano, pref., 5, pref., 11-12 e, no caso camoniano, o Canto V (ests. 92-100), VII (ests. 78-93), VIII (ests. 96-99) ou até mesmo o final do canto X, d’*Os Lusíadas*.

Um outro aspeto a observar é a atitude crítica que os dois autores, em épocas tão distintas, manifestaram face ao poder. Assim, tendo Tito Lívio gozado da intimidade de Augusto e Camões de D. Sebastião, ambos os escritores sublinham nos seus textos que a força dos governantes se deve à pátria. Por esta razão, o enaltecimento daqueles contraria qualquer ideia de bajulação dos poderes (Cf. GONÇALVES: 1945, 14).

Também em relação ao modo como pensaram a pátria, é possível estabelecer um paralelismo. Com efeito, idealizaram-na “como um conjunto de harmonia de perfeições, que magoadamente contemplam o espectáculo de decadência das respectivas épocas, tão

diferentes de séculos ainda não distantes em que floriavam virtudes primitivas” (IDEM: 1945, 14)<sup>16</sup>.

A este propósito, recordem-se os celebrados versos em que Camões se dirige à sociedade, lamentando que viva da cobiça e se encontre mergulhada numa “vil tristeza”, “O favor com que mais se acende o engenho/ Não no dá a pátria, não, que está metida / No gosto da cobiça e na rudeza /Duma austera, apagada e vil tristeza”<sup>17</sup>.

Em conclusão, e no que diz respeito à conceção heroica da Pátria, ambos a percecionam enquanto fonte de energia inspiradora para as ações humanas.

Com esta comparação, pretendi proceder a uma aproximação entre Tito Lívio e Camões, tendo em vista uma síntese conceptual sobre a figura do herói. Mais do que demonstrar uma mera ligação entre autores tão distantes no espaço e no tempo, chamo a atenção para a continuada crença nessa ideia de Pátria heroica. Na Pátria há filhos que, com o seu dizer e o seu fazer, podem clamar ansiosamente um inconformismo que acorde o mundo e lhe dê “sinais de se alegrar” (MADEIRA: 2000,7).

Como escreve Camões no final d’ *Os Lusíadas*, a esperança reside no futuro, num digno feito que, a ter lugar, seria narrado por ele. Atualizando o sentido da escrita, e observando o seu valor intemporal, considero vívida a metáfora de um Quinto Império, de uma nação adormecida que espera por um D. Sebastião que a eleve após a sua queda (Cf. GIL: 1998, 441-469).

### **3. A figura do herói n’Os Lusíadas**

#### **3.1. Do seu tratamento na estrutura épica**

Também na obra camoniana a grandeza das ações humanas é representada num tom de aconselhamento, com vista a uma inculcação de matiz pedagógica.

---

<sup>16</sup>A título de exemplo, Tito Lívio, logo no prefácio, apresenta a sociedade como dominada pela cobiça (*avaritia*).

<sup>17</sup> Cf. X, 145, 5-8.



Jorge de Sena afirma que Camões foi o primeiro poeta a chamar “cantos” aos livros que compõem a epopeia. Este facto, segundo o autor, não é inocente, devendo-se à associação intencional com a *Divina Comédia*, de Dante. Assim, os dez cantos de Camões ficariam em estreito paralelismo com os cem de Dante.

No entanto, e como afirma MADEIRA: 2000, 188, esta relação significa muito mais que a analogia ao autor clássico. Baseando-se nas doutrinas platónicas e em Manuel Faria, o mesmo sugere que a epopeia é estruturalmente semelhante à comédia e que, segundo Faria, “como o poema heroico é um meio entre o trágico e o cómico, assim participa, como diz Aristóteles, da gravidade da tragédia como da graça da comédia”, elemento comum, mais uma vez, à epopeia camonianiana.

Madeira leva-nos ainda a contactar com outra marca ilustrativa da intenção do poeta, que se prende com a crítica à sociedade. Segundo Costa Pimpão, foi no poema *Vicentius*<sup>18</sup>, de André de Resende, que Camões poderá ter contactado com o título – *Os Lusíadas*. Na verdade, esta palavra é semelhante ao verbo latino *ludo, is, ere, lusi, lusum*, que significa *brincar com, pôr a ridículo* (cf. MADEIRA: 2000, 189).

No entanto, e recuperando o texto de André de Resende, *De Antiquitatiubus Lusitaniae*, citado por RAMALHO: 1983, 235

“enquanto alguns crêem que *Luso* e *Lysa* foram companheiros de Baco e que do nome do primeiro derivou *Lusitania*, assim como do segundo *Lysitania* [...], outros interpretam *Luso*, não como «homem», mas como «jogo» [*ludum*] ou «brincadeira» [*lusionem*]. Estes parecem não reparar que não era possível tirar o nome da província, de uma palavra latina que talvez não fosse ainda conhecida, pois essa designação vem do tempo do próprio Baco, se prestarmos crédito a Varrão, citado por Plínio (...).”

Sobre o assunto, RAMALHO: 1983, 236 diz ainda que, “afinal, André de Resende, se pode ter inventado algumas inscrições romanas, à maneira do seu tempo, em toda a Europa, para exaltar Évora, sua cidade natal, nem por isso é um inveterado mistificador” (Cf. RAMALHO: 1994, 156).

---

<sup>18</sup> “De *Luso*, de quem foi chamada a Lusitânia, chamámos *Lusíadas* aos Lusitanos, de *Lysa* *Lysíadas*, tal como Virgílio disse *Enéadas* a partir de *Eneias*” (RAMALHO: 1992, 138).

Com efeito, podemos observar que a narrativa camonianiana, de elevação, consagração e heroísmo integra também uma componente satírica, de análise pertinente mas pouco explorada no ensino secundário.

O poema pode, então, constituir uma dicotomia entre o épico e o antiépico pois, em alguns momentos, notamos a presença de incertezas, dúvidas e crises que nos transmitem uma face menos gloriosa.

Claro que este facto pode ser explicado se tivermos em conta os vinte anos subjacentes à elaboração do poema. Situados num momento posterior ao auge da expansão portuguesa, já deixam transparecer dificuldades dela consequentes. Deste modo, uma visão sombria, que concilia euforia, orgulho e confiança surge associada a uma certa desilusão.

“De forma mais amarga, acusa [os portugueses] de ingratidão para com ele, poeta, e aponta-lhes uma série de abusos, relativamente à vida pública, atingindo sobretudo os que exercem cargos de responsabilidade; e esta recriminação serve-lhe para estabelecer um critério de seleção de heróis que a epopeia nomeará” (MATOS: 2014, 30).

Em suma, a obra constitui uma teia de saberes de grande complexidade. Uma leitura atenta d’*Os Lusíadas* deve fazer sobressair sentidos associados à estratégia retórico-compositiva baseada em autores da Antiguidade Clássica.

#### **4. Cânone literário – implicações didáticas**

O respeito pelas marcas épicas origina, muitas vezes, dificuldades na leitura da obra literária. Como afirma Aguiar e Silva, os leitores experimentam “dificuldades ou cansaço com a leitura integral das epopeias e por isso [optam] com frequência por um tipo de leitura antológica das mesmas” (SILVA: 2008, 93)<sup>19</sup>.

Se, por um lado, a opção passa por uma leitura antológica, por outro, é visível como o mercado tem cada vez uma maior oferta a nível de adaptações literárias que se distanciam enormemente do texto original. O processo de adaptação compreende a apropriação e a

---

<sup>19</sup>“Na abordagem das obras de leitura integral, a interação dos alunos com os textos também apresenta limitações”. Sobre o assunto veja-se MELLO: 1998, 304.

modelação do texto clássico, reformulando e auxiliando o leitor no entendimento da obra; reforçando a ideia de que a adaptação apenas é consultada aquando da incompreensão de algum aspeto da narrativa original.

Tendo em conta o carácter do cânone clássico, convém salientar, como afirma MATEUS: (2013, 115), que “o clássico é uma necessidade institucional, um produto colocado pela instituição ao serviço dos seus valores e das suas práticas de leitura, as quais operam nele inflexões e modelizações inscritas num ciclo de vida coincidente com a história da sua receção”.

Na mesma linha de sentido, o autor considera que essas modelizações ocorrem na escola, “por força do poderoso sistema de receção que nela é ativado em virtude da existência de um *curriculum*, do objetivo de socialização que subjaz a todas as práticas escolares e das implicações axiológicas associadas ao ato de ensinar” (IDEM: 2013, 15-16).

A limitação exercida pelo Programa no tocante às escolhas das obras literárias a serem selecionadas na disciplina de Português tende a confirmar uma visão patriota do país e da sua cultura. Como afirma Guillory,

“Este aspeto é sobretudo visível na elaboração do cânone literário escolar, cujas transformações resultam em grande medida das alterações políticas e sociais que sustentam os governos que presidem à sua efetivação. A literatura e o cânone escolar funcionam assim como um "capital cultural" através do qual a escola contribui para a reprodução das relações sociais e da ordem social” (CUNHA: 1993, 55).

No entanto, este constrangimento político não deve dar azo a uma leitura negativa da seleção feita pelos organizadores e autores de Programas escolares, pois também eles se encontram repletos de sugestões literárias, nacionais e estrangeiras, que constituem um sólido pilar na formação do aluno, não só a nível literário e linguístico, mas também a nível ético-moral.

No que à obra *Os Lusíadas* diz respeito, podemos constatar que a reação do público leitor se divide entre estranheza, desconhecimento e incompreensão.

É natural que o aluno rejeite algo com o qual não se identifique, pois, se por um lado, a obra se distancia da sua realidade, por outro, a escola também, muitas vezes, não trabalha no sentido de trazer a mensagem épica para a atualidade.

“O cânone, apresentado de forma estereotipada, leva o aluno a pensar que não há outras opções, leva-o a aceitar valores sem os colocar em causa. Essa é, por vezes, uma realidade que agrada a quem, com cânones estreitos, pretender criar cérebros também encolhidos. É importante escapar a um ensino dogmático e manter um sentido crítico. Cabe ao bom professor contrariar esta tendência” (SOARES: 2014, 126).

Apesar da existência de edições anotadas com glossários que prestam um auxílio em relação às dúvidas quanto à história, à mitologia e à geografia, cativar o jovem leitor continua a ser uma tarefa difícil.

Na verdade, julgo que a aproximação entre o texto quinhentista e o jovem leitor do séc. XXI pode ser feita com a associação da mensagem da obra à necessidade crucial de possuir uma identidade e uma cultura, incutindo nesse mesmo leitor o papel de protagonista das suas ações ao longo da vida.

Do mesmo modo, considero fulcral que o recurso à adaptação surja em última instância e perante a incompreensão do que é lido no original, pois a epopeia camonianiana é detentora de um brio que ganha força e graciosidade no contacto com a obra original, tornando a viagem no tempo mais prazerosa e permitindo um maior desfrute dos acontecimentos.

Honra, Obediência e Fidelidade concorrem em linha de concordância com os deveres de proteção e de censura ao próprio rei.

Numa união perfeita, as personagens históricas fundem-se com a mitologia, entrelaçam-se metonimicamente, por exemplo, no Amor e no Despeito, valores representados pela luta entre Vénus e Baco.

Os valores cimentam assim a unidade do poema e, por isso, o seu lugar pedagógico deve ser assegurado.

Deve optar-se por partir dos valores que atravessam o poema e verificar a sua dimensão transversal.

Nesse sentido, podem ser evocadas aproximações com diversos heróis da Antiguidade, a fim de entender o plano abstrato de caracterização e de estabelecer paralelismos.

*Os Lusíadas* orientam o leitor, através da narração e interpretação de factos e situações, destacando-se a figura central de D. Sebastião, que surge como destinatário primeiro da epopeia e recetor dos conselhos, censuras e exortações (REIS: 2015, 70 e Cf. Canto I, ests. 6-18; Canto X, ests. 145-156).

Também a constante tensão entre o Poeta e os Heróis leva-nos a acreditar que a obra constitui a mais rica herança do humanismo português, obrigatoriamente zelando por uma boa conduta cívica através dos valores da cultura clássica.

Maria do Céu Fraga salienta mesmo que o retrato que Camões faz de si mesmo só pode ser entendido no enquadramento da narrativa. Com efeito, ao longo da narração são enaltecidos ou criticados os heróis imortalizados. De origem humilde, Camões assegura que “Nem me falta na vida honesto estudo, / Com longa experiência misturada /, Nem engenho, que aqui vereis presente, / Cousas que juntas se acham raramente” (Canto X, 154).

Assim, na falta de um herói como Ulisses ou Eneias, Camões cresce, na época, como um verdadeiro herói (Cf. LOURENÇO: 1999, 439). Além de conciliar em si um registo de heroicidade individual e acrónica, contribui também para a valorização dos movimentos da sociedade portuguesa – os cívico-ideológicos. Camões surge como o poeta herói, o “ideal humano mais complexo e requintado, que, naturalmente, dá também lugar à nobilitação da poesia e das letras em geral” (FRAGA: 2003, 43).

Em consonância com o papel da escola, o poeta/herói convida a sociedade a pensar, a aprender e a agir com padrões e valores defendidos por ele.

Pode adiantar-se que os objetivos do poeta vão muito para além da crítica e do louvor ao povo Luso, muito para além da eleição de um destinatário específico ou do enaltecimento de Vasco da Gama e dos seus nautas. O poeta autorretrata-se modestamente como humilde para, logo a seguir, se assumir desassombadamente como alguém a quem não falta estudo e

experiência. Camões é assim considerado o herói ideal, pois não segue o exemplo de Formião ao aconselhar Aníbal<sup>20</sup>.

Saliento a incontornável importância da escola como mediadora entre os alunos e os textos literários clássicos. Nesse sentido, cabe à escola despertar a curiosidade e alimentar os gostos pessoais para que contactos posteriores possam surgir.

De acordo com o texto do *Programa de Português do Ensino Secundário*, há a necessidade de “sublinhar o potencial de criação representado na leitura dos *clássicos*, enquanto *corpus* seletivo de textos que nunca estão lidos, na sua dialética entre memória e reinvenção” (2014, 8).

José Augusto Bernardes defende também que “a conceção dos clássicos da literatura como monumentos conclusos pode conduzir a uma atitude de temor e veneração” e, como consequência disso, dificultar a interação com o texto.

Enquanto a escola impuser ao aluno um circuito unilateral na leitura de *Os Lusíadas*, este jamais conseguirá descobrir o texto através das suas motivações e interesses.

Quais serão então os objetivos explícitos e implícitos que poderão ser abordados para uma leitura mais atrativa e aliciante?

José Bernardes lembra que, desde a Antiguidade Clássica, a epopeia alberga em si um valor educativo extremo “como instrumento de aprendizagem da gramática e da retórica (...) e, sobretudo, a Ética” (BERNARDES: 1999, 124).

Naturalmente, este último valor tem uma particular importância pois, através dos vícios e virtudes das personagens, o adolescente devia aperfeiçoar-se individualmente, contribuindo para o equilíbrio da pólis.

Os valores explorados n’*Os Lusíadas* constituem, assim, um marco extremamente importante devido à associação “entre a estética e a ética, o circunstancial e o perene”

---

<sup>20</sup> Os versos do final da estância 153, do Canto X, exemplificam o caso de Formião que julgava saber o suficiente da arte militar ao ponto de aconselhar Aníbal, um dos maiores generais da Antiguidade Clássica. Formião servia-se unicamente do saber livresco sem ter o conhecimento da prática guerreira, o que era motivo de riso por parte de Aníbal. Cf. VILAS-BOAS, António e VIEIRA, Manuel: 2015, 260.

(BERNARDES: 1999, 136), devendo ser privilegiados por uma Escola que vise a formação do sujeito enquanto indivíduo e cidadão.

É certo que a epopeia celebra e glorifica os valores do herói narrado. No entanto, no caso d’*Os Lusíadas*, esta questão é ainda mais aliciante se tivermos em conta a pluralidade do sujeito da ação, a sua interação entre as diversas esferas da história e do mito, do real e da utopia que leva o herói a interagir entre esses dois planos (Cf. OLIVEIRA: 1998,414).

“É que uma das grandes funções dos episódios n’*Os Lusíadas*, para além daquela de ajudar o estabelecimento da sua estrutura e de contribuir para a sua beleza, foi a de, em traços sucessivos (...) permitir a construção [do] herói colectivo, tão complexo e até contraditório, em que Camões sublimou o homem português de todos os tempos e em todos os lugares.

E é esse herói, feito de humanidade e de sofrimento, de quedas e vitórias, de erros e de heroísmos, de terrenidade e de rasgos de ideal que vai ser objecto da divinização mitificante da Ilha dos Amores” (CASTRO: 2007, 234).

Neste contexto, deverá pedir-se ao aluno, depois de um bom entendimento e contextualização, uma opinião sólida e fundamentada sobre a sua própria compreensão textual.

O valor deste poema supera o contexto em que foi escrito, pois Camões torna-se “objecto das nossas paixões nacionais, que são menos literárias ou culturais do que ideológicas, patrióticas, cívicas e por vezes partidárias. Se ainda hoje, um pouco por toda a parte, as associações de emigrantes portugueses se colocam sob a égide de Camões, isso deve-se a este incrível processo de mitificação e, pode mesmo dizer-se, de divinização do sentimento nacional” (LOURENÇO: 2001, 147).

Cabe ao aluno situar o autor no seu tempo e no seu espaço, recorrendo a ele sempre que considere útil.

Na verdade, na minha opinião muitas das deficiências reveladas pelos alunos resultam de uma tentativa falhada de imposição de normas e direcções demasiado fixas e inquestionáveis.

O professor, ainda que comprometido com o programa, deve ser crítico e optar pela melhor forma de oferecer à turma a beleza de outros mundos e a sua semelhança para com o mundo de hoje, permitindo que o aluno saia da sua esfera individual, viaje no tempo e no espaço até outras realidades que, primeiramente, lhe pareçam demasiado distantes e estranhas à sua e regresse, no final, mais maduro e consciente da transversalidade e intemporalidade dos textos que lê (Cf. MONTEIRO: 1997, 10).

*Os Lusíadas*, cânone literário por excelência, devem ser lidos por motivação e identificação e não como uma nuvem de conceitos indecifrável. Para que isso aconteça é necessário que a escola atue e invista em métodos eficazes de lecionação da obra que vão além da tradicional análise e interpretação unilateral.

Nesse sentido, considero bastante pertinente que o professor leve o aluno a “dançar” com os vários períodos histórico-literários, culminando na contemporaneidade. Trata-se de um processo que associa heróis e valores dotando o aluno de ferramentas que o auxiliam a posicionar-se na sociedade hodierna.

Em concordância com o autor, “está muito claro no espírito de todos que este tipo de pedagogia requer uma revisão de programas” (BERNARDES: 1999, 143) e também uma formação pedagógica diferente dos professores.

Concluindo, considero que a leitura dos clássicos e, mais especificamente, *Os Lusíadas*, não deve ser conduzida como se se tratasse de obras encerradas no seu tempo. Pelo contrário, penso que os valores, sobretudo a ética heroica presente nessas obras, devem prevalecer no imaginário cultural de uma Nação através das suas práticas educativas.

## **5. Didatização**



## 5.1. Metodologia

O tema monográfico do presente Relatório pressupõe uma visão diacrónica da figura do herói, partindo da Antiguidade Clássica até à atualidade, designadamente no que diz respeito ao seu percurso arquetípico ao longo da História, com base na compreensão textual por parte dos alunos. Nesse sentido, foi possível concretizar a ideia inicialmente esboçada, através da planificação das aulas de carácter obrigatório, de acordo com os planos anuais de formação de Estudos Clássicos<sup>21</sup> e de Português<sup>22</sup> da FLUC, nas quais integrei atividades que serão apresentadas na próxima alínea do trabalho - Operacionalização.

Para a investigação que desenvolvi recorri ao estudo de caso, definido, sucintamente, por José Morgado como

“...uma estratégia investigativa através da qual se procuram analisar, descrever e compreender determinados casos particulares (de indivíduos, grupos ou situações), podendo posteriormente encetar comparações com outros casos...”  
(MORGADO: 2012, 56).

Ainda de acordo com o autor referido, o estudo de caso é uma das técnicas mais apropriadas para explicar os principais aspetos de um determinado acontecimento, proporcionando, dessa forma, informação característica sobre um projeto, uma inovação ou um acontecimento.

Este tipo de estudo concilia várias dimensões, entre as quais aquelas que utilizei, nomeadamente, a descritiva, em que parte do processo se baseia na recolha e posterior descrição de dados, e a exploratória, dado que muitos estudos têm como principal objetivo o contacto com assuntos pouco explorados, tendo em vista o aprofundamento dos mesmos.

Destaco ainda, de acordo com Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses, que os alunos participaram de forma voluntária nas atividades, tendo sido garantida, desde o início, a privacidade e a confidencialidade dos dados obtidos.

As limitações éticas e legais prendem-se com variados aspetos que tive em conta – a informação ao aluno do que iria ser feito; a privacidade dos registos obtidos; a informação

---

<sup>21</sup> Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano\\_latim.pdf](http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano_latim.pdf) (consultado a 30/06/2016).

<sup>22</sup> Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano\\_portugues.pdf](http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano_portugues.pdf) (consultado a 30/06/2016).

sobre a necessidade de utilizar os seus registos bem como os objetivos do trabalho solicitado<sup>23</sup>. Resta-me apenas afirmar que os dados obtidos não sofreram qualquer alteração, não condicionando, dessa forma, o objetivo do estudo.

## 5.2. Recursos utilizados em Português

Ainda que tenha procurado diversificar os recursos utilizados (texto, filme, documentários, música, pintura, fotografia, etc.), privilegiei o texto literário, pois considero que deve ocupar um lugar central, não só para trabalhar o domínio da compreensão textual, mas também para o processo de construção do aluno enquanto cidadão.

Assim, fui ao encontro da centralidade do texto literário no espaço educativo; de acordo com o texto das Metas Curriculares,

“no elenco dos textos complexos, o texto literário ocupa um lugar relevante porque nele convergem todas as hipóteses discursivas de realização da língua. Ao contemplar um conjunto de fatores que implicam a sedimentação da compreensão histórica, cultural e estética, o texto literário permite o estudo da rede de relações (semânticas, poéticas e simbólicas), da riqueza conceptual e formal, da estrutura, do estilo, do vocabulário e dos objetivos que definem um texto complexo”<sup>24</sup>.

Tendo consciência de que, por vezes, utilizei textos com um grau de dificuldade superior ao exigido no décimo ano, trabalhei no sentido de os adaptar e adequar à turma em questão<sup>25</sup>. No entanto, e tendo em conta que, ao longo do ano, observei que os alunos gostaram de sentir o desafio e que o gosto pelos textos aumentava sempre que os mesmos eram mais complexos, optei por utiliza-los e, assim, ir ao encontro das preferências e dos gostos da turma. Desse modo, gradualmente recorri menos à adaptação textual, exigindo deles um esforço de autonomia na interpretação de textos originais.

Devido aos constrangimentos inerentes ao *Programa de Português do Ensino Secundário*, no que diz respeito à necessidade de assegurar o seu cumprimento, considero que

---

<sup>23</sup>Cf. [https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/caodigo\\_deontolaogico.pdf](https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/caodigo_deontolaogico.pdf) p. 3. 2 - Privacidade e confidencialidade.

<sup>24</sup>[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos\\_Disciplinas\\_novo/programa\\_metas\\_curriculares\\_portugues\\_secundario.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/programa_metas_curriculares_portugues_secundario.pdf) p. 8.

<sup>25</sup>A turma de Português apresentava um aproveitamento excelente, como referido na p. 15, considerei que estava preparada para a receção e interpretação de textos abordados no Ensino Superior e sem lugar nos Programas de Português, quer do Ensino Básico, quer do Ensino Secundário.

algumas das atividades que propus aos alunos não foram exploradas da forma que, a meu ver, seria mais pertinente para o resultado que esperava obter. De modo a contornar esse obstáculo, disponibilizei-me a encontrar-me com eles num horário fora da aula ou na aula de apoio à disciplina, para o esclarecimento de dúvidas relativamente às atividades solicitadas.

Ainda no que concerne ao *Programa* e às *Metas Curriculares de Português do Ensino Secundário*, devo referir que a realização de todas as atividades foi ao encontro de alguns dos seus domínios, designadamente do domínio da Educação Literária, a Unidade 3 – Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*, Unidade 4 – Luís de Camões, *Rimas* e Unidade 5 – Luís de Camões, *Os Lusíadas* (Reflexões do poeta no canto X, ests. 145 a 156).

### **5.3. Recursos utilizados em Latim**

Em virtude de este ano letivo ter constituído o primeiro contacto dos alunos com a língua latina, os recursos utilizados na lecionação dos conteúdos passaram pelo uso das tecnologias e pela criação de textos latinos com uma linguagem e uma extensão adequadas a um nível de iniciação.

No que às tecnologias diz respeito, saliento o recurso ao *Prezi*, que se mostrou motivacional e que captou um olhar atento por parte dos alunos. Esta ferramenta permitiu uma abordagem mais dinâmica e totalmente livre por parte do utilizador, o que me auxiliou na construção dos materiais e na transposição das estratégias pensadas.

O contacto dos alunos com a cultura latina, fruto também de aprendizagens nas disciplinas de História e de Português, contribuiu para que fosse possível lecionar, com profundidade, os conteúdos relativos à cultura e história romanas.

Com base nas orientações do *Programa de Latim do 10.º ano*; no que diz respeito à escolha de textos, lecionei, dos temas propostos de Civilização e Cultura, textos relacionados com “A fundação de Roma – os heróis”; “Da Roma do Palatino ao domínio da Itália – Roma e os povos da Itália”; “A religião Romana – culto familiar e a Escravatura”.

## **6.Operacionalização**

Tendo em conta o *Programa de Português do Ensino Secundário*, as *Metas Curriculares de Português*, o *Programa de Latim* e as *Metas Curriculares de Latim*,

desenvolvi o **estudo sobre a figura do herói** ao longo do segundo e do terceiro períodos letivos, geralmente no final das aulas ou através de trabalhos de casa, por forma a não interferir na lecionação dos restantes conteúdos no tempo da aula. Para esse efeito, concebi um conjunto de atividades práticas que envolviam necessariamente **experiências de compreensão textual** por parte dos alunos. Tais atividades, que passo a apresentar, foram pensadas numa plena integração com as temáticas de âmbito literário e cultural, tratadas em aula.

### **6.1. Operacionalização na turma de Português**

A primeira atividade surgiu após o estudo da Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente, Unidade 3 do domínio da Educação Literária. Na aula observámos exemplos de mulheres que se tornaram heroínas, estando assim enraizadas nas diversas culturas. A título de exemplo, mencionei Antígona que desafiou o seu Rei, o movimento das sufragistas e, por último, a constante luta que ainda hoje se realiza para a obtenção dos direitos de igualdade. A mulher detetou o que de erróneo acontecia na sua realidade e lutou para a alterar, terminando apenas a sua missão com a vitória. Do mesmo modo, tal como Antígona e Inês Pereira, devemos lutar por aquilo que desejamos, e privilegiar uma emancipação que nos torna conscientes e responsáveis pelas nossas próprias ações (Apêndice VIII: 164).

Visando o estabelecimento de um paralelismo, encaminhei os alunos numa viagem espaço-temporal com várias paragens, numa linha diacrónica a partir da Antiguidade Clássica.

Para esse efeito, observámos um excerto da *Antígona*, de Sófocles, focalizando-se a atenção dos alunos na atitude da personagem, reveladora de coragem e de determinação e desafiadora do poder masculino.

Foi também referido o exemplo guerreiro das *Sufragistas*, patente no filme com o mesmo nome, que relewa a luta pelo direito de voto das mulheres londrinas no início do séc. XX. Por fim, chegámos à atualidade. Através de um documentário, os alunos observaram a luta do movimento feminista pela igualdade do direito ao voto, em Portugal, no séc. XX. No final da aula, e numa construção conjunta, estabelecemos uma ligação entre estes exemplos, sublinhando a heroicidade comum, com relevo para a época de Inês Pereira e em confronto com a sociedade atual.

Com esta atividade, pretendia que os alunos identificassem as principais causas que levaram as mulheres a lutar por um objetivo comum – a igualdade.

Como trabalho de casa foi solicitada a realização de uma sinopse de um filme que obedecesse ao tema “O meu herói e a sua aventura”. Pretendia-se que, integrando conhecimentos adquiridos na aula, o aluno criasse um herói com valores e resumisse uma aventura.

Nesta fase inicial de desenvolvimento do tema monográfico do Relatório de Estágio, procurei levar os alunos a desconstruírem o papel mediático do herói cinematográfico e a compreenderem que o herói é aquele que luta com um objetivo, com determinação, para alcançar um prémio justo e recompensador.

Tendo em conta que este foi o primeiro passo para a compreensão da figura do herói universal, julgo que os alunos, apesar de ainda não se reverem nesse papel, começaram já a transpô-lo para um universo mais próximo, quer a nível temporal, quer a nível da realidade atual.

A segunda atividade solicitada pretendia que os alunos identificassem, numa tabela, os elementos textuais do poema “O dia em que nasci moura e pereça” de Luís Vaz de Camões, sugestivos da temática do Desconcerto do Mundo e, também, os elementos no poema de José Madeira, “O dia em que nasceu viva e não esqueça”. Nesta atividade, como noutras, não deixei de avaliar a compreensão textual (Apêndice IX: 182).

Deste modo, a aula iniciou-se com a projeção de uma citação de William SHAKESPEARE: (2013, 8) “O mundo inteiro é um palco/ e todos os homens e mulheres não passam de meros atores/ eles entram e saem de cena/ e cade um no seu tempo representa diversos papéis”, que deu o mote para o debate oral sobre o papel que cada um de nós representa na sociedade.

Finalizada a leitura e análise do poema “O dia em que nasci moura e pereça”, foi projetada uma imagem de um campo de refugiados e discutido o sentimento que aquela provocava em cada um de nós.

Após essa atividade, foi tempo de sintetizar o motivo pelo qual a aula foi dedicada à constatação do estado desconcertante do mundo em que vivemos, com o objetivo de levar o

aluno a sair da alienação em que pode estar submerso e a olhar de uma forma diferente para o mundo, percebendo exemplos concretos e realistas que evidenciam uma carência extrema de resolução.

Para auxiliar os alunos a compreenderem o que estava em causa, foi distribuído o poema de José Madeira “O dia em que nasceu viva e não esqueça”, com o intuito de mostrar aos alunos de que forma podemos “concertar” o universo de alguém, neste caso de Luís de Camões. Para verificar o entendimento da subversão do poema, a segunda atividade teve como pano de fundo uma tabela, apresentada na figura 1, que os alunos deveriam preencher, evidenciando o Desconcerto do Mundo sentido por Camões e a subversão proposta por José Madeira.

1. Preenche a tabela, por forma a separares os elementos concertantes e desconcertantes presentes neste poema e no de Camões, “O dia em que nasci moura e pereça”, sublinhando, em cada uma, o/s termo/s que reforçe/em essa oposição.

Concerto	Desconcerto
“O tempo <u>sempre o renove</u> ”.	“ <u>Não o queira</u> jamais o tempo dar”
	“ <u>Não</u> torne mais ao mundo”.
	“A luz lhe <u>falte</u> ”.
“Dê o mundo constantes sinais de se <u>alegrar</u> ”.	
	“Que a mãe <u>não</u> conheça o filho”.
	“Mais <u>desgraçada</u> que jamais se viu!”

*Figura 1 - Segunda atividade de Português: Preenchimento da tabela sobre os poemas de Luís Vaz de Camões e João Madeira*

Percebeu-se assim que os alunos conseguiram identificar sentidos e fazer a correção quando era necessário.

Prosseguindo com o tema do Desconcerto do Mundo, a terceira atividade iniciou-se com o estudo da fábula kafkiana, previamente didatizada, sobre a justiça, núcleo semântico do texto “Diante da Lei”, do romance *O Processo*. Os alunos responderam muito bem a este desafio, fazendo um esforço de interpretação textual para apontar o que consideravam errado. Conseguiram compreender que a justiça não está ao alcance de todos e que, muitas vezes, esperamos uma vida inteira para encontrá-la, pelo que não é possível acreditar-se que o acesso à Lei e à Justiça é pura e simplesmente um direito (Apêndice X: 196).

De seguida, realizou-se a leitura e análise do poema “Os bons vi sempre passar” de Luís Vaz de Camões e, no final, contrapôs-se este poema camoniano com a temática kafkiana e, de entre muitas questões, deu-se especial relevo à da verificação da injustiça ao longo dos séculos.

Depois da reflexão conjunta, foi solicitado, para trabalho de casa, que os alunos realizassem, em pares, um pequeno trabalho com recurso às tecnologias. Para isso, a professora tinha já sistematizado o conteúdo gramatical referente à aula (o complemento do nome), com recurso à ferramenta “tutorial”, para que os alunos observassem um exemplo das inúmeras ferramentas tecnológicas ao serviço da educação. O trabalho era composto por duas partes, que foram indicadas na aula.

**TRABALHO DE CASA  
(PARES)**

Com o poema “Os bons vi sempre passar”, retomaste o Tema do Desconcerto em Camões.

Como pudeste observar, neste tema o sujeito poético está perante:

- O absurdo do existencial;
- Os desajustes da sociedade;
- As contradições.

A partir das notas registadas, confronta, num texto de 50 a 100 palavras, as conclusões que pudeste retirar sobre este tema.

**Entrega: 17/05/2016**


*Figura 2 – Terceira atividade de Português: redação de um texto em pares*

Foi solicitado aos alunos que, em pares, construíssem um texto de cinquenta a cem palavras, onde relacionassem as conclusões que extraíram acerca do Tema do Desconcerto com um exemplo da atualidade. Esse texto teve como objetivo avaliar a aquisição dos conteúdos lecionados e a forma como é feito o seu tratamento, transversalmente. Serviria ainda como planificação do trabalho final, incutindo nos alunos a metodologia da criação de um plano escrito para qualquer atividade a realizar.

Foi indicado aos alunos que poderiam utilizar, por exemplo, uma fotografia, uma publicidade, um filme, uma música, um postal, uma notícia.

A segunda parte do trabalho pressupunha que, a partir desse texto, os alunos elaborassem uma breve exposição do tema tratado, recorrendo às tecnologias (tutorial, *PowerPoint*, vídeo, mapa concetual).





A partir do texto, faz uma breve apresentação do que escreveste recorrendo às TIC (tutorial, *PowerPoint*, vídeo, etc.)

Para realizares o teu trabalho, procura recursos que o enriqueçam.

Exemplos:

Imagens, fotografias, cartazes, filmes, postais, publicidades, músicas, cria um *site* ou um *blog*, notícias, livros.

😊 Boa sorte!

Figura 3 - Terceira atividade de Português: realização do trabalho, com recurso às tecnologias, em pares

A opção por esta atividade visou, não só variar a tipologia de atividades, mas também permitir que o aluno tivesse total liberdade na elaboração do trabalho. A minha escolha pretendeu, para além disso, levar o aluno a trabalhar em grupo, a compreender a matéria estudada, a pesquisar e a selecionar informação.

Quando o trabalho foi entregue, pude observar que todos diagnosticaram injustiças sociais e situações mundiais desconcertantes, o que me deixou satisfeita, pois era esse o objetivo.

Na verdade, o empenho demonstrado pelos alunos superou por completo as minhas expectativas. Julgo que esta atividade, mais do que alguma outra, os cativou e me permitiu não só conhecer melhor a sua visão sobre o mundo, mas também observar que são cidadãos conscientes e críticos.

A última atividade realizada na disciplina de Português surgiu após a leção das Reflexões do Poeta no canto X d'*Os Lusíadas* (Apêndice XI: 207).

A aula em que a referida atividade esteve inserida iniciou-se com a leitura do poema de Miguel Torga, intitulado “Camões”.

O poema elevava Camões à condição de herói, de uma figura incomparável e impossível de igualar ou ultrapassar.

O herói representado na epopeia camoniana é muito mais que o povo, muito mais que Vasco da Gama, é sim o poeta, que canta e narra gloriosamente uma gente apagada e ignorante quanto ao valor da cultura e das Letras na sociedade.

Tal facto é apontado por José Bernardes quando afirma que “Na ausência de um herói concreto da dimensão de Aquiles, Ulisses ou Eneias, o próprio autor acabou por se impor no imaginário cultural Português como o poeta/herói da Pátria” (BERNARDES: 1999, 126).

Ainda nessa linha de pensamento, o meu objetivo passou por levar o aluno a auto questionar-se acerca do que é ser herói, a pensar na existência de mais heróis para além dos seus preferidos e, acima de tudo, a notar os vários tipos de heróis, para que, no seu imaginário, o alargamento de horizontes e de interpretações lhe permitisse ver, também em si, um verdadeiro herói.

Com esse propósito, procedeu-se ao visionamento de um vídeo sobre a jornada de um herói, que apresenta a visão de Joseph Campbell, estudioso de mitologia e religião, que defende que todos os heróis tiveram origem num mesmo modelo. Para este estudioso a tragédia do herói cumpre um mesmo modelo de ação. A jornada compreende várias fases, que passam da chamada da aventura à deslocação para um mundo completamente desconhecido, no qual se enfrentam vários medos e do qual o herói regressa mais forte e recompensado.

Importa salientar que o autor, com o qual concordo, parte da Antiguidade Clássica até aos heróis mediáticos da atualidade, mostrando como o indivíduo tem a capacidade de, à sua medida, atingir a condição de herói.

Os alunos identificaram com sucesso as diversas características do herói presentes em todos nós: só precisamos de ter coragem para arriscar, pois o modelo literário da Antiguidade Clássica tem repercussões no nosso imaginário, ainda nos dias de hoje.

A atividade culminou na produção de um texto em que se pretendia que os alunos se revissem no papel de herói e refletissem sobre as dificuldades que enfrentam diariamente.

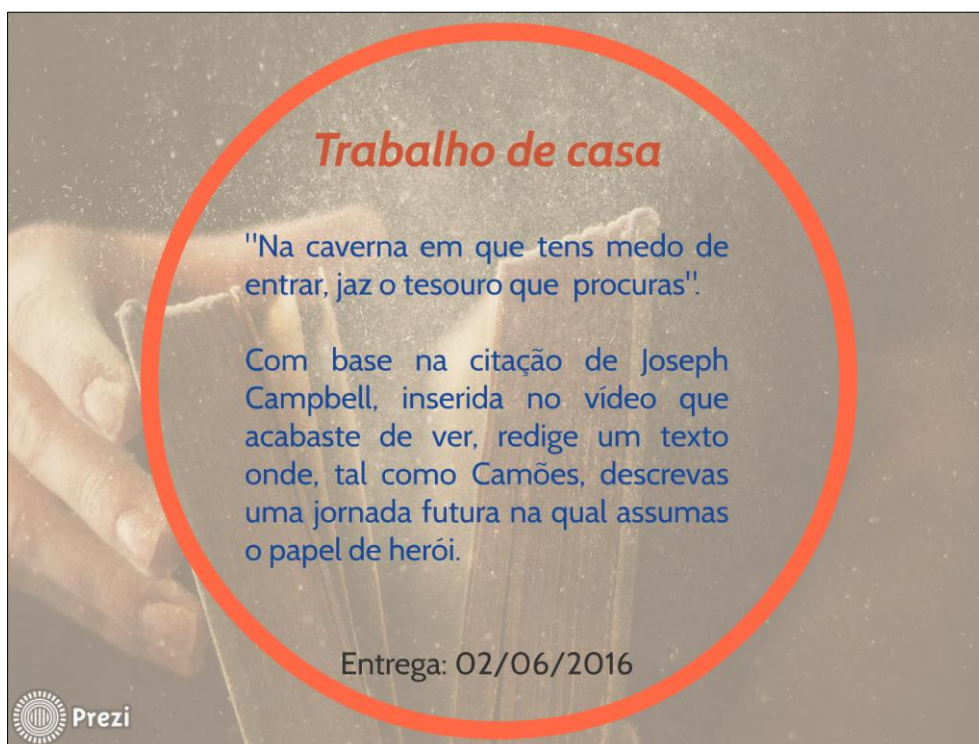


Figura 4 - Quarta atividade de Português - Ser herói

Pude observar que a aproximação da obra ao universo dos alunos, tirando partido do seu contexto, lhes permitiu ganhar um novo gosto e um novo interesse, como se o seu entendimento da epopeia se clarificasse, com a aproximação e a atualidade do tema retratado na obra, conseguidas pelo visionamento do vídeo.

Realizadas as atividades, é hora de refletir sobre o plano inicialmente traçado e sobre o resultado obtido. Considerando o conjunto das atividades planeadas, apenas algumas foram realizadas, o que, se por um lado trazia o sentimento de frustração por uma má gestão do tempo ou do planeamento, por outro deixava-me também satisfeita, pois tinha conseguido ter um leque vasto, para poder selecionar as que me pareciam mais interessantes.

Considero que foi atingida, com sucesso, a intenção de consciencializar o aluno e de o fazer ver nas obras literárias ensinamentos atuais e relevantes, não só para as questões que se prendem com o foro da língua e da cultura portuguesas, mas também com a cidadania e atitude crítica.

Se o ano letivo foi um percurso construtivo, que compreendeu aprendizagem, evolução, crescimento e trabalho, faria sentido que, no final, os alunos pudessem observar que os trabalhos não eram folhas soltas e que tinham um fio condutor que poderia servir para que os mesmos organizassem e planeassem situações futuras.

Desse modo, e não sendo a ordem de trabalhos aleatória, o que se pretendia, no final do ano letivo, era a construção de um livro que, integrando as várias atividades pela ordem como elas foram sendo solicitadas, encaminhasse o aluno para a especificidade do tema em questão – “Dos heróis de ontem aos de hoje”.

Desta forma, criar-se-ia um livro onde o folhear de cada página representaria a concretização do abstrato, de forma progressiva.

## **6.2. Operacionalização na turma de Latim**

A primeira atividade que desenvolvi na turma de Latim partiu do episódio do Saque Gaulês a Roma, em 390 a.C. Solicitei aos alunos que refletissem sobre a forma como ele era descrito e sobre o papel de relevo dado ao povo romano (Apêndice XII: 219).

O início da aula pretendeu levar os alunos até ao espaço e local da ação. Para isso, projetei um cenário do templo de Juno Moneta e pedi a um aluno que fosse disfarçado de mensageiro romano e que transmitisse a mensagem do saque, em latim. Simulámos o comentário entre os Romanos, com base numa leitura dialogada do texto latino.

Pretendi que os alunos observassem a forma como Mânlio, soldado romano, conseguiu salvar o Capitólio, quando a devastação em redor era total e as hipóteses de uma vitória pareciam nulas. Assim, o papel de Mânlio que, acordado em sobressalto pelo grasnar dos gansos, correu para defender o Capitólio como descreve RODRIGUES: 2005, 213-214, evidenciou valores guerreiros inerentes a um herói, servindo ainda como exemplo do ideal de fidelidade a Roma.

Para Tito Lívio (V, 15-55; VI, 38; VII, 1), a figura de Mânlio beneficia de destaque ao derrotar os Gauleses, em maior número. Por outro lado, o autor valoriza o papel de alerta atribuído aos gansos sagrados de Juno, sublinhando a proteção concedida ao Capitólio (Cf. DEFTRASNE: 1965, 55-56).

Considerarei também interessante levar para a aula o excerto relativo ao triste final de Mânlio “Capitolino”, que, como afirma RODRIGUES: 2015, 215 “foi executado por traição, cinco anos depois de os gauleses terem abandonado Roma, o que parece contradizer os actos heróicos que lhe são atribuídos na lenda”<sup>26</sup>.

Fazendo a ponte com a atualidade e com as aulas anteriormente lecionadas, nas quais se refletiu sobre diferentes olhares acerca do conceito de herói, quer através do poema de Fernando Pessoa, “Menino de sua mãe”, quer através da música *Hero of war*, ou até mesmo de uma notícia de jornal, pretendia-se agora que o aluno se interrogasse acerca da veracidade inquestionável do que está escrito e daquilo que se ouve dizer.

Era minha intenção que os alunos começassem a ter uma atitude mais ativa perante as notícias com as quais contactam.

Posteriormente, e para que se tornasse evidente que o exagero da descrição da realidade pode ser penalizador para o entendimento do que é transmitido, dividi a turma por grupos e associei uma vinheta da banda desenhada *Asterix et Obelix* a frases por mim traduzidas, de modo a que os alunos reconstruíssem a ação ali descrita.

Confrontados com os dois mundos (ficção e história) e tendo tido conhecimento da existência de uma figura histórica inspiradora de Asterix, Vercingétorix<sup>27</sup>, que fora derrotado por Júlio César, os alunos compreenderam o quão importante era ir para além do texto lido.

Como súmula, elaborei um questionário de resposta aberta para que os alunos contrariassem a receção passiva das informações, questionando-se igualmente no caso do episódio de Mânlio.

A última questão prendia-se com a comparação entre o conceito de herói observável em Mânlio e o conceito de herói defendido n’*Os Lusíadas*.

---

<sup>26</sup> A este propósito leia-se também RODRIGUES: 2005, 141-144.

<sup>27</sup> A propósito de Vercingétorix, que acabou por se render a Júlio César após ter sido um adversário à altura durante a Conquista da Gália pelos Romanos, (Cf. MARTINS: 1987, 210-216).

2) Tendo em conta o que foi abordado quanto à personagem *Asterix*, julgas ser importante não ter uma atitude passiva face às mensagens/ narrações que chegam até nós? Justifica.

---

---

3) Como narra Tito Lívio, Mânlio, acordado pelos gansos do Templo de Juno, salva o Capitólio derrotando os Gauleses que subiam as muralhas.

a. Consideras que os Romanos foram, de facto, tão grandiosos quanto nos aparecem descritos?

---

---

b. Que caraterísticas consideras estarem inerentes ao povo Romano?

---

---

*Figura 5 - Primeira atividade de Latim*

A obra *Os Lusíadas* é-te, certamente, familiar, quer pelo seu estudo de carácter obrigatório no 9º ano de escolaridade quer pelas inúmeras curiosidades que a obra apresenta e sobre as quais se tem refletido.

4) Lê o excerto do canto X que se segue:

“Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,  
De vós não conhecido nem sonhado?  
Da boca dos pequenos sei, contudo,  
Que o louvor sai às vezes acabado.  
**Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiência misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis presente,  
Cousas que juntas se acham raramente.”**

CAMÕES, Luís, *Os Lusíadas*, Canto X est. 154.

a. Num comentário entre 50 a 60 palavras, estabelece uma ligação entre os versos destacados e o conceito de herói que tem vindo a ser analisado.

Figura 6 - Primeira atividade de Latim. O conceito de herói

Procurei que a atividade fosse resolvida através dos conhecimentos transmitidos na aula e da compreensão que cada aluno tinha alcançado. Notei que alguns alunos sentiram dificuldades em compreender o excerto selecionado, sem que, no entanto, as suas respostas estejam erradas ou incompletas.

A segunda atividade de Latim surgiu após a leção do tema “Religião, o culto familiar” (Apêndice XIII: 231).

Na aula anterior observamos, a partir do visionamento do *trailer* do filme *Pompeios*<sup>28</sup>, como pode um vulcão destruir uma cidade. Vulcano, deus do fogo, não protegera a população do temeroso Vesúvio, evidenciando a fragilidade do grandioso povo romano. No seguimento da visualização, onde os alunos tiveram a oportunidade de identificar algumas das divisões da *domus*, lecionadas na aula anterior, deu-se particular destaque ao *atrium*, onde se localizava o *lararium*.

<sup>28</sup> *Pompeii*, dir. Paul W. S. Anderson, 2014.

Durante a aula, verificámos quais os deuses destinados à proteção familiar e qual a ligação entre eles e os Romanos, bem como a abertura que manifestaram quanto à aceitação dos deuses dos povos que conquistavam.

Os Romanos prestavam cultos continuados aos deuses para que os protegessem e lhes reservassem bons auspícios. Supersticiosos por natureza, consideravam que a vida era repleta de forças misteriosas, as quais convinha respeitar. Comentamos o facto de a sua relação ser comparada a uma espécie de contrato (faziam promessas aos deuses que iriam cumprir caso os seus pedidos fossem atendidos) e a questão inevitável da submissão de um povo tão grandioso a uma entidade superior.

Tal como em todas as aulas, fez-se uso do texto latino como registo escrito do tema em estudo. Neste momento, o trabalho com o texto teve em conta questões de compreensão textual em Latim, pois considerei que os alunos seriam capazes de elaborar uma resposta oral, por mim orientada, já com elementos textuais em latim e sem recurso à tradução. Este exercício pretendeu, não só avaliar a compreensão do texto latino por parte dos alunos, mas também orientá-los para que, na terceira atividade, fossem capazes de elaborar uma resposta autónoma, partindo do texto original.

Assim, a segunda atividade pretendia averiguar o entendimento dos alunos quanto à grandeza de um povo tão ligado aos deuses e comparar com as respostas dadas no questionário elaborado na primeira atividade, pois, por vezes, tendemos a dar respostas que se vão alterando consoante o conhecimento que vamos adquirindo da realidade.

Pretendia-se também que refletissem sobre o filme que viram, acerca da grandeza do povo romano, e que, estabelecendo o contraponto com a *Carta de Pêro Vaz de Caminha*, explicitassem o olhar do colonizador sobre o colonizado (Cf. figuras 7 e 8).

Para Maria Aparecido Ribeiro, ao longo da Carta verifica-se uma constante comparação entre um Nós e um Outro; um confronto de culturas onde aqueles que chegavam do mar traziam hábitos, costumes, conhecimentos diferentes dos encontrados no local (Cf. RIBEIRO: 2003, 15)<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Sobre este assunto CORREIA: 2011, 35 diz-nos que a compreensão do Outro era fundamental, pois o objetivo dos Portugueses era estabelecer com ele relações comerciais e políticas.



1. Recorda o filme *Pompeios* que visualizaste.
  - a. Tendo em conta o que sabes sobre o Império Romano, julgas que existe um poder superior a todas as suas legiões? Justifica.
2. Como consideras a relação dos Romanos com os deuses? Justifica.
3. O povo Romano foi um povo expansionista, detentor de um Império grandioso. Tendo em conta a sua religião politeísta, de que modo lidava com os povos conquistados?
4. Podemos afirmar que o que estava na base do culto prestado pelos Romanos aos deuses era um contrato? Justifica.

Figura 7 - Segunda atividade de Latim. A heroicidade do povo Romano

5. Recorda, agora, os Descobrimentos portugueses, lendo o seguinte excerto:
 

*Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas... ”<sup>1</sup>*  
*“Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm nem entendem em nenhuma crença”<sup>2</sup>.*

  - a. Como vê Pêro Vaz de Caminha a ação do povo Lusitano?
  - b. Consideras que existe uma ligação com a Expansão Romana? Justifica.
6. De uma forma crítica, explicita a tua apreciação quanto ao domínio de um povo perante outro considerado inferior.

---

<sup>1</sup> CORTESÃO, Jaime, *A carta de Pêro Vaz de Caminha*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 157.  
<sup>2</sup> *Idem, ob. cit.*, p. 170.

Figura 8 - Segunda atividade de Latim. A heroicidade do povo Romano

Foi interessante verificar a opinião dos alunos sobre a questão da existência de um povo inferior e de outro superior, de uma nação de heróis e da naturalidade com que viam o domínio de povos e culturas.

A terceira e última atividade realizada partiu da lecionação da temática “A Escravatura em Roma” (Apêndice XIV: 245).

O contexto que deu aso a esta atividade teve como ponto de partida a recuperação do *trailer* do filme *Pompeios*, onde se retratava a vida de um escravo e a sua condição de guerreiro.

A partir do filme retomou-se também o espaço do Anfiteatro, local onde os escravos lutavam e procedeu-se à identificação das características desse espaço romano e à descrição das lutas aí protagonizadas pelos escravos.

Após esse momento, deu-se início ao estudo do tema da escravatura. O contexto em que ela teve origem, a origem dos escravos, a sua compra e venda, o apogeu e o declínio da escravatura e, acima de tudo, a condição infra-humana em que eram mantidos<sup>30</sup>.

Indicou-se, de seguida, o caso específico de Espártaco, escravo que encarou e venceu os Romanos, tornando-se um herói sem condição nobre e cavaleiresca.

De modo a diversificar e a facilitar a compreensão textual, observou-se, após a leitura expressiva do texto latino sobre o escravo *Spartacus*, um excerto do *trailer* da série com o mesmo nome, onde a crueldade dos senhores para com os escravos e a realidade esclavagista em geral se encontrava presente.

Com esta atividade pretendia conhecer a forma como os alunos viam o tratamento dado aos escravos, o seu nível de compreensão textual e a sua opinião sobre a atualidade do tema da escravatura.

---

<sup>30</sup> No entanto, alertou-se também para a existência de autores que contrariavam esta visão como, por exemplo, Séneca. (Cf. PEREIRA: 1986, 227).

1. Lê o seguinte documento.

Os escravos “eram apresentados nus para se notarem os seus defeitos físicos. Os compradores apalpavam-nos e examinavam-nos como ainda hoje se faz nas feiras aos animais. (...) O preço dependia dos conhecimentos e aptidões de cada um: os escravos cultos e as escravas belas atingiam preços bastante elevados”<sup>1</sup>. (...) [Catão] “quando se tomavam velhos, vendia-os, para não ter de alimentar bocas inúteis”<sup>2</sup>.

1.1 Tendo por base a afirmação, refere como eram tratados os escravos. (Na tua resposta deve constar a tua opinião sobre o assunto).

---

<sup>1</sup> SOARES, João, *Latim I*. Coimbra, Almedina, 1991. P. 212.

<sup>2</sup> Plutarco, Catão, o Censor.

*Figura 9 - Terceira atividade de Latim. A escravatura Romana*

2. Lê a seguinte afirmação.

Espártaco foi um escravo que ficou célebre por um dos maiores feitos de sempre da História de Roma – a revolta servil que derrotou o exército Romano por duas vezes.

2.1 Indica o que provocou a revolta de Espártaco. Justifica, utilizando vocabulário latino do texto analisado em aula.

---

---

---

---

---

2.2 Transcreve do texto latino as expressões que melhor caracterizam Espártaco.

*Figura 10 - Terceira atividade de Latim. A escravatura Romana*

3. Consideras que a escravatura ainda existe nos dias de hoje? Justifica.

---

---

---

---

Figura 11 - Terceira atividade de Latim. A escravatura Romana

Desta feita, os alunos revelaram-se mais críticos e mais ponderados nos seus posicionamentos. Pude observar que possuíam uma visão realista da atualidade, pois consideraram que a escravatura, infelizmente, ainda se encontrava presente nos dias de hoje.

Com o término das atividades na disciplina de Latim, pude refletir sobre a concretização dos objetivos delineados no início do ano. Era minha intenção, em primeiro lugar, consciencializar os alunos sobre a importância de se ter um olhar crítico face às informações que nos são transmitidas, perante um ato de heroísmo (atendendo para isso aos valores guerreiros e morais).

De seguida, pretendia que os alunos fizessem uso desse olhar crítico e refletissem sobre a condição do povo romano. Para isso, considerei que Pêro Vaz de Caminha exemplificava muito bem o olhar unilateral de um povo que se considera um modelo a seguir, não imaginando ou dando atenção ao que o rodeia.

Não era intenção, obviamente, inferiorizar ou menosprezar o inigualável poderio romano. O que pretendia realizar junto dos alunos era a desconstrução de uma leitura passiva e de uma compreensão orientada das informações e dos conhecimentos histórico-literários possuídos por si.

Assim, tendo por base o princípio de progressão e tentando otimizar os conhecimentos que iam sendo adquiridos por parte dos alunos, trabalhei para que eles compreendessem melhor a realidade da Antiguidade Clássica e vissem nela um modelo a questionar<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Uma vez que o Programa de Latim do Ensino Secundário não prevê, explicitamente, a lecionação de excertos da *Eneida*, a mesma não foi objeto de aplicação didática. No entanto, considerando que constitui um modelo

## **7. Análise de dados e discussão de resultados**

### **7.1. Análise das atividades**

Esta secção visa apresentar uma análise da operacionalização das atividades, de acordo com parâmetros previamente estabelecidos.

No que à disciplina de Português diz respeito, solicitei atividades de expressão escrita que tiveram em conta os saberes prévios dos alunos, as competências observadas na estruturação do discurso e na explicitação crítica das ideias concernentes ao tema monográfico deste trabalho, de modo a não me desviar da proposta inicial.

Naturalmente que a correção linguística, ao nível da coerência e coesão discursivas, a autonomia e a seleção de um vocabulário adequado foram consideradas na avaliação.

No respeitante à disciplina de Latim, optei por questionários de resposta aberta, pois estes permitem observar, de forma mais objetiva, o aproveitamento da matéria lecionada, neles tendo consagrado espaço à compreensão das questões, do texto e, naturalmente, da mensagem.

Por último, indico que em ambas as disciplinas valorizei a iniciativa na participação no diálogo centrado no confronto de valores entre passado e presente.

Os resultados das atividades serão suportados por três exemplos de resposta dos alunos, tanto a Português, como a Latim. Em ambas as disciplinas, apresentam-se exemplos correspondentes aos níveis de desempenho bom, razoável e menos bom.

#### **7.1.1. Análise das atividades de Português**

Segue-se o enquadramento da atividade que surgiu com a conclusão do estudo da *Farsa de Inês Pereira*, tendo como ponto de partida o papel da mulher e as suas funções na sociedade.

De modo a presentificar a evolução do papel da mulher, partimos do exemplo da Idade Média e “navegou-se” da Antiguidade Clássica até aos dias de hoje.

---

exemplar do tratamento da figura do herói humanizado, a referência a esta obra serviu para a extração de valores heroicos que me permitiram melhorar a minha abordagem do tema em sala de aula.

Tendo em mente a apresentação de um gráfico ilustrativo da discrepância de salário auferido pela mulher e pelo homem, questionou-se a turma sobre a igualdade de género na sociedade portuguesa atual. As respostas mostraram alguma dificuldade por parte dos alunos em posicionar-se face à existência de uma desigualdade de géneros, o que foi perceptível num conjunto de falas hesitantes, bem como no tom de voz.

Após a projeção do gráfico<sup>32</sup>, tornou-se claro que, apesar da ilusória noção de igualdade com que convivemos, a sua prática é questionada.

Dessa forma, o facto de a primeira atividade pretender a criação de uma sinopse cinematográfica fê-los pensar num problema real e na força e coragem que o seu protagonista teria de ter para enfrentar e superar esse problema.

A figura 12 corresponde, na totalidade, ao cenário de resposta previsto. A resposta do aluno A exemplifica o conhecimento da estrutura do texto narrativo, bem como uma boa competência textual.

O aluno A conseguiu refletir sobre uma questão que, para ele, requer coragem e evidencia uma posição bastante assertiva face ao problema.

---

<sup>32</sup> De acordo com a informação disponível no site: <http://observador.pt/2015/06/25/igualdade-de-genero-portugal-e-o-terceiro-pais-mais-desigual-da-ue/> (consultado a 26/04/2016).

"A Esperança de Mata"  
Abandonada pela família quando se recusou a interromper a gravidez indesejada proveniente de um namorado que terminara, Mata viu-se obrigada a mudar de rumo, deixando para trás a escola e a sua terra. Ela é uma mãe solteira de apenas 19 anos que trabalha dia e noite para poder sustentar a filha de 2 anos, Esperança. Ingénua, inexperiente e inocente, a força da jovem é diariamente posta à prova devido à perseguição do pai da criança, um alcoólico determinado a pôr fim à vida dela. "A Esperança de Mata" é a história de uma entre muitas mulheres cujo esforço, esperança e coragem, fazem delas heroínas da sua aventura diária que é a vida.

Figura 12 - Primeira atividade de Português: resposta do aluno A

Por contraste, o aluno B (figura 13) revela algumas falhas ao nível da coesão do discurso, não comprometendo, contudo, os objetivos da atividade. Destaca-se a oscilação no emprego do imperfeito e do presente e a confusa referência de tempos históricos.

No que ao conteúdo diz respeito, o aluno B mostrou ter um espírito criativo, evidenciando compreensão do que fora abordado na aula.







Ainda assim, é de valorizar o emprego do termo 'herói', o que é significativo da assimilação do universo imaginário que se estava a abordar.

Marvel

Bem, a Marvel tem os meus heróis preferidos. O Homem Aranha, a Cat Woman, o Wolverine que são os meus preferidos. O Homem Aranha é uma rapaz normal só que tem poderes e salva imensas vidas, mas ele nunca mostra a sua face, tem sempre o seu rosto com a sua máscara. E porque é que ele se chama Homem Aranha? Porque ele lança teias através das mãos, parecendo uma aranha.

Já a Cat Woman é uma mulher em que no início, não faz mal a ninguém, mas no fim acaba por se tornar um pouco má. E porque é o nome de Cat Woman? Porque ela antes de se transformar em gata, ela tinha muitos gatos em casa, e a partir daí transformou-se numa mulher gata.

O Wolverine é um homem já adulto que parece ter umas unhas enormes, e é um herói forte e corajoso.

Comcluindo, os filmes que eu mais gosto são da Marvel pois têm muita ação e aventureiro, tem as melhores personagens, os melhores atores, e são muito diferentes pois nunca sei o que é que vai acontecer a seguir. Mas o meu preferido é o Homem Aranha.???

Figura 14 - Primeira atividade de Português: resposta do aluno C

Globalmente, nesta primeira atividade, os alunos corresponderam às minhas expectativas, à exceção de uma minoria, o que não se me afigura significativo. As respostas obtidas comprovaram um aproveitamento satisfatório da aula e uma efetiva compreensão dos objetivos da atividade.

É de reconhecer positivamente que os alunos demonstraram alguma consciência sobre a problemática da igualdade entre géneros. Compreenderam que a figura de Antígona<sup>33</sup> não se

<sup>33</sup> A propósito da comparação entre as personagens Antígona e Catarina Eufémia, consulte-se o artigo de Virgínia Boechat, intitulado Antígona e Catarina Eufémia: figurações da justiça em Sophia de Mello Breyner Andresen, disponível no link: <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/viewFile/2337/2196> (consultado a 10/07/2016). Nele, Virgínia Boechat, informa o leitor de que “além de uma leitura político-partidária, encontramos na menção a Antígona um ponto-chave, fundamental para que possamos elucidar a proposta de justiça desse poema, uma possibilidade de sanar a caótica injustiça circundante: “Antígona poisou a sua mão sobre o teu ombro no instante em que morreste” (ANDRESEN, 2004 [1972]: 74). Ora, encontramos na tragédia

distancia da de Inês Pereira, nomeadamente pela vontade de lutar e de alcançar os seus objetivos (o que também penso). Ao mesmo tempo, ambas não se distanciavam de manifestações modernas como, por exemplo, o movimento das Sufragistas<sup>34</sup>, as lutas travadas pelas mulheres de todos os tempos, como é o caso de Sophia de Mello Breyner Andresen, retratado no poema “Catarina Eufémia” (ANDRESEN: 2004, 72).

A segunda atividade teve início com a leitura de uma frase de William Shakespeare (já citada) que suscitava uma reflexão sobre a nossa condição de atores no palco da vida. De seguida, os alunos depararam-se com uma imagem de refugiados, num cenário que os tornava mais espetadores passivos que ativos. Para além disso, o tema camoniano em estudo foi apenas identificado no final dessa aula, facto que manteve os alunos atentos e curiosos. De seguida, estabeleceu-se uma comparação entre o poema de Luís Vaz de Camões, “O dia em que nasci moura e pereça”, e o de João Madeira, “O dia em que nasceu viva e não esqueça”.

Os alunos compreenderam o sentido desta reflexão, demonstrando como um pequeno gesto pode fazer a diferença. Assim, identificaram o desconcerto e o concerto do mundo em ambos os poemas, revelando nesse processo autonomia intelectual e verbo-discursiva e, consequentemente, a capacidade de se posicionarem perante o que é mau e o que é bom.

Apresentam-se, abaixo, dois exemplos de identificação de elementos dos poemas. O aluno D corresponde ao cenário de resposta prevista e o aluno E afasta-se ligeiramente, pois não sublinhou os termos de oposição. Não houve nenhuma produção de nível insuficiente.

---

de antígona a encenação ao extremo do embate entre duas leis, de um lado, a do soberano, promulgada por um humano, que rege as relações interfamiliares da cidade, priorizada pela personagem de Creonte, e, do outro, a lei eterna, de origem divina, prescrições que regem as relações dentro das famílias, o comportamento na casa, os ritos, defendida pela personagem de Antígona” (IDEM: 135).

<sup>34</sup> PEÇA: 2010, 10 afirma que “a história dá-nos a conhecer o sucesso [de] movimentos na busca da igualdade e no reconhecimento da diferença, na luta pela emancipação e libertação da mulher - ainda que exista um longo caminho por percorrer para uma sociedade paritária *de jure* e *de facto*, as conquistas destes grupos são notáveis.

1. Preenche a tabela, por forma a separares os elementos concertantes e desconcertantes presentes neste poema e no de Camões, "O dia em que nasci moura e pereça", sublinhando, em cada uma, o/s termo/s que reforça/em essa oposição.

Concerto	Desconcerto
"Odia em que nasceu <u>moura e</u> <u>não esgueta</u> " ✓	"Odia em que nasceu <u>moura</u> <u>e fusta</u> " ✓
O tempo <u>sempre o renove</u> .	<u>Não o queira</u> jamais o tempo dar
" <u>Torne os mundos</u> torne ao mundo" ✓	<u>Não torne</u> mais ao mundo.
" <u>Não falta</u> a luz que a face à <u>terra aquista</u> " ✓	" <u>Eclipse</u> nesse passo o sol <u>padra</u> " ✓
" <u>Luz não falte</u> " ✓	A luz lhe <u>falte</u> .
Dê o mundo constantes sinais de se <u>alegrar</u> .	" <u>Torta o mundo</u> sinais de <u>atabei</u> " ✓
" <u>Choram-lhe</u> louros, <u>ou</u> chova o <u>ar</u> ." ✓	" <u>Nasçam-lhe</u> <u>monstros</u> , <u>ou</u> sangue <u>chova o ar</u> " ✓
"A mãe <u>afonte</u> ao filho, <u>que o</u> <u>conheça</u> " ✓	Que a mãe <u>não</u> conheça o filho.
" <u>As pessoas</u> <u>pasgadas</u> e <u>exultantes</u> ." ✓	" <u>As pessoas</u> <u>pasgadas</u> , de <u>ignorantes</u> " ✓
"Do <u>júbilo</u> no rosto a cor <u>ganada</u> " ✓	" <u>Do láquima</u> no rosto, a cor <u>perdida</u> " ✓
" <u>Ludem</u> que o mundo já se <u>adormia</u> " ✓	" <u>Ludem</u> que o mundo já se <u>adormia</u> " ✓
"O gente <u>esperançosa</u> , não te <u>espantes</u> " ✓	"O gente <u>temerosa</u> , não te <u>espantes</u> ." ✓
" <u>Que cada</u> dia <u>deita</u> ao mundo <u>a vida</u> " ✓	" <u>Que este</u> dia <u>deita</u> ao <u>mundo a vida</u> " ✓
" <u>Não</u> <u>portejada</u> que <u>jamais</u> se viu!" ✓	Mais <u>desgraçada</u> que <u>jamais</u> se viu!

Figura 15 - Segunda atividade de Português: resposta do aluno D

1. Preenche a tabela, por forma a separares os elementos concertantes e desconcertantes presentes neste poema e no de Camões, "O dia em que nasci moura e pereça", sublinhando, em cada uma, o/s termo/s que reforça/em essa oposição.

Concerto	Desconcerto
"mas com <u>vila</u> e <u>mã</u> <u>esqueca</u> "	"mas com <u>moura</u> e <u>pereca</u> "
O tempo <u>sempre</u> o <u>renove</u> .	<u>Não</u> o <u>queira</u> <u>jamaiz</u> o tempo dar
"Todes as <u>mentes</u> <u>toime</u> o mundo."	<u>Não</u> torne mais ao mundo.
"Mais <u>brilho</u> no <u>sol</u> ."	"Eclipse <u>neste</u> <u>passo</u> o <u>sol</u> <u>perdeca</u> ."
"Luz <u>mã</u> <u>folte</u> ."	A luz lhe <u>falte</u> .
Dê o mundo constantes sinais de se <u>alegrar</u> .	"Nostre' o mundo <u>sinais</u> de se <u>acabare</u> ."
"Trancem-lhe <u>lauros</u> , <u>quia</u> <u>chove</u> o <u>ce</u> ."	"Nascam-lhe <u>monstros</u> , <u>senge</u> <u>chova</u> o <u>ce</u> ."
"A mãe <u>aponte</u> ao <u>filho</u> , que o <u>conheca</u> ."	Que a mãe <u>não</u> <u>conheça</u> o <u>filho</u> .
"As <u>peças</u> <u>permodas</u> , <u>seultades</u> ."	As <u>peças</u> <u>permodas</u> , de <u>ignouides</u> ."
"Os <u>juibis</u> no <u>rosto</u> , a <u>cor</u> <u>ganide</u> ."	As <u>lajrimas</u> no <u>rosto</u> , a <u>cor</u> <u>perdiada</u> ."
"Gudem que o mundo <u>já</u> se <u>redimiu</u> ."	"Gudem que o mundo <u>já</u> se <u>destruiu</u> ."
"O sente <u>esperançosa</u> ."	"O sente <u>temerosa</u> ."
"Que <u>cada</u> <u>dia</u> <u>deita</u> ao mundo a <u>vida</u> ."	"Que <u>este</u> <u>dia</u> <u>deitou</u> ao mundo a <u>vida</u> ."
"Mais <u>festefada</u> que <u>jamaiz</u> se viu"	Mais <u>desgraçada</u> que <u>jamaiz</u> se viu!

Figura 16 - Segunda atividade de Português: resposta do aluno E

A terceira atividade – partindo do texto “Diante da Lei”, de Franz Kafka, e da esparsa camoniana “Os bons vi sempre passar” – pretendia a construção de um texto, com recurso a ferramentas tecnológicas, que evidenciasse uma problemática social reveladora de injustiça e desordem (o “desconcerto”).

Após a leitura da fábula teve lugar uma discussão com os alunos sobre os conceitos de justiça e de lei e a sua atualidade. Os alunos identificaram facilmente as metáforas que constroem o texto de Franz Kafka e, surpreendentemente utilizaram as ilações, das quais destaco, a título de exemplo, a de o mundo ser um local desconcertante onde a justiça existe para poucos e onde quem espera nunca alcança e a da presença do camponês que aguarda que as portas da lei se abram para que ele possa aceder a ela e onde acaba por morrer sem nunca usufruir de tal direito. Tais ilações foram projetadas na compreensão do poema de Camões.

Para sistematizar o tema do Desconcerto do Mundo, deu-se lugar, primeiramente, ao preenchimento de um esquema-síntese e à leitura de uma informação sobre a matéria.

Não há um cenário de resposta único para esta atividade. No entanto, pretendia-se que os alunos fizessem uso de fotografias, cartazes, músicas ou qualquer outro elemento que evidenciasse a compreensão da problemática em presença. Solicitava-se também que demonstrassem a compreensão dos textos trabalhados em sala de aula e do tema camoniano e sua projeção num caso real específico.

O trabalho deveria ser feito em pares e compreender uma planificação prévia, em formato escrito, a ser entregue para avaliação<sup>35</sup>.

Para fazer parte integrante do presente Relatório, o par A retratou a realidade do Brasil, com recurso ao *Prezi*, comparação que implica o poema de Camões.

---

<sup>35</sup> Uma vez que o trabalho não foi devolvido aos alunos, não se encontra corrigido.





Figura 17 - Terceira atividade de Português: resposta do par F

O **Brasil** é o maior país da América do Sul, sendo o quinto maior do mundo em área territorial e população (com mais de 200 milhões de habitantes).

É o único país na América onde se fala maioritariamente a língua portuguesa e, além de ser uma das nações mais multiculturais e etnicamente diversas, é também um **país de grandes diferenças e contrastes**.





Figura 18 - Terceira atividade de Português: resposta do par F



Apesar de o **Brasil** ser um país subdesenvolvido:

- É o 7º país com maior PIB (Produto Interno Bruto) no Mundo.
- Teve grandes avanços econômicos, políticos e tecnológicos.
- É uma terra privilegiada por belas paisagens e por uma grande riqueza ambiental.
- Possui uma diversidade de culturas como consequência da imigração proveniente de todo o mundo.





Figura 19 - Terceira atividade de Português: resposta do par F



- Tem uma economia forte, muitas vezes comparável à economia de países do Primeiro Mundo.
- Exporta tanto maquinaria de ponta como matéria-prima (café em grão, por exemplo).
- Possui um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) consideravelmente alto (0,699), porém deve-se somente ao aumento da expectativa de vida dos últimos anos.






Figura 20 - Terceira atividade de Português: resposta do par F

Mas, neste país de dimensões continentais imperam **problemas sociais**, provocados pela desigualdade de distribuição da renda entre as classes, desemprego, violência generalizada, falta de moradias, corrupção e alto índice de analfabetismo.

Para além disso, os programas sociais não são suficientes para o atendimento da maioria da população que necessita.

Figura 21 - Terceira atividade de Português: resposta do par F

Em relação à **educação**, enquanto algumas regiões beneficiam de um melhor ensino, em outras estudar é um desafio quase impossível, devido à falta de condições.


Na área da **saúde**, milhares de brasileiros aguardam em filas quilométricas ou morrem por falta de atendimento adequado.

A falta de **saneamento básico** e a distribuição de **água potável** são outros grandes problemas, além de outros serviços necessários para a sobrevivência digna de uma população.

Figura 22 - Terceira atividade de Português: resposta do par F



- Podemos afirmar que a **desigualdade da população brasileira** teve origem na época da colonização, pois já existia um grande contraste entre os escravos e os senhores de engenho.
- Assim, os ricos constituem uma parcela muito pequena da população e detêm a maior parte da riqueza do país, enquanto que os pobres vivem em condições muito precárias e recebem muito menos do que o necessário para sobreviver.




Prezi

Figura 23 - Terceira atividade de Português: resposta do par F

**Em conclusão:**

- Apesar da distância temporal entre Camões (séc. XVI) e a atualidade, o tema do desconcerto do Mundo e os assuntos retratados na lírica estão presentes nos nossos dias.
- O Brasil, tal como pudemos comprovar, é um dos exemplos da existência de desajustes sociais e de injustiça na repartição dos benefícios, isto é, do desconcerto do Mundo.
- O Mundo, tal como o poeta renascentista descreveu, encontra-se "às avessas" e em crise de valores.



Prezi

Figura 24 - Terceira atividade de Português: resposta do par F

Já no caso do par G, como se observa na seguinte figura, os alunos limitaram-se a expor uma situação, sem que tenha sido feita uma relação direta com Camões.

# Diário de Notícias

O jornal preferido dos Portugueses 18-05-2016

## Os refugiados na Síria



A Síria está em guerra civil desde 2011, registou-se um total de 11,7 milhões de deslocados, mais de metade dos seus 23 milhões de habitantes).

Por causa da violência, milhares de pessoas têm deixado o país todos os dias. Como se não bastasse isso, o grupo terrorista Estado Islâmico está a invadir cidades no país. Com medo de serem presas ou mortas as pessoas têm fugido.

Os refugiados são vítimas de ódio, da ganância, da intolerância, dos preconceitos, dos conflitos, da guerra e do Desconcerto do Mundo.

Figura 25 - Terceira atividade de Português: resposta do par G

Por último, apresenta-se do trabalho do par H, que não fez o enquadramento do que fora abordado em sala de aula com a atualidade.



Figura 26 - Terceira atividade de Português: resposta do par H

## O que retrata o tema do desconcerto do mundo?

O tema do desconcerto do mundo, retrata as injustiças sociais, sendo que se vive em tempos de grandes incertezas onde a par da desigualdade um enorme desejo de justiça, permanece: os cataclismos naturais e consequentemente desconcertantes: a morte sempre no horizonte e sem qualquer tipo de explicação lógica e por fim o fracasso dos sonhos e dos projetos, ou seja, este tema consiste numa reflexão pessimista sobre a vida e o mundo, como se a realidade não seguisse a lógica do bem, da virtude e dos valores morais, como que se o mundo não fosse possuidor de qualquer tipo de sentido.

Figura 27 - Terceira atividade de Português: resposta do par H



## “Ao desconcerto do mundo”

“Os bons vi sempre passar  
No mundo graves tormentos;  
E pera mais me espantar,  
Os maus vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.  
Cuidando alcançar assim  
O bem tão mal ordenado,  
Fui mau, mas fui castigado.  
Assim que, só para mim  
Anda o mundo concertado.”



Figura 28 - Terceira atividade de Português: resposta do par H

## Reflexão sobre o poema

- O sujeito poético indigna-se com o facto de que as pessoas que praticam actos relacionados com o bem passam por grandes tormentos ao longo das suas vidas, mesmo que não sejam merecedoras deste tipo de dificuldades, contrariamente àqueles que não realizam a prática do bem, sendo que estes vivem com contentamento.
- Neste poema é salientado o bem e o mal, e consequentemente o justo e o injusto.
- Ou seja, nesta reflexão de Camões, (relacionada com este poema), a ordem social instituída é injusta o que o leva a concluir que há um desconcerto do mundo.

Figura 29 - Terceira atividade de Português: resposta do par H

Fazendo um breve balanço desta terceira atividade, saliento que esta foi a que revelou mais empenho por parte dos alunos. Evidenciaram não só uma curiosidade singular pelo tema do Desconcerto do Mundo, mas também pela elaboração do trabalho e pela procura de formas originais para o realizar. Diria mesmo que essa curiosidade provinha já da realização da tarefa anterior, onde o facto de terem sido eles a transformar o “desconcertante” em “concertante”, interligado com o uso da imagem que representa uma situação muito atual e problemática, possa tê-los ajudado a assumir um protagonismo que os envolveu nas tarefas e os auxiliou a tirarem um maior proveito do referido paralelismo.

A última atividade teve como contexto a lecionação do final do canto X, d’*Os Lusíadas* e fazia parte do tema monográfico do meu Relatório de Estágio. Após o enaltecimento da figura de Camões como verdadeiro herói, evidenciado no excerto do poema de Miguel Torga, “Camões”, demos início à leitura do canto X, da estância 145 à 156. Essa aula finalizou com o visionamento do vídeo “*Whats make a hero*” que pretendia dar a conhecer ao aluno a visão de Joseph Campbell, estudioso que defende que todos os heróis da Humanidade descendem de um monomito que teve origem na Antiguidade Clássica.

A atividade solicitada aos alunos pretendia que, num pequeno texto, partissem da frase do vídeo “Na caverna onde tens medo de entrar, jaz o tesouro que procuras” e descrevessem uma aventura futura ou passada onde refletissem sobre a superação dos seus medos pessoais e sobre o que foi feito ou o que se propunham fazer para ultrapassá-los.

O exemplo do aluno I evidencia uma efetiva compreensão do texto camoniano e do vídeo apresentado.

Herói

Um herói é aquele que enfrenta os seus medos e que os ultrapassa mesmo com todas as dificuldades encontradas no seu caminho.

Imaginando que tinha à minha frente uma ponte instável e que queria passar de uma margem à outra, onde passar a ponte seria a única opção. Faria de tudo para conseguir passar a ponte, pois se o meu objetivo era chegar ao outro lado saberia que desse lado iria ter uma recompensa que valeria o esforço gasto no percurso.

Durante toda a vida iremos ser confrontados com obstáculos cada vez mais difíceis e teremos de ser capazes de os ultrapassar.

Figura 30 - Quarta atividade de Português: resposta do aluno I

No caso do aluno J encontra-se também evidente o medo sentido pelo autor do texto e a sua origem, como podemos verificar na figura 31. De seguida, é visível o que o motiva a enfrentar esse medo e a convicção de que será capaz de afrontá-lo, ainda que denote um distanciamento do que fora proposto.

No mar da Gala terei de surfar, na próxima quinta-feira, sem saber nadar.

O que me irá acontecer? Que perigos irei enfrentar? Será que me sou a fregar nas ondas?

Estes são alguns dos perigos que terei de enfrentar, se conseguir atingir estes objetivos conseguirei mais uma vez vencer os meus medos e poder aproveitar e apreciar a maravilhosa experiência que a escola me está a proporcionar que é surfar, e assim q' puderei espalhar por todo o mundo mais uma vez enfrentei e venci um dos meus medos.

Figura 31 - Quarta atividade de Português: resposta do aluno J



Por sua vez, o aluno L, de acordo com o exposto na figura 32, elaborou um texto mais impessoal, onde o afastamento do tema é evidente. No entanto, consegue-se perceber que a compreensão do que fora abordado em sala de aula está presente, bem como o conhecimento do que é ser herói.

o que faz um herói?

O termo "herói" tem um significado ~~muito~~ que pode variar de pessoa para pessoa. Um indivíduo pode se achar "um herói" por contribuir para o banco alimentar, ou ~~uma~~ senhora idosa que considera o seu animal de estimação um herói, por ser a sua única companhia.

Eu acho que existem duas formas de se ser um herói. Uma é ~~de~~ sair-se ~~da~~ zona de conforto e fazer algo para ~~o bem~~ <sup>o bem</sup> do ~~outro~~ <sup>do próximo</sup> ou de outras pessoas. Na Grécia antiga, o herói era a pessoa que arriscava a vida para salvar uma população ou cidade, aplicando, inconscientemente, ~~uma~~ maneira de pensar utilitarista <sup>com</sup> a qual Stuart Mill iria concordar. Mas voluntários, neofitas e gregos à parte, o ser um herói é condicionar-se a fazer todo o possível para o seu feito, ciente o que custa.

Figura 32 - Quarta atividade de Português: resposta do aluno L

Concluindo a apresentação das atividades, cumpre deixar uma nota de satisfação. Os alunos demonstram uma assinalável progressão na compreensão do texto literário, na reflexão crítica e na construção do discurso, tanto na oralidade como na escrita.

Considero que muito há a melhorar, nomeadamente no que diz respeito aos enunciados de instrução, pois muitas vezes tive de reformular o meu discurso e também de atender com mais cuidado ao nível de escolaridade dos alunos. Constatado que a qualidade pedagógica do trabalho que realizei com esta turma se deve, em grande parte, à maturidade cognitiva e ao empenho revelado pelos alunos.

Considero que, globalmente, os objetivos foram cumpridos.

### **7.1.2. Análise das atividades de Latim**

A par do que se verificou na disciplina de Português, em Latim considero que o objetivo do tema do meu Relatório de Estágio foi igualmente concretizado com sucesso.

Ainda que a fase de compreensão textual no texto original, em latim, tenha tido lugar apenas à medida que se ia aproximando o final do ano letivo, considero que, quer nesta fase final quer na fase inicial, através das traduções, a compreensão foi assegurada e, mais importante ainda, existiu uma constante viagem entre o Presente e a Antiguidade Clássica.

Orientei os alunos de modo a que se localizassem continuamente no tempo e no espaço a que fazíamos referência, fazendo uso de apresentações, textos e vocabulário que os transportassem para a realidade que ia sendo evocada.

O enquadramento da primeira atividade na disciplina prendeu-se com a perceção que os alunos tiveram do conceito de herói, após a abordagem do “Saque Gaulês ao Capitólio” e da apresentação da Banda Desenhada *Asterix et Obelix*. Pretendia averiguar o conhecimento dos alunos designadamente as ilações que tinham extraído dos conteúdos lecionados em aula.

Num último momento, selecionei um excerto do Canto X, d’*Os Lusíadas*, para avaliar a forma autónoma como os alunos interligavam os conceitos, procurando saber como é que entendiam o conceito de herói e qual consideravam ser o papel do poeta.

Na Figura 33 observa-se que a resposta à pergunta 2 (relativa à importância de nos questionarmos sobre a veracidade unilateral das informações que recebemos, tendo como exemplo o caso de Asterix e a sua comparação com a sua descrição na Banda Desenhada), ficou um pouco aquém do esperado, pois o aluno 1 limita-se a referir que cada pessoa tem as suas ideias e ter uma atitude passiva é unicamente opção da pessoa. Era esperado que, acrescentar a esse facto, o aluno indicasse um exemplo ilustrativo, quer tivesse sido dado em aula, quer pertencesse à sua esfera pessoal, de forma a justificar a sua opção, como solicitado no enunciado de instrução. Na questão a) da pergunta 3 é visível uma justificação para o facto de considerar que o povo romano poderá não ser tão invencível como é descrito por Tito Lívio e na b), ainda que de uma forma simples, apresenta elementos que permitem compreender o modo como é reconhecido o povo romano.



No entanto, e o motivo pelo qual selecionei este excerto como exemplar da resposta à questão 4 a), obedece ao cenário de resposta que delineei. De facto, não havendo qualquer contacto com este excerto, em aula, foi interessante verificar o modo como o aluno fez a análise, apontando os versos exemplificativos daquilo que, logo de seguida, desconstrói e explica. Ao afirmar que as “cousas que juntas se acham raramente” correspondem a características que modelam um herói como “a coragem, a força, a ambição de chegar a um objetivo, a determinação”, que se juntam a características morais, estabelece uma ligação direta com o assunto abordado em aula.

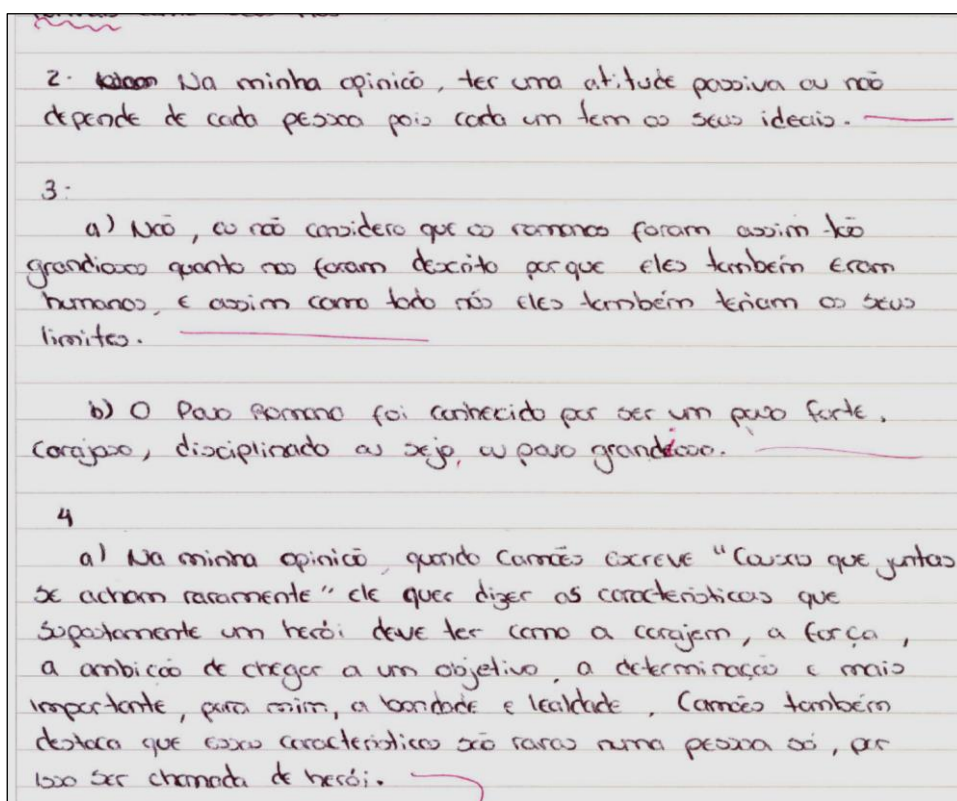


Figura 33 -Primeira atividade de Latim: resposta do aluno 1

Era importante ter em conta que, ao contrário da situação descrita por Tito Lívio, o povo Romano poderia também sofrer as consequências dos seus atos e que claramente existiu um enaltecimento da sua grandeza e da sua força sem igual na Antiguidade Clássica.

Pretendia-se que os alunos fizessem uma leitura crítica da situação em causa, isto é, que reconhecessem essas qualidades no povo romano e a sua importância para o povo português em Camões.

Como no início da aula o aluno 2 se apresentava com adereços de mensageiro, dando a notícia de que o Capitólio estaria a ser atacado, tornava-se necessário que os alunos refletissem perante a informação dada ainda antes de sugerirem uma ação. Assim, com a leitura dialogada do texto em latim, pudemos compreender, através da tradução, como Mânlio Foi necessário refletir e ter em conta que, por mais que exista uma diferença ténue entre um historiador e um poeta, ela está sempre presente.

Na figura seguinte, encontra-se a realização da atividade pelo aluno 3, que apresenta um desvio ao que fora solicitado.

Na questão 2 refere que todos devemos ter uma atitude ativa, mas remete-se às lições que poderemos tirar das obras, não fazendo referência à posição crítica que devemos ter no momento da receção das mesmas. No entanto, de seguida justifica com o exemplo de Asterix e da sua constante persistência, não indicando se se refere à obra ou à história da personagem. No final, apresenta uma conclusão, estruturando assim a sua resposta.

Na resposta seguinte, deteta-se um registo coloquial e um pouco vago. Contudo, a resposta é afirmativa e aparece justificada de uma forma plausível, se se considerar que o povo deve ser louvado e não por se remeter para o exemplo de Mânlio, capaz de uma força quase sobre-humana.

Relativamente à questão b) da pergunta 3, o aluno apresenta uma resposta fraca e ambígua, identificando como característica do povo romano o ser corajoso e o conseguir um Império tão grande, ficando por identificar “aqueles que em cima estão referidos”.

No que concerne à última questão, a resposta do aluno revela-se ambígua, redundante e, em alguns momentos, acarretando um registo coloquial, quando refere “dores de cabeça”, revelando ainda um desvio perante o que era pedido, pois considerou que a obra e o poeta eram heróis e que o eram por narrarem o feito nacional, ignorando por inteiro a análise do excerto apresentado na questão.

2) Já los porantos estes dres, devemos ser ativos a tirar da mensagem para a nossa vid. Em Asterix, os seus principais característicos são a resistência e de acreditar até ao fim. Estes é um verdadeiro herói porque defendeu o seu povo, acreditando em si e nas suas capacidades. Por isso devemos tirar conclusão para a nossa vid.

3)

a) Sim, porque quem consegue manter um império tão vasto durante quase 500 anos de vitórias deve ser glorioso.

b) Aquelas que em cima estão referidos foram também aquelas que só eles conseguiram ter o poder de chegar a conselhos por manter o seu império. Também as conquistas.

4) Luís Vaz de Camões, com a sua obra épica "Os Lusíadas", descreve a viagem dos portugueses. Esta obra deve de certo a Camões muitas dores de cabeça para conseguir fazer este feito. Esta obra é perfeita e quem fez de Luís Camões um herói porque não desistiu da sua ideia de eternizar e glorificar este tão grande feito nacional. Por isso ele e a sua obra são vitais para a história e são por isso heróis.

Figura 34 - Primeira atividade de Latim: resposta do aluno 3

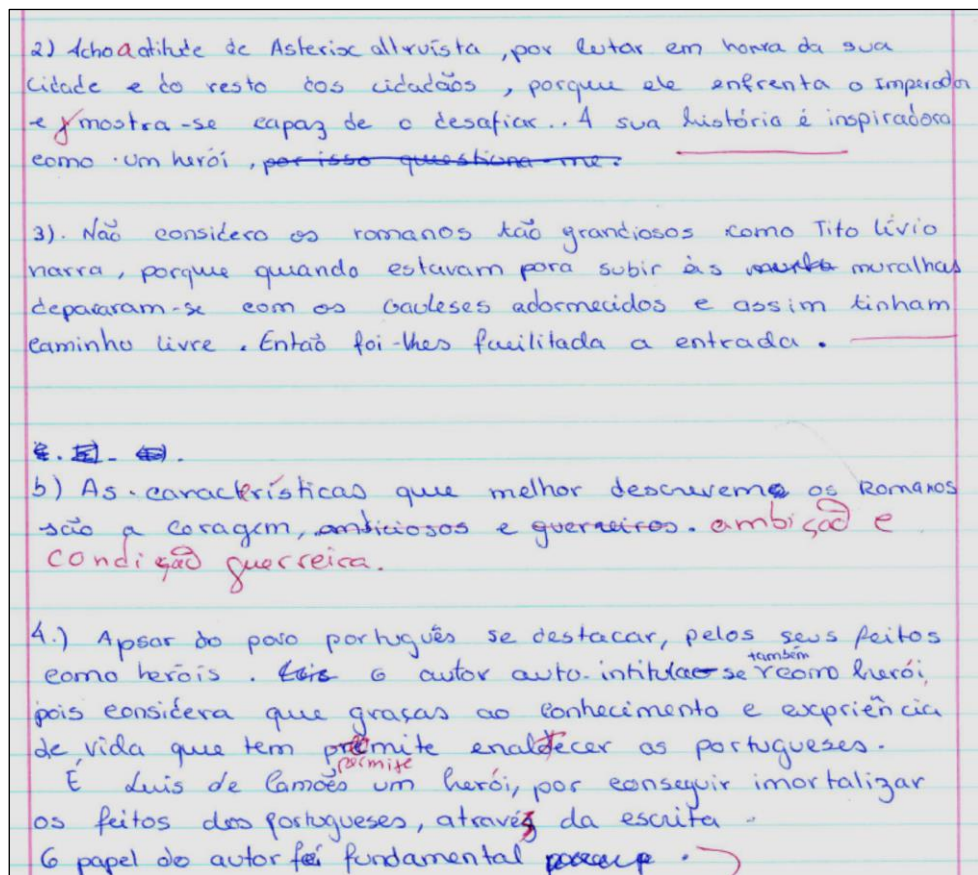


Figura 35 - Primeira atividade de Latim: resposta do aluno 4

No caso do aluno 4 (figura 35) podemos observar que a resposta à questão número 3 afasta-se completamente do episódio considerado em aula. Além de revelar incompreensão face à matéria estudada, não responde a todas as questões, não sendo, por isso, considerado um bom exemplo. Todavia, as respostas às restantes questões podem ser validadas, tendo em conta o solicitado: destaque, com agrado, a resposta à questão 4 que, ainda que confusa, encerra elementos pertinentes, por exemplo, a identificação de Camões como herói da epopeia por imortalizar os portugueses através da escrita, valorizando assim o papel do poeta e identificando-o como possuidor de “conhecimento e experiência de vida”.

Concluí que a mensagem essencial tinha sido transmitida, já que a turma colaborou oportuna e positivamente nas respostas aos questionários.

Uma vez que o meu objetivo passava também pela consciencialização crítica perante toda a informação que chega até nós, nomeadamente através da notícia, foi com agrado que detetei o sucesso na concretização da atividade.

Também na segunda atividade esteve patente o espírito crítico dos alunos mas, desta vez, apostei na análise de um excerto da carta de Pêro Vaz de Caminha.

Após a visualização do filme *Pompeios* e da observação sobre o modo como os Romanos se relacionavam com os deuses e, em certa medida, se subjugavam à sua vontade, pretendia averiguar se os alunos, após o estudo do texto latino, saberiam observar até que ponto a religião e a cultura dos Romanos era modelo ou imposição e qual o motivo pelo qual acolhiam as religiões dos povos conquistados.

Do mesmo modo, tendo em conta que os ideais do Império Romano ecoavam e ecoam ainda nos dias hoje um espírito de grandeza, de força guerreira e que continuam a servir de referência, pretendia apurar de que modo os alunos consideravam que estes valores poderiam valer por si só.

Assim, surge a descrição feita por Pêro Vaz de Caminha quando chegam as embarcações portuguesas à Índia.

Na figura 36, encontra-se o leque de respostas previsto, à exceção da questão 2, onde se pretendia que o aluno identificasse a relação de superioridade dos Romanos face a todos os povos, mas a sua submissão aos deuses<sup>36</sup>.

O aluno 5, na questão 1 a), identifica a força superior dos deuses face ao povo Romano e exemplifica, como solicitado na pergunta, o filme *Pompeii*, como forma visível da pequenez do Homem face a outras forças superiores.

A resposta 3 expressa o modo como os Romanos lidavam com os deuses dos povos que conquistavam e, a questão 4, reforça a ideia veiculada na questão 2, mas que só aqui era solicitada.

Na questão 5 b), considero que o aluno podia ter fundamentado melhor a sua resposta, no respeitante à comparação feita com a vinda dos Romanos para a Península Ibérica.

---

<sup>36</sup> Contrariando a opinião geral demonstrada pela turma, pretendeu-se que o aluno refletisse de forma crítica sobre a veracidade da superioridade romana inquestionável. Prova de que não seria correto levar os alunos a terem essa leitura unilateral do povo romano são os versos de Horácio: “A Grécia vencida conquistou o seu feroz vencedor/ e no Lácio agreste as artes introduziu; assim perdeu o curso/ o áspero metro sátúrnio e a elegância expulsou/ a pesada sordidez; mas por longo tempo ficaram/ e existem hoje ainda vestígios de rusticidade” (PEREIRA: 1986, 194).

Relativamente à figura 36, ainda que considere que a resposta poderia ter outra estrutura, a justificação do seu entendimento está presente. São, pois, válidos os elementos que aduz, como, por exemplo, a aprendizagem de uma nova língua e de uma nova cultura, a propósito da conquista de um povo por outro.

1-  
a) Tendo em conta o que sei sobre ~~o~~ o Império Romano, eles temiam os deuses, o que faz com que os incansáveis sejam superiores a todos os seus legiões, mas se por um lado concreto, como no filme "pompéia"; a Natureza é superior a qualquer ~~deus~~ Homem sendo ele Romano ou não.

2- Os Romanos temiam os deuses, mas a sua relação era como uma relação de troca e favores, como um negócio, pois os Romanos davam oferendas aos deuses em troca de algo, um contrato.

3- Sendo os Romanos um povo politeísta, ao conquistar um povo, os Romanos abriam/~~criavam~~ implantavam a sua religião aos conquistados.

4- O culto prestado pelos Romanos aos deuses era um contrato pois os Romanos davam uma oferenda / sacrifício aos deuses em ~~troca~~ troca de algo vindo deles.

5-  
a) P é a voz de primeira ve a ação do povo Lusitano como uma ação de paz, pureza e sem vergonhas.

b) Sim, quando os Romanos invadiram a península Ibérica, pois fala no contacto entre Lusitanos e Romanos.

Figura 36 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 5

6- Um povo considerado superior, por exemplo, o povo Romano, é ~~em~~ cruel com um povo conquistado, o povo considerado inferior, pois é obrigado a mudar o seu estilo de vida para sobreviver, mudar de religião, conforme seja a do povo conquistador, aprender uma nova língua, a do povo superior e até mesmo mudar o seu modo de estar em sociedade.

Figura 37 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 5

No segundo exemplo, as respostas assemelham-se igualmente ao que era esperado; no entanto, o vocabulário e a estrutura das mesmas levou a que também o conteúdo não fosse tão



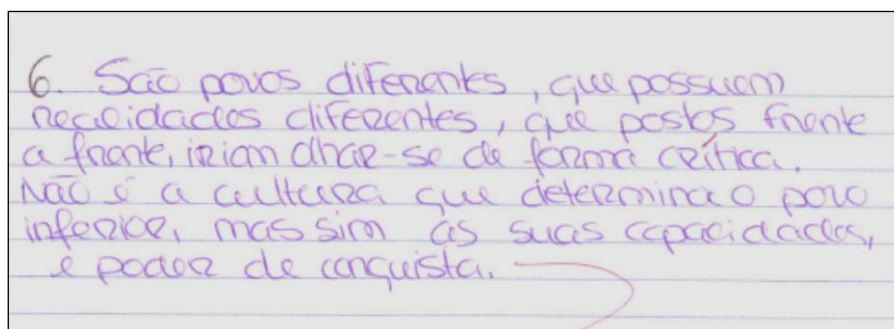
rico. Destaco o exemplo da questão 6 (figura 40) que me surpreendeu pela opinião do aluno, que considera que o poder de conquista de um povo é mais relevante que a cultura que este pode possuir.

1.
  - a. Embora o seu poder supremo, o império Romano era inferior aos Deuses, venerando-os e temendo-os.
2. Considero a relação entre os Romanos e os deuses, um ato de superciedade. Os Romanos sempre foram temíveis pelo seu enorme poder, relacionado com as grandes conquistas e império, porém, acima dos Romanos estão os deuses, seres imortais, controladores de tudo.
3. Após a expansão e conquista de povos, os Romanos afeccionavam a sua cultura, por onde ~~passa~~ passassem.
4. Não era propriamente um contrato, mas era uma maneira de laçar os deuses, para que eles lhes prestassem auxílio, no entanto, para tal, eram necessárias práticas ou oferendas aos deuses.

Figura 38 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 6

5.
  - a. Pelo Voz de Comintia, vê o povo Lusitano, como um povo reservado, ~~avermelhado~~ que segue uma crença.
  - b. Sim, pois no exemplo demonstra dois tipos de crenças e necessidades, sendo uma delas a romana, que tem teve tendência em expandir-se.

Figura 39 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 6



6. São povos diferentes, que possuem necessidades diferentes, que postos frente a frente, iriam chocar-se de forma crítica. Não é a cultura que determina o povo inferior, mas sim as suas capacidades, e poder de conquista.

Figura 40 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 6

No último exemplo (figura 41) persiste o registo coloquial e o desvio face ao que fora solicitado.

Na primeira resposta refere-se que o poder do povo romano é superior a qualquer outro, não fazendo menção ao filme visualizado nem invocando o que nele é retratado. Na questão 2, a resposta é considerada totalmente incorreta, pois o aluno caracteriza a relação dos Romanos com os deuses como uma relação de proximidade, não fazendo referência ao facto de os segundos serem superiores.

Outro exemplo de desvio encontra-se na questão 5, onde não existe uma única referência ao excerto que deveria ser tido como exemplo para análise e comentário.



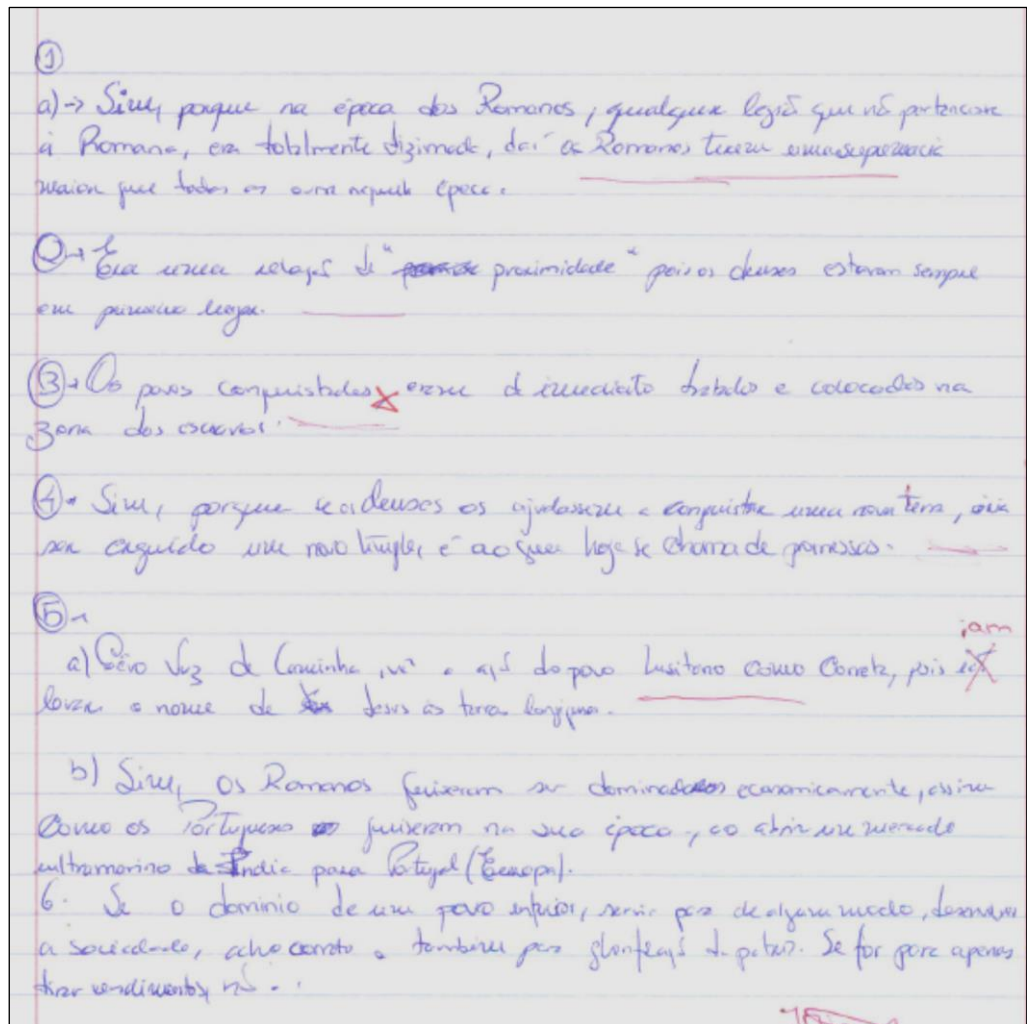


Figura 41 – Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 7

Em suma, a segunda atividade trouxe variadas opiniões por parte dos alunos mas, no geral, todos à exceção do aluno 7, respeitaram, de certo modo, o que fora solicitado. Quanto a esta atividade, talvez tivesse sido profícuo trabalhar o excerto de Pêro Vaz de Caminha antes de o entregar para análise, para poder auscultar o conhecimento dos alunos.

Por fim, pedi à turma que não só refletisse sobre a Escravatura e sobre o que era ser escravo na época Romana mas também sobre essa condição nos dias de hoje.

Assim, era solicitado aos alunos que, por um lado, opinassem, com base no texto de Catão, de que modo eram tratados os escravos, e, por outro, com base na compreensão do texto latino, salientassem elementos que explicitassem o motivo pelo qual Espártaco se

revoltou e o que o melhor caracterizava quais as m, dando, no final, a sua opinião sobre a escravatura atualmente.

Na figura 42 é visível que o aluno 8 respondeu ao que era pedido, pois identificou a forma como os escravos eram vistos pelos Romanos, como poderiam ser mais caros caso fossem escravos cultos ou escravas belas e, no final, expõe a sua opinião de forma objetiva, mostrando que se consegue distanciar do texto.

1. Lê o seguinte documento.

Os escravos “eram apresentados nus para se notarem os seus defeitos físicos. Os compradores apalpavam-nos e examinavam-nos como ainda hoje se faz nas feiras aos animais. (...) O preço dependia dos conhecimentos e aptidões de cada um: os escravos cultos e as escravas belas atingiam preços bastante elevados”<sup>1</sup>. (...) [Catão] “quando se tornavam velhos, vendia-os, para não ter de alimentar bocas inúteis”<sup>2</sup>.

1.1 Tendo por base a afirmação, refere como eram tratados os escravos. (Na tua resposta deve constar a tua opinião sobre o assunto).

Os escravos ~~eram~~ eram como animais para os Romanos, não tendo nem respeito nem direitos. Se tivesse beleza ou conhecimento, poderia ter a sorte de ter uma vida não tão dura como a de escravos com defeitos físicos. Quando se tornavam inúteis, eram vendidos ou expulsos para fora, não ficando nem perto da condição humana.

Considero injusta a condição imposta aos escravos pelos Romanos, pois afinal também são seres humanos.

---

<sup>1</sup> SOARES, João, *Latim I*. Coimbra, Almedina, 1991. P. 212.  
<sup>2</sup> Plutarco, Catão, o Censor.

Figura 42 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 8

Na questão 2, ainda que de forma incompleta, identificou os elementos que eram solicitados, a partir do texto em latim analisado em aula, mostrando assim compreender o que foi abordado.

Na resposta à última questão apresentou uma escrita clara e objetiva, servindo-se do exemplo do trabalho infantil para explicar a sua posição e afirmar que dificilmente a escravatura terá um fim.

2. Lê a seguinte afirmação.

Espártaco foi um escravo que ficou célebre por um dos maiores feitos de sempre da História de Roma – a revolta servil que derrotou o exército Romano por duas vezes.

2.1 Indica o que provocou a revolta de Espártaco. Justifica, utilizando vocabulário latino do texto analisado em aula.

Espártaco "exercitum Romanum deseruit quia milia crudelior quam is putabat erat".

2.2 Transcreve do texto latino as expressões que melhor caracterizam Espártaco.

"Sparticus magnam virtutem et animi ferocitatem habebat".  
"dementior (...) fuit quam Romani duces".

3 Consideras que a escravatura ainda existe nos dias de hoje? Justifica.

Sim, a escravatura continua presente ainda nos nossos dias, como por exemplo trabalho infantil, pois de certa forma é algo que é próprio do ser humano, dominar os mais fracos, e é algo que não se apagou facilmente da História da Humanidade.

Figura 43 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 8

No caso do exemplo expresso na figura 44, verifica-se que o aluno em causa não deixou evidente a sua opinião quanto ao assunto descrito. O aluno 9 faz referência aos dados observáveis no texto, comparando os escravos a mercadorias, mas não se situa face à afirmação.

1. Lê o seguinte documento.

Os escravos “eram apresentados nus para se notarem os seus defeitos físicos. Os compradores apalpavam-nos e examinavam-nos como ainda hoje se faz nas feiras aos animais. (...) O preço dependia dos conhecimentos e aptidões de cada um: os escravos cultos e as escravas belas atingiam preços bastante elevados”<sup>1</sup>. (...) [Catão] “quando se tornavam velhos, vendia-os, para não ter de alimentar bocas inúteis”<sup>2</sup>.

1.1 Tendo por base a afirmação, refere como eram tratados os escravos. (Na tua resposta deve constar a tua opinião sobre o assunto).

Naquela altura, os escravos eram tratados em  
semelhança com os animais, ou seja, a sua digi-  
dade enquanto humanos era nula. Estes eram trata-  
dos como mercadorias, trocados pelos haveres afli-  
de serem utilizados os seus donos, domésticos ou  
de extremo peso. Eram apenas úteis no seu caso  
de juventude, pois quando chegavam à idade idosa  
ou perdiam qualidades, eram vendidos para  
os senhores não arcarem com despesas desnecessárias.

<sup>1</sup> SOARES, João, *Latim 1*. Coimbra, Almedina, 1991. P. 212.

<sup>2</sup> Plutarco, Catão, o Censor.

Figura 44 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 9

Na figura 45, o aluno identifica com clareza quais as expressões latinas que melhor correspondem ao solicitado, fazendo a introdução da resposta primeiramente em português, o que se enquadra no meu cenário de resposta.

Quanto à última questão, destaco também o exemplo dado pelo aluno, do tráfico humano e a forma como estas situações não são expostas nem ganham visibilidade no mundo atual.

2. Lê a seguinte afirmação.

Espártaco foi um escravo que ficou célebre por um dos maiores feitos de sempre da História de Roma – a revolta servil que derrotou o exército Romano por duas vezes.

2.1 Indica o que provocou a revolta de Espártaco. Justifica, utilizando vocabulário latino do texto analisado em aula.

O que provocou a revolta de Espártaco foi a crueldade do exército Romano, como se pôde verificar no texto com as seguintes frases: "Exercitum autem Romanum deseruit quia militum crudelium suorum is putabat, erat."

2.2 Transcreve do texto latino as expressões que melhor caracterizam Espártaco.

As expressões que melhor caracterizam Espártaco são, as seguintes: "Spartacus Thracius erat."; "Tum, Spartacus, sui magnam virtutem...".

3 Consideras que a escravatura ainda existe nos dias de hoje? Justifica.

Sim, apesar de não ser evidente nos nossos dias, ainda existem países e territórios onde a escravatura está ativa, como por exemplo, o tráfico humano nos países do Oriente.

Figura 45 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 9

O aluno 10 (figura 46) regista um nível de escrita bastante coloquial e não obedece ao que foi pedido na questão. Não só não expressa de forma correta a sua opinião, como também não aborda o texto de uma forma coerente.

1. Lê o seguinte documento.

Os escravos “eram apresentados nus para se notarem os seus defeitos físicos. Os compradores apalpavam-nos e examinavam-nos como ainda hoje se faz nas feiras aos animais. (...) O preço dependia dos conhecimentos e aptidões de cada um: os escravos cultos e as escravas belas atingiam preços bastante elevados”<sup>1</sup>. (...) [Catão] “quando se tornavam velhos, vendia-os, para não ter de alimentar bocas inúteis”<sup>2</sup>.

1.1 Tendo por base a afirmação, refere como eram tratados os escravos. (Na tua resposta deve constar a tua opinião sobre o assunto).

Os Romanos, tratam os escravos como verdadeiros animais. Não que isto faz sentido no contexto de alguma, há de ser semelhante à si desta maneira? Obviamente que não! Eu fiquei completamente perplexo quando ouvi isto. Em suma, podemos concluir que esta maneira de tratar os escravos era desumana!

<sup>1</sup> SOARES, João, *Latim I*. Coimbra, Almedina, 1991. P. 212.

<sup>2</sup> Plutarco, Catão, o Censor.

Figura 46 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 10

Igualmente na questão 2 faz a identificação de forma incompleta do vocabulário pedido, não tendo considerado a resposta como válida.

Na questão 3 indica o seu ponto de vista e dá um exemplo, sem no entanto completar a resposta.



2. Lê a seguinte afirmação.

Espártaco foi um escravo que ficou célebre por um dos maiores feitos de sempre da História de Roma – a revolta servil que derrotou o exército Romano por duas vezes.

2.1 Indica o que provocou a revolta de Espártaco. Justifica, utilizando vocabulário latino do texto analisado em aula.

*A revolta de Espártaco, foi provocada pela crueldade usada pelo Exército Romano, e o vocabulário "Castellum".*

2.2 Transcreve do texto latino as expressões que melhor caracterizam Espártaco.

*U<sup>o</sup> Thracicus<sup>us</sup>; U<sup>o</sup> clementior<sup>us</sup>*

3 Consideras que a escravatura ainda existe nos dias de hoje? Justifica.

*Sim, basta olhar para os países do Médio Oriente e dos Árabes, que vivem a sofrer estes castigos <sup>catástrofico</sup>.*

Figura 47 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 10

Os questionários respeitantes às atividades na disciplina de Latim mobilizavam uma panóplia de conteúdos abordados ao longo de uma sequência didática. Além disso, permitiram que os alunos projetassem o universo de conhecimentos que detinham e as suas opiniões sobre a atualidade.

No entanto, a qualidade das respostas leva-me a considerar que as atividades podiam ter sido realizadas de outra forma pois, como indico a propósito das figuras 34, 41, 46 e 47 existem alunos que ainda apresentam um nível considerado menos bom na realização de tarefas e, até mesmo, na participação e atenção durante as aulas, o que poderá ter justificado os resultados.



Ainda assim, quer num, quer noutra caso, a minha satisfação perante os resultados obtidos é bastante elevada, tendo, de uma forma geral, usufruído da colaboração e compreensão total da parte da turma.

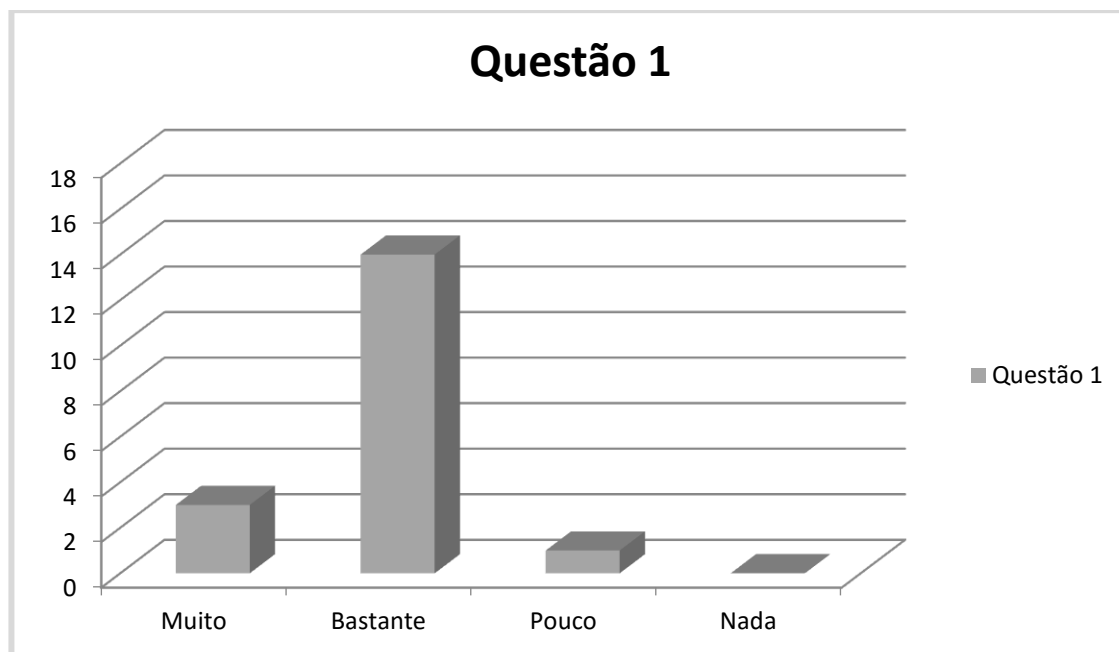
## **8. Análise dos inquéritos finais**

Tendo como objetivo conhecer as opiniões dos alunos acerca do trabalho por mim desenvolvido nas turmas de Português e Latim, distribuí um inquérito final alusivo precisamente às atividades que foram realizadas ao longo do ano letivo.

### **8.1. Análise do inquérito final na disciplina de Português**

Tendo a turma de Português 18 alunos, 3 assinalaram que as atividades realizadas os ajudaram muito a desenvolver a sua capacidade interpretativa, 14 consideraram que foi bastante e 1 aluno considerou que as atividades pouco o tinham ajudado.

Uma vez que avaliar a capacidade interpretativa dos alunos constituía um dos focos principais do meu objeto de estudo, considero que, fruto da minha persistência, verificou-se uma evolução bastante favorável ao longo do ano letivo nos desempenhos dos alunos. Considero que o trabalho desenvolvido foi ao encontro da formulação sobre níveis de compreensão, de acordo com FIGUEIREDO: (2005,95) “Uma das competências literárias mais importantes consiste em poder combinar um primeiro nível de construção do sentido (o da compreensão) com um outro nível mais complexo (o da interpretação) ”.



*Gráfico 1 - Resultados obtidos face à questão que pretendia observar se consideravam que as atividades realizadas ajudavam a desenvolver a sua capacidade interpretativa*

Relativamente à opinião acerca das atividades de escrita que foram realizadas, 14 consideraram-nas interessantes, 2 consideraram que foram difíceis e 2 indicam que gostariam de ter realizado outras. No caso destes últimos, o inquirido 1 admite que não gostava de ter realizado nenhuma atividade relacionada com a disciplina de Português e o segundo refere que gostava de ver “a mudança do papel da mulher na Europa, principalmente no séc. XX e a mudança dos trajes destas com o decorrer dos tempos”. Esta resposta surpreendeu-me, não só pelo facto de considerar que o aluno possa ter recuperado a aula onde foi traçada uma visão diacrónica acerca da importância do papel da mulher, mas também pela mesma deixar transparecer o reconhecimento da aula de Português como espaço que acolhe vários temas e que se debruça sobre variadas questões universais e não somente em aspetos linguísticos.

É aprazível verificar, no gráfico 5, que a grande maioria dos alunos considerou que as atividades foram interessantes, pois isso coincide com a dedicação e o empenho demonstrado pelos mesmos ao longo do ano. Por outro lado, torna-se também gratificante observar que há alunos que as tenham considerado difíceis, uma vez que isso demonstra que cresceram e aprenderam matérias novas, pois todos ultrapassaram dificuldades nas tarefas realizadas.

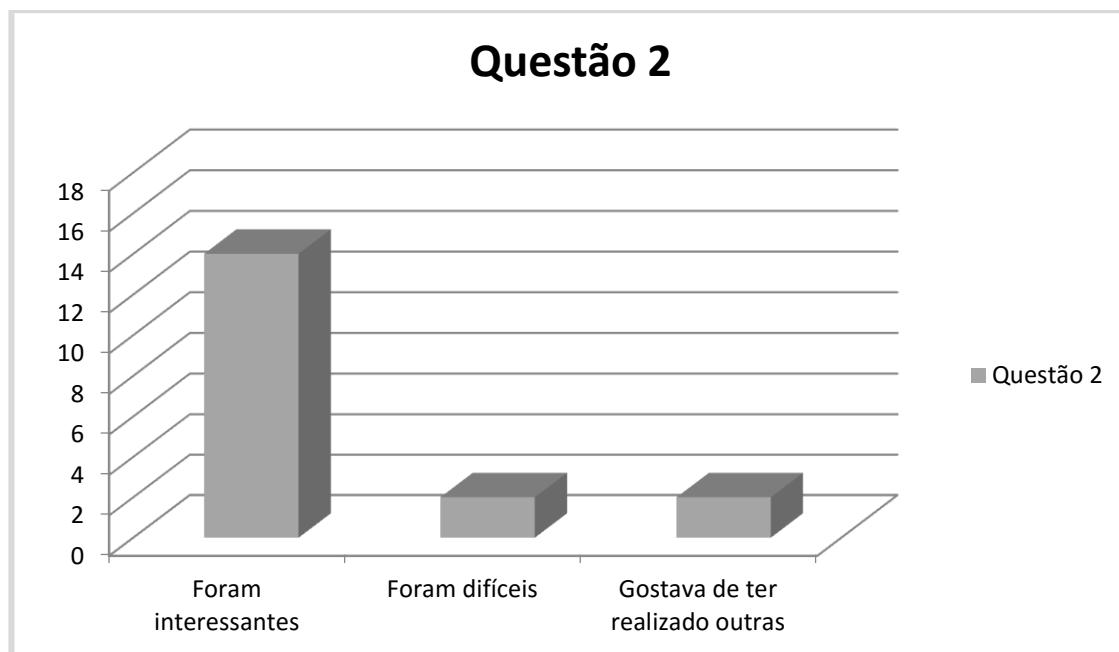


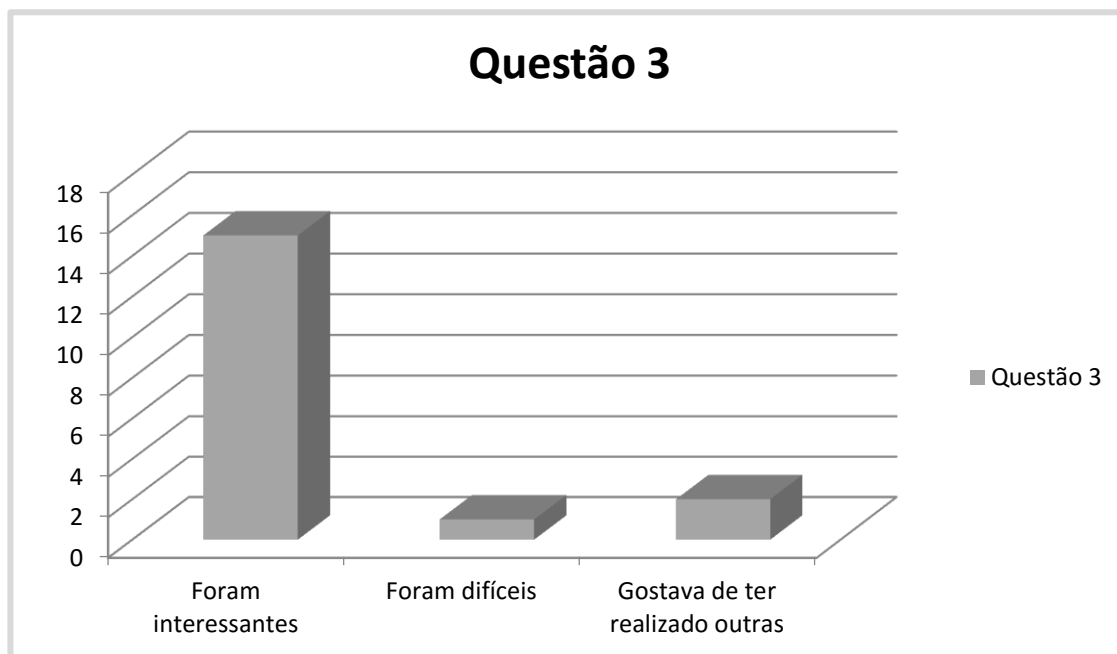
Gráfico 2 - Resultados obtidos face à questão que pretendia observar qual a opinião relativamente às atividades de escrita realizadas

A terceira questão, apresentada no gráfico 6, pretendia conhecer a perceção dos alunos sobre o seu desempenho nas atividades realizadas. Neste ponto, 15 alunos consideraram que as atividades foram interessantes, 1 considerou que foram difíceis e 2 consideraram que gostavam de ter realizado outras. Destes dois últimos, o primeiro disse que não apreciava qualquer atividade relacionada com a disciplina e o segundo considerou que, apesar de preferir outras atividades, a professora estagiária conseguiu envolver os alunos nas suas atividades de escrita. As preferências deste aluno incidiam sobre as tecnologias.

Nesta questão ficou evidente uma atitude crítica e equilibrada. Curiosamente, os alunos que assinalaram que as atividades foram difíceis foram os mesmos que o tinham indicado já anteriormente, no gráfico 5, o que me leva a considerar que também para eles esta foi uma meta alcançada. É também pertinente observar que a atitude defensiva perante a disciplina foi atenuada ao longo do ano, pois se, no início, os alunos não mostravam gosto nem interesse pela mesma<sup>37</sup>, no final, apenas 1 indicou que nenhuma atividade que gosta de realizar se relacionava com o Português. Por último, face à resposta do aluno que indicou a preferência pelas tecnologias, saliento que as mesmas foram uma constante na minha aula, inclusive numa das atividades para o presente Relatório, e que, por isso, talvez o aluno

<sup>37</sup> Conforme indicado pela Diretora de Turma do 10.ºB no primeiro Conselho de Turma. A tabela com as preferências dos alunos foi apenas distribuída para consulta, sendo devolvida à Diretora de Turma no final.

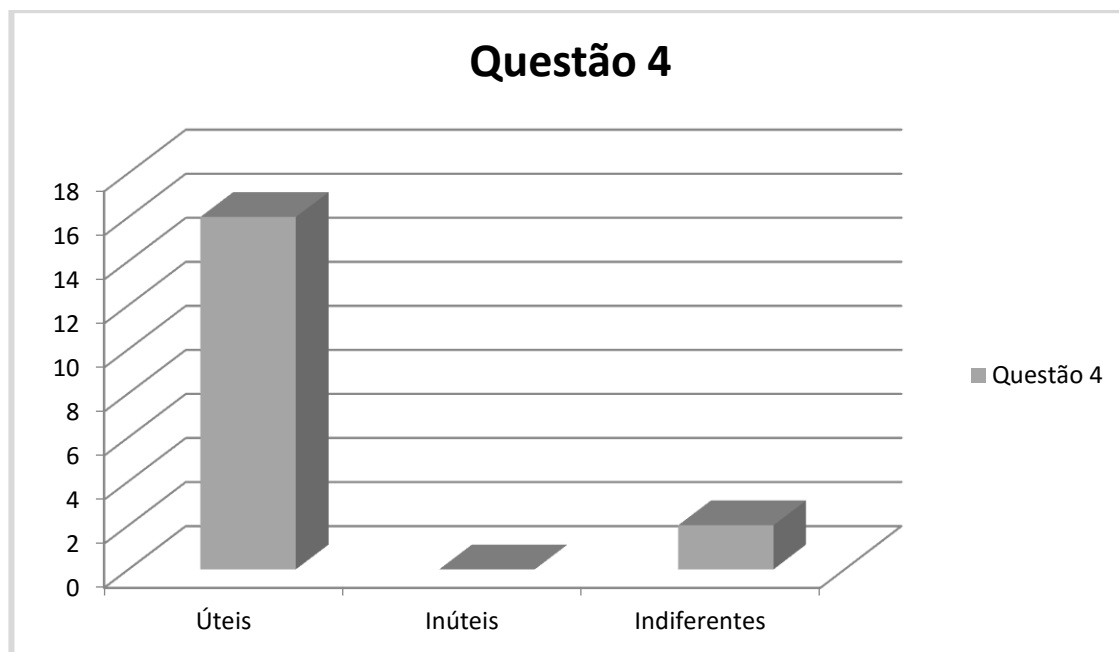
compreenda que o recurso às mesmas pode ainda aumentar ou que estas, quando usadas, o prenderam mais à aula e à atividade em questão.



*Gráfico 3 - Resultados obtidos face à questão que pretendia conhecer a percepção dos alunos sobre o seu desempenho nas atividades realizadas*

Na pergunta 4 (gráfico 7), pretendi auscultar a opinião dos alunos quanto à utilidade das estratégias por mim usadas, procurando conhecer de que forma as mesmas puderam beneficiar as competências dos alunos. De acordo com o gráfico, 16 responderam que foram úteis e 2 alunos manifestaram a sua indiferença face às estratégias utilizadas.

É igualmente compensatório saber que a maioria dos alunos considerou que as estratégias que utilizei contribuíram para o seu desenvolvimento, dando-me, assim, o sentimento de dever cumprido e de satisfação face às minhas escolhas durante o ano letivo.



*Gráfico 4 - Resultados obtidos face à questão que pretendia conhecer a opinião dos alunos quanto à utilidade das estratégias utilizadas, para o seu melhoramento enquanto aluno*

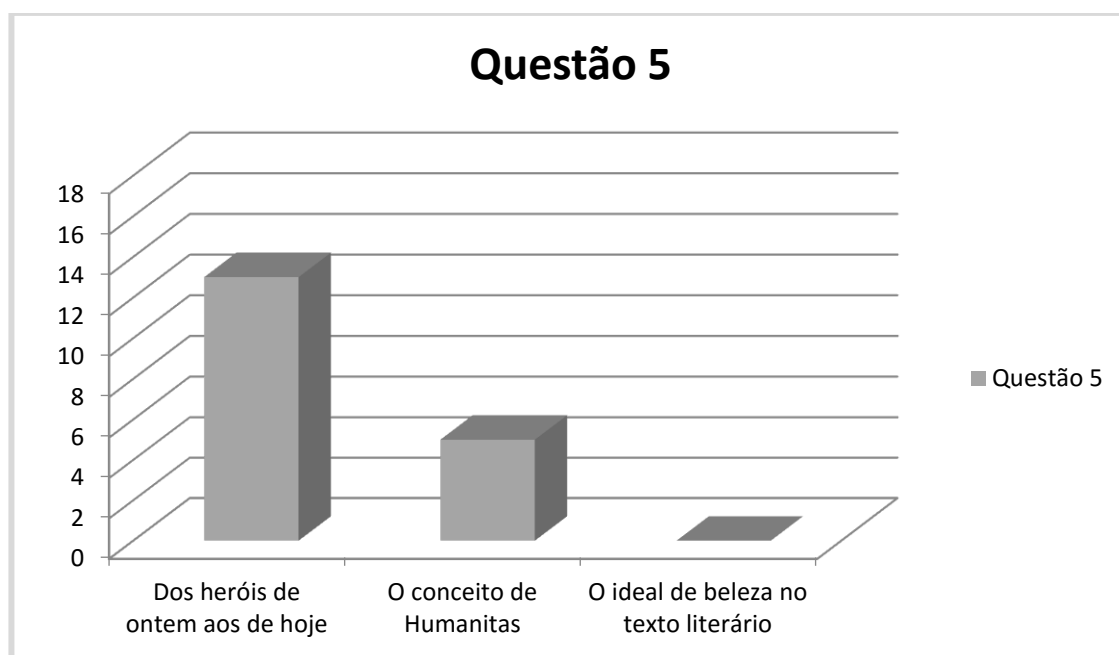
Na questão relativa à atividade mais apreciada, optei pelo modelo de resposta aberta, de modo a não condicionar a reação dos alunos. De facto, 1 aluno chegou mesmo a trocar a atividade com outra que não foi solicitada por mim. Dos restantes, saliento que as respostas foram ao encontro do entusiasmo mostrado nas atividades desenvolvidas.

As opiniões dividem-se, o que considero positivo, pois provou que as atividades foram diversificadas e que conseguiram chegar a todos os alunos e atraí-los. 1 aluno respondeu que “tendo em conta que não gosto de Português, não sou o melhor para responder a esta questão”; 8 alunos responderam que foi o trabalho relacionado com o desconcerto do mundo; 1 aluno respondeu que foi o trabalho com recurso às TIC; 4 alunos responderam que foi o trabalho alusivo à construção de uma sinopse cinematográfica; um aluno respondeu que gostou do trabalho do desconcerto do mundo e do trabalho com recurso às TIC; 1 aluno disse que foi o trabalho alusivo à jornada do herói; 1 aluno não respondeu a esta questão e outro não respondeu de forma correta, indicando uma atividade que não existiu.

Quanto à última questão, que pretendia saber se os alunos conseguiram, com as atividades que foram sendo realizadas, descobrir qual seria o tema por mim trabalhado no Relatório de Estágio, treze indicaram corretamente que se tratava do tema “Dos heróis de

ontem aos de hoje”; cinco que se tratava de “O conceito de *Humanitas*” e nenhum referiu que se prendia com “O ideal de beleza no texto literário”.

Nesta questão esperava que os alunos identificassem, sem dificuldade, o tema por mim trabalhado, não só pelas atividades solicitadas, mas também pela forma como as aulas eram conduzidas e os textos trabalhados.



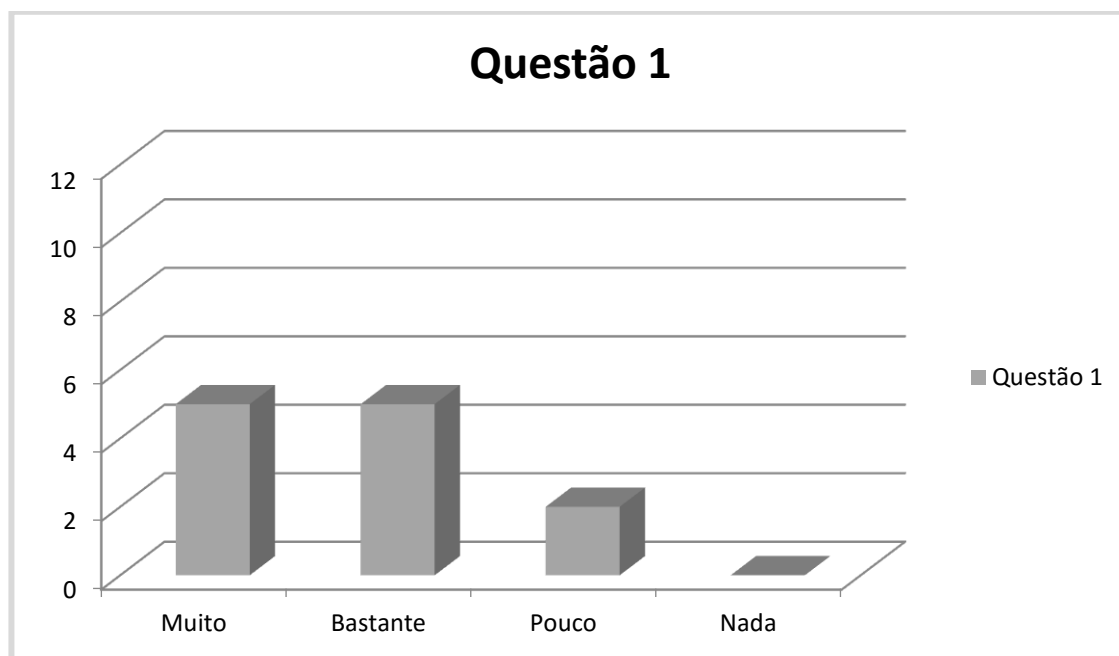
*Gráfico 5 - Resultados obtidos face à questão que pretendia averiguar se os alunos identificavam o tema do Relatório de Estágio*

Apraz-me enfatizar que, globalmente, as respostas aos inquéritos auxiliaram-me a compreender aquilo que poderei melhorar no futuro e que, de certo modo, o meu empenho em criar estratégias e trabalhar com materiais que fossem ao encontro do gosto dos alunos se revelou gratificante.

## 8.2. Análise do inquérito final na disciplina de Latim

Na turma de Latim, num universo de 15 alunos, responderam ao inquérito (constituído, tal como o de Português, por questões de resposta aberta e fechada) 12, porque os restantes não se encontravam na sala de aula. Quanto à primeira questão, assinalaram que as atividades realizadas contribuíram “muito” para o desenvolvimento da sua capacidade de interpretação textual, enquanto 5 consideraram “bastante” e dois “pouco”.

Uma vez que se trata de um nível de iniciação na aprendizagem da língua latina, como já foi salientado, só a meio do segundo período é que comecei a desenvolver com os alunos a interpretação do texto latino. Antes de ser trabalhada a compreensão diretamente a partir do texto original em atividades de resposta escrita, desenvolvi com eles, em aula, a compreensão do texto original, em regime de diálogo, partindo de respostas elaboradas por mim, igualmente em latim. Neste contexto, considero satisfatório o número de alunos que, ponderadamente, considerou que as atividades contribuíram para o desenvolvimento da sua capacidade de interpretação.



*Gráfico 6 - Resultados obtidos face à questão que pretendia observar se consideravam que as atividades realizadas ajudavam a desenvolver a sua capacidade interpretativa*

Relativamente à segunda questão, expressa no gráfico 2, 11 consideraram que as atividades foram interessantes e apenas 1 afirmou que foram difíceis. Não houve quem admitisse que gostaria de ter realizado atividades diferentes.

De facto, os alunos trocaram sempre ideias e mostraram-se sempre empenhados em responder às questões. Pude verificar, enquanto percorria a sala, que era com entusiasmo que eles se referiam às atividades, que se recordavam de questões e de elementos trabalhados ao longo das aulas e que, embora partilhassem opiniões em conjunto, a redação das respostas era individual e singular em todos os casos.

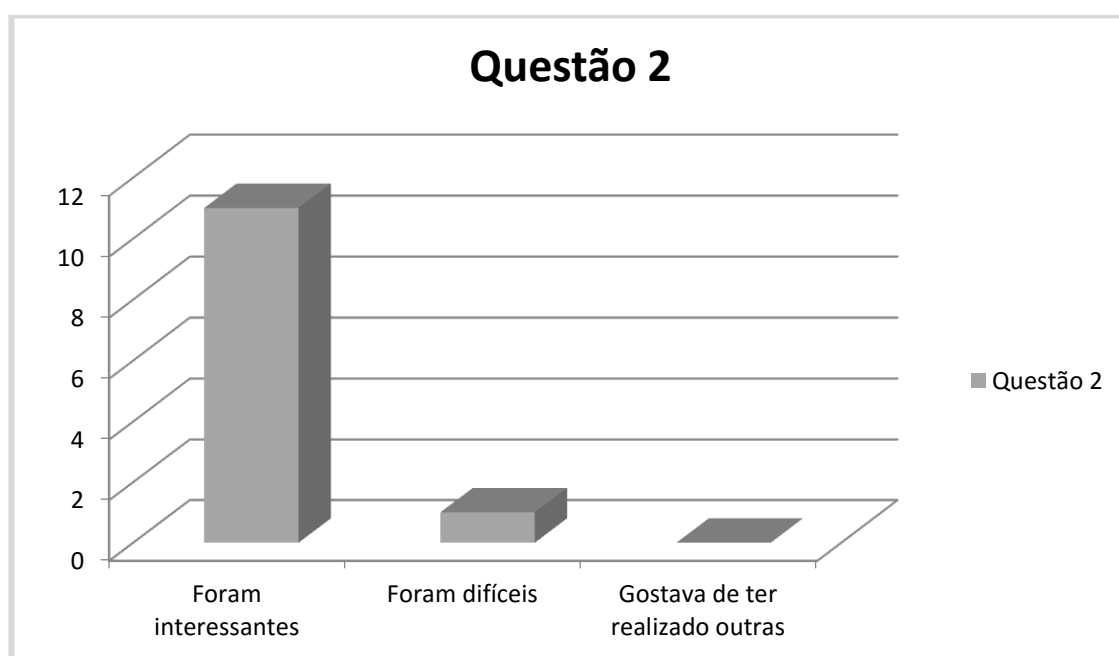
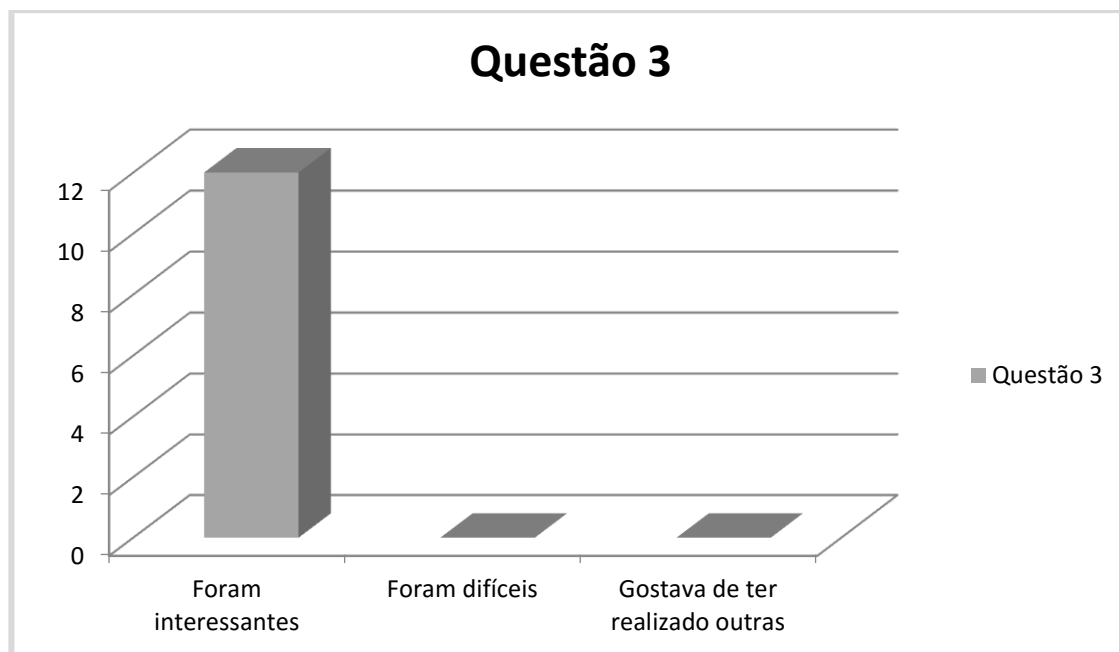


Gráfico 7 - Resultados obtidos face à questão que pretendia observar qual a opinião relativamente às atividades de escrita realizadas

No que concerne à terceira questão, houve unanimidade quanto à afirmação de que as atividades foram interessantes, o que se interliga com o empenho na realização das mesmas e com os resultados obtidos.





*Gráfico 8 - Resultados obtidos face à questão que pretendia conhecer a percepção dos alunos sobre o seu desempenho nas atividades realizadas*

Quanto à quarta questão, visível no gráfico 12, todos os alunos assinalaram que as estratégias utilizadas foram úteis. De facto, desde o início do ano pude observar que a turma de Latim era diferente da turma de Português e, por isso, tendi a adotar estratégias também divergentes, quer nas aulas quer nas atividades solicitadas.

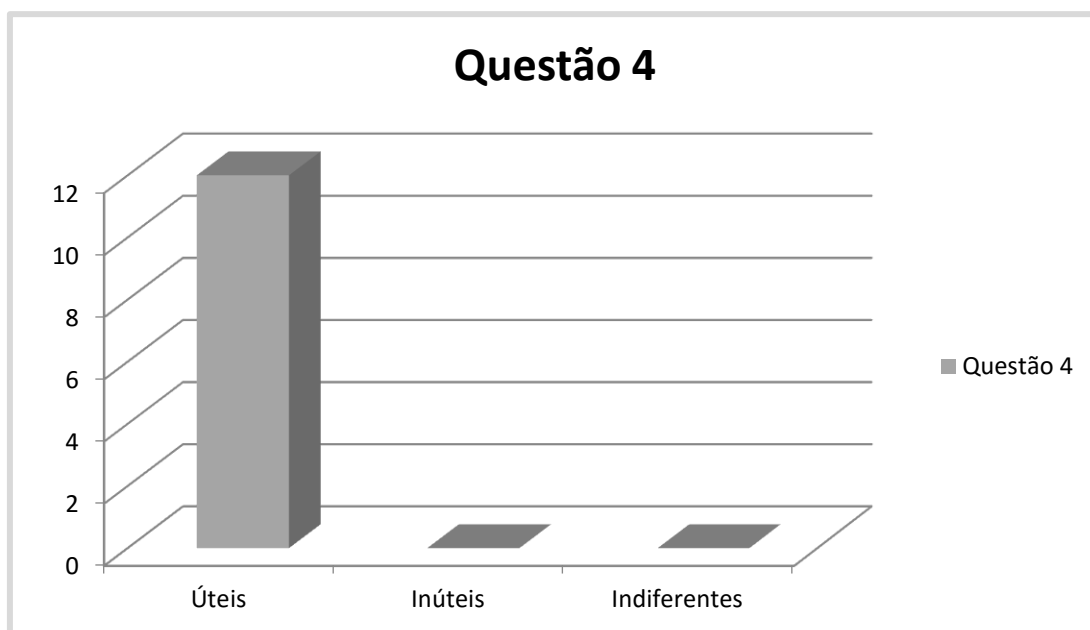
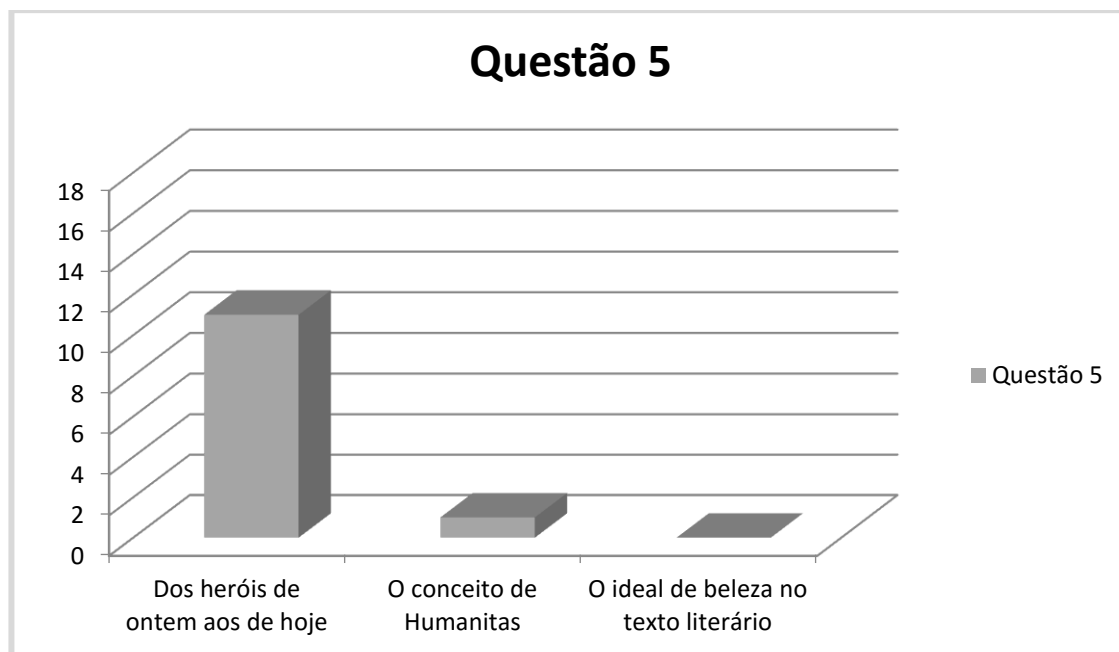


Gráfico 9 - Resultados obtidos face à questão que pretendia conhecer a opinião dos alunos quanto à utilidade das estratégias utilizadas, para o seu melhoramento enquanto aluno

Questionados sobre a atividade que mais gostaram de realizar, 2 alunos referiram a aprendizagem das divisões da casa em latim; 1 aluno mencionou o episódio em que ele se disfarçou de mensageiro romano, com um lençol branco colocado como uma túnica, para informar os colegas sobre o papel dos gansos no assalto dos Gauleses ao Capitólio; 6 alunos indicaram a visualização do filme *Pompeios* como a estratégia preferida; 1 aluno optou por indicar culto aos deuses, que partiu do visionamento do filme *Pompeios* e da aprendizagem das divisões da casa com recurso a um vídeo e a exercícios onde, gradualmente, se foi dando destaque ao *Lararium* e à importância que os deuses tinham na vida dos romanos, culminando numa reflexão acerca da grandeza dos Romanos e na sua submissão aos deuses em geral. 2 alunos não responderam à questão.

Relativamente à última questão (gráfico 13), 11 alunos responderam que consideravam o tema do meu relatório de Estágio “Dos heróis de ontem aos de hoje” e um “O conceito de *Humanitas*”. Nenhum aluno apontou que se tratasse do tema “O ideal de beleza no texto literário”.



*Gráfico 10 - Resultados obtidos face à questão que pretendia averiguar se os alunos identificavam o tema do Relatório de Estágio*

Com as respostas aos inquéritos pude constatar que o trabalho que desenvolvi com as turmas se revelou proveitoso, mostrando que as estratégias utilizadas são passíveis de serem repetidas em contextos futuros.

## Conclusão

Com a realização do presente trabalho, considero que os objetivos que estabeleci na introdução foram atingidos. Procurei esclarecer e sintetizar os conteúdos programáticos lecionados durante a minha Prática Letiva Supervisionada, contextualizando-os e tentando reforçar sempre a sua importância na atualidade.

Com as atividades levadas a cabo, em aula, pude comprovar que, tal como defendo ao longo do Relatório, a compreensão da figura do herói exige uma abordagem na sua dimensão de historicidade.

Ainda que, tal como referido anteriormente, não tenha havido lugar para a realização de atividades relativas à obra virgiliana, os valores nela representados constituíram um dos pilares mais sólidos aquando da realização das minhas aulas e atividades.

O trabalho desenvolvido na disciplina de latim, com o suporte de Tito Lívio e das sequências programáticas onde estava patente a história e a condição do povo romano, permitiu que os alunos contactassem criticamente com o legado desse mesmo povo.

De igual modo, com a análise d'*Os Lusíadas* emergiram valores que possuem um entendimento intemporal e que atribuem ao aluno enquanto indivíduo a condição de herói na superação dos seus obstáculos.

Quanto ao domínio verbal privilegiado, a compreensão textual, foi igualmente concretizado o objetivo de desenvolver uma progressiva melhoria das competências dos discentes.

A leitura deve ser o mais rentável possível com estratégias diversas e que, sobretudo, não aprisionem o texto, mas que o divulguem e o transcendam, orientando o aluno para usufruir de tudo aquilo que ele envolve. Movido pelo interesse, pela motivação e pela curiosidade, o leitor retém na sua memória marcas para a vida.

Com a análise das atividades dos alunos pode depreender-se que, de um modo geral, os conteúdos programáticos foram aprendidos com sucesso. Além disso, a análise dos inquéritos finais das disciplinas revela que este ano escolar constituiu uma boa experiência

para os alunos. Considero que esta experiência tão produtiva para ambos os lados se deveu, em grande medida, às estratégias que utilizei, principalmente no início de cada aula, a título de motivação inicial.

Quanto à disciplina de Português, asseguro que houve um continuado estímulo para o aprofundamento da compreensão dos textos e o desenvolvimento intelectual dos alunos. Procurei consciencializar os alunos sobre a importância de apostar na originalidade e tentei inculcar neles uma noção da língua portuguesa como área transversal do saber escolar. Como indiquei anteriormente<sup>38</sup>, ficaram por realizar algumas atividades. No entanto, considero que muitas outras oportunidades surgirão para que os alunos possam aplicar os seus conhecimentos.

No que concerne à disciplina de Latim, a compreensão textual ocorreu a um nível gradual. O nível de iniciação inerente à disciplina e a diferente atitude da turma instituiu em mim a necessidade de consagrar um maior espaço à componente linguística, a não poder contar com a realização dos trabalhos de casa e à necessidade de atender ao retraimento inicial dos alunos face ao desconhecido. Estes fatores pesaram para que o tema fosse aplicado de uma forma distinta da inicialmente prevista. Contudo, os resultados são igualmente satisfatórios e é com agrado que verifico que, no final do ano letivo, a maioria dos alunos conseguia já compreender textos latinos com questões de interpretação e sem a obrigatoriedade do apoio da tradução.

Em suma, apesar das adaptações que, por vezes, tiveram de ser feitas, sinto-me satisfeita com o trabalho realizado, acreditando que o mesmo revelou vantagens para mim e para a comunidade escolar envolvida durante este ano letivo.

Ao longo do ano senti a necessidade de uma motivação constante em relação à turma de Português, dada a sua heterogeneidade face às suas preferências o que exigiu de mim um trabalho redobrado na conquista da mesma. Já no tocante à turma de Latim, destaco a dificuldade que muitas vezes senti na criação e adaptação dos materiais em latim para os alunos, uma vez que se situavam constantemente em patamares distintos em termos de conhecimento científico.

---

<sup>38</sup> Veja-se 2. Reflexão sobre a Prática Pedagógica, p. 19.

Apesar das dificuldades referidas, sinto-me otimista quanto ao futuro, esperando que o ensino do Latim privilegie cada vez mais um método híbrido na aprendizagem pois, não esquecendo o seu carácter científico e a sua seriedade linguística e literária, há que ter presente que a língua latina pode associar-se a um método lúdico e próximo de uma língua moderna, podendo-se associar ambos os métodos.

Por outro lado, a nível do Português e partindo do que tentei pôr em prática este ano letivo, espero que seja privilegiado cada vez mais um ensino autónomo onde o aluno pesquisa e constrói o seu conhecimento, orientado pelo docente, de acordo com o seu ritmo de aprendizagem.

Outrora alunos, “são os professores que, em muito boa medida, podem, ou não, fazer com que a escola fique no lado doce das nossas memórias” (BALANCHO: 1994, 5).

## Bibliografia

ANDRÉ, João Maria, *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*. Coimbra, Terra Ocre Edições, 2012.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, *Dual*. Lisboa, Caminho, 2004.

ARISTÓTELES, *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

Arquivo Municipal da Figueira da Foz (coord.), *Figueira da Foz: Destinos a Descobrir*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz. Departamento da Cultura, 2014.

BABO, Jorge Feio dos Santos, *A escola Dr. Bernardino Machado na História da Figueira da Foz*. Figueira da Foz, Associação dos Antigos Alunos, Professores e Funcionários da Escola Secundária Dr. Bernardino Machado, 2003.

BALANCHO, Maria José e COELHO, Filomena Manso, *Motivar os alunos. Criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Texto Editora, Lisboa, 1994.

BERNARDES, José Augusto, "As estâncias finais d'Os Lusíadas ou o "Nunca ouvido canto" de Camões", *Mathesis* 9, 2000, pp. 69-84.

BERNARDES, José Augusto, *Como abordar... a Literatura no Ensino Secundário. Outros Caminhos*. Porto, Areal Editores, 2005.

BORDET, Marcel, *Síntese da história romana*. Lisboa, Edições ASA, 1995.

CAMÕES, Luís Vaz de, *Os Lusíadas*. Porto, Livraria Civilização Editora, 2013.

CASTRO, Aníbal Pinto de, *Páginas de um honesto estudo camoniano*. Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007.

CATROGA, Fernando, *Os passos do homem como restolho do tempo. Memória e fim do fim da história*, Coimbra, Almedina 2009.

CHEVALLARD, Yves, *La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné*. Paris, Ed. La Pensée Sauvage, 1991.

CORREIA, Helda, *A viagem nos descobrimentos como promoção da interculturalidade: A circum-navegação do globo por Fernão Magalhães - Consequências e contributos culturais*. Vila Real, UTAD, 2011.

CUNHA, Carlos, *Ave Azul. Revista de arte e crítica de Viseu*, série verão 2002/2005.

DEFRASNE, Jean, *Histórias da história de Roma*. Lisboa, Livraria Moraes Editora, 1965.

ECO, Umberto, *Sobre a literatura*. Viseu, Difel, 2003.

FERNANDES, Hilário, *A comunicação oral na aula de Português – Programa de intervenção pedagógico-didáctica*. Porto, ASA Editores, 2006.

FIGUEIREDO, Olívia, *Didática do Português língua materna, dos programas de ensino às teorias, das teorias às práticas*. Porto, ASA Editores, 2005.

GIL, Fernando e MACEDO, Hélder, *Viagens do olhar – retrospectiva, visão e profecia no renascimento Português*. Porto, Campo das Letras, 1998.

GONÇALVES, Rebelo, “A história de Tito Lívio e a epopeia camoniana”, Separata das *Memórias* (Classe de Letras – Tomo IV), 1945.

GRIMAL, Pierre, *A civilização romana*. Lisboa, edições 70, 2009.

LÍVIO, Tito, *Ab Vrbe Condita*. Harvard University Press, 1976.

LOURENÇO, Eduardo, “Os Lusíadas: epopeia sem herói” in REIS, Carlos (dir.), *História crítica da literatura portuguesa, Vol. II*. Lisboa, VERBO, 1999.

LOURENÇO, Eduardo, *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*. Lisboa, Gradiva, 2001.

OLIVEIRA, Paulo Fernando da M. de, “Literatura e História em *Os Lusíadas*” in *I congresso internacional de estudos camonianos*. Rio de Janeiro, Anais, 1998, pp. 409-426.



MADEIRA, José, *Camões contra a expansão e o império*. Lisboa, Fenda Edições, 2000.

MARNOTO, Rita, *O petrarquismo português do renascimento e do maneirismo*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1997.

MARTINS, Oliveira, *História da República romana*. Lisboa, Guimarães editores, 1987.

MATEUS, Rui Manuel Afonso, *Fundamentos e práticas da adaptação de clássicos da literatura para leitores jovens*. Tese de doutoramento Coimbra, 2014.

MATOS, Maria Vitalina Leal de, *Tópicos para a leitura de Os Lusíadas*. Coimbra, Almedina, 2014.

MEDEIROS, Walter, “A outra face de Eneias”, in *A Eneida em contraluz*. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1992. pp. 7-22.

MELLO, Cristina, *O ensino da literatura e a problemática dos géneros literários*. Coimbra, Almedina, 1998.

MELLO, Cristina, “Da biblioteca académica ao contexto pedagógico da leitura” in *Colóquio de Didáctica: Língua e Literatura*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.

MENDES, Margarida Vieira “Didáctica da literatura”, in *Biblos Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. 2. Lisboa, Verbo, 1997, pp 143-147.

MONTEIRO, José Augusto, *Imaginação e criatividade no ensino da História. O texto literário como documento didático*. Lisboa, APH, 1997.

PEÇA, Marta, *Os movimentos de mulheres em Portugal. Uma análise da noticiabilidade na imprensa portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, Estudos da história da cultura clássica, *Cultura Romana Vol.II*, 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos sobre Roma antiga a Europa e o legado clássico*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Romana*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1986.

QUINT, David, *Epic and empire*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1950.

PAIS, Amélia Pinto, *Para compreender Os Lusíadas: ensino básico e secundário*. Porto, Areal, 2014.

RAMALHO, Américo da Costa, *Camões no seu tempo e no nosso*. Coimbra, Almedina, 1992.

RAMALHO, Américo da Costa, *Estudos sobre o século XVI*. Lisboa, Imprensa nacional, casa da moeda, 1983.

RAMALHO, Américo da Costa, *Para a história do Humanismo em Portugal – II*. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

REIS, Carlos, *Rimas e Os Lusíadas – 10.º ano*. Porto, Porto Editora, 2015.

RIBEIRO, Maria Aparecida, *A carta de Caminha e seus ecos*. Coimbra, Angelus Novus, 2004.

RODRIGUES, Nuno Simões, *Mitos e lendas da Roma antiga*. Lisboa, Livros e livros, 2005.

ROSING, Tania M. et alii, *Atualizando a tradição – cânone e literatura para leitores de hoje*. Passo Fundo, UPF, 2010.

REIS, Carlos e ADRAGÃO, José Victor, *Didáctica do português*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992.

REIS, Carlos, *O conhecimento da literatura. Introdução aos estudos literários*. Coimbra, Almedina, 2008.

REIS, Carlos, *Técnicas de análise textual*, Coimbra, Almedina, 1981.

- SILVA, Vítor Aguiar e, *A lira dourada e a tuba canora*. Lisboa, Cotovia, 2008.
- SILVA, Vítor Manuel, *Teoria da literatura*, Coimbra, Almedina, 2010.
- SARAIVA, António José, *Luís de Camões - Estudo e antologia*, Lisboa, Bertrand, 1980
- SANTOS, *A Figueira da Foz e o desenrolar da história*. Figueira da Foz, Edição do Ginásio Clube Figueirense, 2004.
- SHAKESPEARE, William, *À vossa vontade*. Lisboa, Bicho-do-Mato, 2013.
- SOARES, Luísa Ducla, “O cânone”, *Palavras – Revista da Associação de Professores de Português*, 46-47, 2014.
- VERGÍLIO, *Eneida*. Trad. Luís M. G. Cerqueira *et all*. Lisboa, Bertrand Editora, 2013.
- VICENTE, Gil, *Farsa de Inês Pereira*. Porto, Porto Editora, 2014.
- VILAS-BOAS, António e VIEIRA, Manuel, *Entre Palavras*. Porto, Edições ASA, 2015.

## Webgrafia

<https://www.youtube.com/watch?v=fu76R5ei5s8> (consultado a 12/04/2016)

<http://www.aefigueiramar.pt/siteag/index.php/mapa-sitio/historia> (consultado a 03/10/2015)

<http://www.aefigueiramar.pt/siteag/index.php/agrupamento/estruturas-de-coordenacao/coordenador-de-escola> (consultado a 10/11/2015)

<http://www.aefigueiramar.pt/siteag/images/PDF/ProjetoEducativo27junho2014.pdf> (consultado a 12/11/2015)

<http://www.aefigueiramar.pt/siteag/images/PDF/ProjetoEducativo27junho2014.pdf> (consultado a 12/11/2015)

<http://www.cm-figfoz.pt/index.php/demografia> (consultado a 11/11/2015)

<http://www.cm-figfoz.pt/index.php/visitar> (consultado a 12/11/2015)

<http://www.thamyris.uma.es/Thamyris2/HUSILLOS.pdf>, p.11 (consultado a 06/05/2016).

## **Apêndices**

## Apêndice I – Índice de imagens

## Índice de imagens

Figura 1 - Segunda atividade de Português: Preenchimento da tabela sobre os poemas de Luís Vaz de Camões e João Madeira.....	47
Figura 2 – Terceira atividade de Português: redação de um texto em pares .....	48
Figura 3 - Terceira atividade de Português: realização do trabalho, com recurso às tecnologias, em pares.....	49
Figura 4 - Quarta atividade de Português - Ser herói .....	51
Figura 5 - Primeira atividade de Latim.....	54
Figura 6 - Primeira atividade de Latim. O conceito de herói .....	55
Figura 7 - Segunda atividade de Latim. A heroicidade do povo Romano .....	57
Figura 8 - Segunda atividade de Latim. A heroicidade do povo Romano .....	57
Figura 9 - Terceira atividade de Latim. A escravatura Romana.....	59
Figura 10 - Terceira atividade de Latim. A escravatura Romana.....	59
Figura 11 - Terceira atividade de Latim. A escravatura Romana.....	60
Figura 12 - Primeira atividade de Português: resposta do aluno A .....	63
Figura 13 - Primeira atividade de Português: resposta do aluno B .....	64
Figura 14 - Primeira atividade de Português: resposta do aluno C .....	65
Figura 15 - Segunda atividade de Português: resposta do aluno D .....	67
Figura 16 - Segunda atividade de Português: resposta do aluno E.....	68
Figura 17 - Terceira atividade de Português: resposta do par F .....	70
Figura 18 - Terceira atividade de Português: resposta do par F .....	70
Figura 19 - Terceira atividade de Português: resposta do par F .....	71
Figura 20 - Terceira atividade de Português: resposta do par F .....	71
Figura 21 - Terceira atividade de Português: resposta do par F .....	72
Figura 22 - Terceira atividade de Português: resposta do par F .....	72
Figura 23 - Terceira atividade de Português: resposta do par F .....	73
Figura 24 - Terceira atividade de Português: resposta do par F .....	73
Figura 25 - Terceira atividade de Português: resposta do par G .....	74
Figura 26 - Terceira atividade de Português: resposta do par H .....	75
Figura 27 - Terceira atividade de Português: resposta do par H .....	75
Figura 28 - Terceira atividade de Português: resposta do par H .....	76
Figura 29 - Terceira atividade de Português: resposta do par H .....	76
Figura 30 - Quarta atividade de Português: resposta do aluno I.....	78
Figura 31 - Quarta atividade de Português: resposta do aluno J .....	78
Figura 32 - Quarta atividade de Português: resposta do aluno L.....	79
Figura 33 -Primeira atividade de Latim: resposta do aluno 1 .....	81
Figura 34 - Primeira atividade de Latim: resposta do aluno 3 .....	83
Figura 35 - Primeira atividade de Latim: resposta do aluno 4 .....	84
Figura 36 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 5 .....	86
Figura 37 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 5 .....	86
Figura 38 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 6 .....	87
Figura 39 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 6 .....	87

Figura 40 - Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 6 .....	88
Figura 41 – Segunda atividade de Latim: resposta do aluno 7 .....	89
Figura 42 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 8 .....	90
Figura 43 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 8 .....	92
Figura 44 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 9 .....	93
Figura 45 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 9 .....	94
Figura 46 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 10 .....	95
Figura 47 – Terceira atividade de Latim: resposta do aluno 10 .....	96



## Apêndice II – Índice de tabelas

## Índice de tabelas

Gráfico 1 - Resultados obtidos face à questão que pretendia observar se consideravam que as atividades realizadas ajudavam a desenvolver a sua capacidade interpretativa .....	98
Gráfico 2 - Resultados obtidos face à questão que pretendia observar qua a opinião relativamente às atividades de escrita realizadas.....	99
Gráfico 3 - Resultados obtidos face à questão que pretendia conhecer a perceção dos alunos sobre o seu desempenho nas atividades realizadas.....	100
Gráfico 4 - Resultados obtidos face à questão que pretendia conhecer a opinião dos alunos quanto à utilidade das estratégias utilizadas, para o seu melhoramento enquanto aluno .....	101
Gráfico 5 - Resultados obtidos face à questão que pretendia averiguar se os alunos identificavam o tema do Relatório de Estágio.....	102
Gráfico 6 - Resultados obtidos face à questão que pretendia observar se consideravam que as atividades realizadas ajudavam a desenvolver a sua capacidade interpretativa .....	103
Gráfico 7 - Resultados obtidos face à questão que pretendia observar qua a opinião relativamente às atividades de escrita realizadas.....	104
Gráfico 8 - Resultados obtidos face à questão que pretendia conhecer a perceção dos alunos sobre o seu desempenho nas atividades realizadas.....	105
Gráfico 9 - Resultados obtidos face à questão que pretendia conhecer a opinião dos alunos quanto à utilidade das estratégias utilizadas, para o seu melhoramento enquanto aluno .....	106
Gráfico 10 - Resultados obtidos face à questão que pretendia averiguar se os alunos identificavam o tema do Relatório de Estágio.....	107

Apêndice III – Plano Individual de Formação da disciplina de Português



# **Plano Individual de Formação**

## **Português**

**Orientadoras de Estágio Pedagógico Supervisionado:**

Doutora Cristina Mello

Professora Júlia Rodrigues

**Professora Estagiária:**

Inês Raquel Afonso Miranda

**Mestrado em Ensino de Português e Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Ano Letivo: 2015/2016

## Índice

1. Objetivo
2. Atividades letivas e aulas assistidas
3. Planificação anual da disciplina
4. Horário das turmas às quais a professora estagiária está afeta
5. Horário da professora estagiária
6. Calendarização das aulas assistidas
7. Planificação anual das atividades extralectivas
8. Apresentação da Escola
9. Caracterização da turma
10. Tema monográfico
11. Assinaturas

## 1. Objetivo

O presente Plano Individual de Formação rege-se pelos critérios presentes no *Plano Anual Geral de Formação* e no *Plano Anual de Formação da Área de Português*<sup>1</sup>. Nele, irei dar a conhecer a escola onde realizarei o estágio curricular, a planificação anual da disciplina, as atividades nas quais irei participar ao longo do ano letivo, as aulas que serão observadas pelas Orientadoras da Escola e da FLUC, comunicar o meu horário de permanência, a caracterização das turmas às quais estou afeta e apresentar o meu tema do Relatório de Estágio.

Irei também incluir neste Plano Individual de Formação os aspetos que farão parte do meu Dossiê de Estágio.

## 2. Atividades letivas e aulas assistidas.

No presente ano letivo e de acordo com o *Plano Anual de Formação da Faculdade de Letras* são consideradas **atividades mínimas obrigatórias**:

- Elaboração e /ou debate de planificações – de longo, médio e curto prazos, de recursos didáticos e de instrumentos de avaliação no âmbito do núcleo de estágio;
- Participação em 75% dos Seminários Pedagógicos semanais dirigidos pelo Orientador da Escola, com a duração aproximada de 60 a 90 minutos por disciplina;
- Participação em todas as sessões de auto e heteroavaliação de atividades letivas, e de avaliação formativa e sumativa, acordadas no âmbito do Núcleo de Estágio;
- Preparação e concretização de atividades letivas nas turmas dos Orientadores da Escola;
- Sendo o núcleo bidisciplinar, o número mínimo de atividades letivas que o professor estagiário tem de assegurar situa-se entre 28 e 32 aulas de 45 minutos ou entre 14 e 16 aulas de 90 minutos, divididas equitativamente pelas duas áreas de formação;
- Observação de todas as aulas lecionadas pelos outros estagiários do Núcleo de Estágio;

---

1

Disponível em:  
[http://www.uc.pt/fluc/estagios\\_saidas\\_profissionais/formacao\\_professores/2\\_ciclos\\_ensino/conselho\\_formacao\\_professores/docs/plano\\_de\\_formacao\\_portugues\\_15\\_16.pdf](http://www.uc.pt/fluc/estagios_saidas_profissionais/formacao_professores/2_ciclos_ensino/conselho_formacao_professores/docs/plano_de_formacao_portugues_15_16.pdf) (consultado a 15/10/15)

- Observação de 75% das aulas lecionadas pelo Orientador de Estágio nas turmas a que estão afetos os estagiários;
- Os Orientadores da FLUC observarão um mínimo de 2 aulas a cada Estagiário, devendo as mesmas ocorrer a partir de Janeiro;
- Realização de um dossiê que deve conter a seguinte documentação: legislação e outros textos fundamentais (Regulamento da Formação de Professores na FLUC, Planos Anuais de Formação das respetivas Áreas Científico-Pedagógicas, Grelhas de Parâmetros de Avaliação das respetivas Áreas, Plano Individual de Formação-PIF...); documentação relativa às aulas asseguradas (planificações de longo, médio e curto prazos, recursos didáticos e instrumentos de avaliação); comentários escritos sobre as aulas que lecionou; documentação relativa a outras atividades em que tenha participado (Seminários, Sessões de formação, aulas assistidas, atividades extralectivas, de intervenção socioeducativa e de gestão escolar...); documento de auto e heteroavaliação do desempenho no Estágio Pedagógico; entre outra documentação pertinente.

### 3. Planificação anual da disciplina.

Na turma de Português o manual adotado é o *Plural 10*, da Raiz Editora.

Segundo o Programa Anual de Português de 10º Ano em vigor, os conteúdos previstos são:

<b>PERÍODO LETIVO</b>	<b>CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA</b>
	<p><b>UNIDADE 1 – O nascimento de uma língua e de uma literatura: poesia trovadoresca</b></p> <p>Cantigas de amigo; cantigas de amor; cantigas de escárnio e maldizer</p> <p>Contextualização histórico-literária.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Representações de afetos e emoções: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Variedade do sentimento amoroso (cantiga de amigo);</li> <li>– Confidência amorosa (cantiga de amigo);</li> <li>– Relação com a Natureza (cantiga de amigo);</li> </ul> </li> </ul>

1º Período	<ul style="list-style-type: none"> <li>– A coita de amor e o elogio cortês (cantiga de amor);</li> <li>– A dimensão satírica: a paródia do amor cortês e a crítica de costumes (cantigas de escárnio e maldizer).</li> <li>▪ Espaços medievais, protagonistas e circunstâncias.</li> <li>▪ Linguagem, estilo e estrutura:</li> <li>– Cantiga de amigo: caracterização temática e formal (paralelismo e refrão);</li> <li>– Cantiga de amor: caracterização temática;</li> <li>– Cantigas de escárnio e maldizer: caracterização temática;</li> <li>– Recursos expressivos: comparação, ironia, personificação.</li> </ul> <p><b>UNIDADE 2 – Tempos de mudança: Fernão Lopes: <i>Crónica de D. João I</i> (excertos)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Contexto histórico.</li> <li>▪ Afirmção da consciência coletiva.</li> <li>▪ Atores (individuais e coletivos).</li> </ul> <p><b>UNIDADE 3 – A força do humor: Teatro de Gil Vicente</b></p> <p><b><i>Farsa de Inês Pereira</i> (10º B)</b></p> <p>(início do estudo)</p>
2º Período	<p><b>UNIDADE 3 – A força do humor: Teatro de Gil Vicente (continuação)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Linguagem, estilo e estrutura:</li> <li>– Características do texto dramático;</li> <li>– O auto ou a farsa: natureza e estrutura da obra;</li> <li>– Recursos expressivos: alegoria, comparação, interrogação retórica, ironia, metáfora, metonímia.</li> </ul> <p><b>UNIDADE 4 – A expressão poética de sentimentos: Poesia lírica de Camões</b></p> <p><b>Redondilhas; Sonetos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Contextualização histórico-literária.</li> <li>▪ A representação da amada.</li> <li>▪ A representação da Natureza.</li> <li>▪ A experiência amorosa e a reflexão sobre o Amor.</li> <li>▪ A reflexão sobre a vida pessoal.</li> </ul>



	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O tema do desconcerto.</li> <li>▪ O tema da mudança.</li> <li>▪ Linguagem, estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> <li>– A lírica tradicional;</li> <li>– A inspiração clássica;</li> <li>– Discurso pessoal e marcas de subjetividade;</li> <li>– Soneto: características;</li> <li>– Métrica: redondilha, decassílabo, rima, esquema rimático;</li> <li>– Recursos expressivos: aliteração, anáfora, antítese, apóstrofe, metáfora</li> </ul> </li> </ul> <p><b>UNIDADE 5 – Construindo o herói global: <i>Os Lusíadas</i>, de Luís de Camões</b> (início do estudo)</p>
3º Período	<p><b>UNIDADE 5 – Construindo o herói global: <i>Os Lusíadas</i>, de Luís de Camões</b> (continuação)</p> <p><b>Visão global</b></p> <p><b>Imaginário épico</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Matéria épica: feitos históricos e viagem;</li> <li>▪ Sublimidade do canto;</li> <li>▪ Mitificação do herói.</li> </ul> <p><b>Reflexões do poeta</b></p> <p><b>Linguagem, estilo e estrutura:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– A epopeia: natureza e estrutura da obra;</li> <li>– O conteúdo da obra;</li> <li>– Os quatro planos: viagem, mitologia, História de Portugal e reflexões do poeta; sua interdependência;</li> <li>– Estrofe e métrica;</li> <li>– Recursos expressivos: a anáfora, a anástrofe, a apóstrofe, a Comparação, a enumeração, a hipérbole, a interrogação retórica, metáfora, metonímia e personificação.</li> </ul> <p><b>UNIDADE 6 – Outras viagens: <i>História Trágico-Marítima</i></b>  Cap. V, “As terríveis aventuras de Jorge de Albuquerque Coelho (1565)”</p> <p><b>Aventuras e desventuras dos Descobrimentos</b></p>

4. Horário das turmas às quais a professora está afeta.

Horário da turma: A.10ªA

Ano letivo: 2015 - 2016

Tempos	Segunda	Sala	Terça	Sala	Quarta	Sala	Quinta	Sala	Sexta	Sala			
08:30 - 09:20	História A	22	Filosof	22	Geog. A	22	Geog. A	22	Inglês	22			
09:25 - 10:15									Latim	15			
10:30 - 11:20	Inglês	22	Geog. A	22	História A	22	Latim	21	Lit.Port.	22			
11:30 - 12:20			Port	22					Latim	17	22	Port	22
12:30 - 13:20												Filosof	22
13:30 - 14:20													
14:25 - 15:15			Inglês	22			Ap.Ed.Port	17	Geog. A	22			
15:25 - 16:15			Latim	8					Edu Fis	G1			
16:25 - 17:15			Lit.Port.	21									
17:20 - 18:10			Edu Fis	Campo									

Horário da turma: A.10ªB

Ano letivo: 2015 - 2016

Tempos	Segunda	Sala	Terça	Sala	Quarta	Sala	Quinta	Sala	Sexta	Sala
08:30 - 09:20	Filosof	8	Inglês	8	FisQui A	8	Port	8	Biol. Geol	LBio
09:25 - 10:15							Inglês	8		
10:30 - 11:20	Inglês	8	Port	8	Biol. Geol	8	Filosof	8		
11:30 - 12:20	Mat A	8			FisQui A	8	Mat A	8	Biol. Geol	8
12:30 - 13:20			FisQui A	8						
13:30 - 14:20										
14:25 - 15:15	Ap.Ed.FQ	8	Biol. Geol	8	Port	8	FisQui A	8		
15:25 - 16:15	Ap.Ed.BG	8	Edu Fis	G2	Edu Fis	G1	Mat A	8		
16:25 - 17:15					Ap.Ed.Port	3	Ap.Ed.Mat	8		
17:20 - 18:10										

## 5. Horário da professora estagiária.

Horas	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	
8:30h – 9:30h				Português 10.ºB		
9:30h – 10:20h					Latim 10.ºA	
10:30h – 11:30h		Português 10.ºB		Latim 10.ºA		
11:30h – 12:30h						
12:30h – 13:20h			Latim 10.ºA			
13:20h – 14:25h	Almoço					
14:00h-14:25h	<b>Seminário de Português (FLUC)</b>			Aula de apoio de Latim		
14:25h – 15:15h			Português 10.ºB			
15:30h – 16:25h		Latim 10.ºA	<b>Seminário de Latim</b>	<b>Seminário de Português</b>		
16:25h-17:00h						
17:00h-17:30h						

## 6. Calendarização das aulas assistidas.

- O Núcleo de Estágio no qual estou inserida definiu a realização de seis aulas de cem minutos (duração dos maiores blocos letivos) e ainda quatro aulas de cinquenta minutos na disciplina de Português.

1.º PERÍODO	2.º PERÍODO	3.º PERÍODO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>[AULA DE INTERAÇÃO]</b> – 13 de outubro de 2015 (100 min.);</li> <li>• <b>AULA 1</b> - 24 de novembro de 2015 (100 min.).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>AULA 2</b> – 7 de janeiro de 2016 (50 min.);</li> <li>• <b>AULA 3</b> - 12 de janeiro de 2016 (100 min.);*<sup>2</sup></li> <li>• <b>AULA 4</b> – 23 de fevereiro de 2016 (100 min.).</li> <li>• <b>AULA 5</b> – 09 de março de 2016 (50min.).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>AULA 6</b> – 14 de abril de 2016 (50 min.);</li> <li>• <b>AULA 7</b> - 19 de abril de 2016 (100 min.)*;</li> <li>• <b>AULA 8</b> – 12 de maio de 2016 (50 min.).</li> <li>• <b>AULA 9</b> – 17 de maio de 2016 (100min.).</li> </ul>

## 7. Colaboração no plano anual de atividades extralectivas da Escola.

Para além da participação nas atividades mínimas obrigatórias, anteriormente citadas, a estagiária participará, ainda, em atividades de carácter facultativo referidas

<sup>2</sup> As datas assinaladas com \* serão assistidas/ avaliadas pela Orientadora da FLUC.

nesse *Plano*. Neste sentido, participará em reuniões e atividades de gestão escolar, com o estatuto de observadora, e em atividades extracurriculares e de intervenção socioeducativa realizadas pela Escola, sempre que a Orientadora considerar oportuno, e/ou pelos outros estagiários do Núcleo de Estágio. A referir também a organização conjunta por iniciativa pessoal de algumas atividades culturais e de integração, envolvendo a partilha de leituras. A saber:

<b>Atividade</b>	<b>Dinamizador</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Calendarização</b>
Concurso Nacional de Leitura - CNL	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o gosto pela leitura</li> <li>- Estimular a prática da leitura</li> <li>- Desenvolver competências de leitura e de interpretação do texto literário</li> <li>- Promover a leitura recreativa</li> </ul>	Final do 1o Período (1a Fase) 2o Período (2a Fase)
Concurso de Leitura Agrupamento de Escolas Figueira Mar/ /Concurso Concelho de Leitura	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o gosto pela leitura</li> <li>- Estimular a prática da leitura</li> <li>- Desenvolver competências de leitura e de interpretação</li> <li>- Promover a leitura recreativa</li> </ul>	Final do 1o Período (1a Fase) 2o Período (2a Fase)
Visita de Estudo a Coimbra, para o 9o ano	Departamento de Português com participação	- Sensibilizar para a importância do património cultural do país	2o Período

	do Núcleo de Estágio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o gosto pela aquisição de conhecimento</li> <li>- Educar para a cidadania</li> </ul>	
Visita de Estudo a Lisboa, para o 11o ano (um Passeio Literário e uma instituição cultural)	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar para a importância do património cultural do país</li> <li>- Promover o gosto pela aquisição de conhecimento</li> <li>- Educar para a cidadania</li> </ul>	Final do 2o Período
Encontro com um Escritor <sup>3</sup>	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proporcionar o contacto direto com um escritor</li> <li>- Promover o gosto pelos livros, pela leitura e pela escrita</li> <li>- Despertar o gosto pelo património cultural</li> </ul>	Semana da Leitura (14 a 18 de março)
Visita de Estudo, para o 12o ano, ao Palácio Nacional de Mafra e a Vila de Óbidos	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar para a importância do património cultural do país</li> <li>- Promover o gosto pela produção literária de um autor do programa</li> </ul>	2o Período ou início do 3o Período

<sup>3</sup> A atividade prevê encontros com vários escritores ao longo do ano letivo. Para já conta já com a presença, confirmada, do escritor Diogo Xavier, autor de *A Mondeguinha*, que narrará às turmas de décimo ano, o aparecimento da cidade de Coimbra por ação das musas presentes no rio Mondego. Esta atividade foi por mim proposta com o intuito de apelar ao sentido fantástico dos alunos fruto da visita guiada previamente feita pelos mesmos à cidade de Coimbra.

		- Educar para a cidadania	
Assistência a espetáculos/representações/filmes, no âmbito da Educação Literária	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	- Promover o gosto pela literatura e pelas artes em geral - Sensibilizar para a importância do património cultural do país - Estimular o espírito crítico - Educar para a cidadania	Ao longo do ano
Momentos de Leitura e de Escrita <sup>4</sup>	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	- Incentivar o gosto por ler e ouvir ler - Estimular a prática da leitura e da escrita - Proporcionar momentos de leitura e de escrita - Estimular a partilha de pontos de vista	Ao longo do ano
Presença em reuniões das diferentes estruturas da realidade escolar (reuniões de coordenação de ciclo, reuniões de avaliação	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	-Fomentar a aprendizagem e o desenvolvimento de ideias que permitam corrigir e melhorar o meu desempenho	Ao longo do ano

<sup>4</sup>Esta atividade procura promover o gosto pela leitura e a sua prática fora do contexto sala de aula. Está prevista a leitura de um livro, previamente selecionado, por pausa letiva. Para esse efeito, conto já com a seleção da obra *Quem me Dera Ser Onda*, de Manuel Rui, agendada para as férias do Carnaval, tendo em conta que será feita uma abordagem ao tema. Como consequência desta atividade foi feita uma lista de livros ausentes na biblioteca escolar, que se encontram sugeridos no Plano Nacional de Leitura, com a finalidade de alargar o leque de escolhas para estas leituras. No final de cada leitura haverá espaço para sua discussão e comentário na biblioteca da escola, uma vez que esta promove um ambiente mais propício à atividade.

intercalar).		e postura, não só durante o estágio, mas também como futuro profissional; -Aquisição de conhecimentos relativos às características das turmas.	
Elaboração de fichas de avaliação	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	-Fomentar a aprendizagem e o desenvolvimento de ideias que permitam corrigir e melhorar o meu desempenho e postura, não só durante o estágio, mas também como futuro profissional; -Aquisição de conhecimentos relativos às características das turmas;	Ao longo do ano
Correção das fichas de avaliação de acordo com os respetivos critérios, previamente elaborados.	Departamento de Português com participação do Núcleo de Estágio	-Avaliar o conhecimento adquirido pelos alunos.	Ao longo do ano
Atividades do Grupo de Estágio de Português-		- Sensibilizar os alunos para a	Ao longo do ano

-Latim - ICLC - Outras		importância da cultura clássica nas várias culturas ocidentais - Reavivar o estudo da cultura greco- romana e a sua influência na língua e na literatura portuguesas	
------------------------------	--	---	--

Para além das atividades propostas pela escola, irá também frequentar ações de formação e palestras de assunto pertinente para a área de Português que aparecerão ao longo do ano. Neste sentido, encontram-se já formalizadas as seguintes inscrições:

“A Literatura Medieval no novo Programa de Português do Ensino Secundário: Poesia Trovadoresca”	Núcleo de Estudos em Ensino (FLUC) – 3 de outubro.
Congresso Internacional " Língua portuguesa: Uma Língua de Futuro" - Estudantes e Formandos.	Universidade de Coimbra – 2 a 4 de dezembro.

## 8. Apresentação da Escola.

O Agrupamento de Escolas Figueira Mar funciona desde 2012/2013 e é fruto da fusão do Agrupamento de Escolas de Buarcos com a Escola Secundária Dr. Bernardino Machado.

A Escola Secundária Dr. Bernardino Machado é a escola onde farei o meu estágio supervisionado. Inserida na freguesia de Buarcos, encontra-se no núcleo urbano



mais antigo da cidade, situada entre as ruas Visconde da Marinha Grande, dos Bombeiros Voluntários e Fernandes Coelho.

#### 9. Caracterização da turma.

A turma de Português do décimo B tem vinte alunos, dos quais doze são do sexo feminino e oito do sexo masculino. As suas idades encontram-se entre os catorze e os dezasseis anos. Neste momento, conta com a desistência de uma aluna, com a presença de um novo aluno e com a frequência em Necessidades Educativas Especiais de dois alunos, não estando presentes à hora da disciplina.

A turma é considerada calma, sem qualquer registo de mau comportamento ou indisciplina quer dentro quer fora do espaço da sala de aula.

#### 10. Tema monográfico.

Respeitando os conteúdos programáticos comuns às duas disciplinas – Português e Latim de décimo ano – escolhi tratar a temática dos *Lusíadas*, mais concretamente o “Imaginário épico: - matéria épica: feitos históricos e viagem; - sublimidade do canto; - mitificação do herói. Reflexões do poeta. A epopeia: natureza e estrutura da obra; - o conteúdo de cada canto; - os quatro planos: viagem, mitologia, História de Portugal e reflexões do poeta. Sua interdependência;”<sup>5</sup> (séc. XVI) comparativamente ao **Domínio da Itália**, mais especificamente “ – os heróis 2. Da Roma do Palatino ao domínio da Itália – Roma e os povos da Itália – os sete reis – a influência etrusca no desenvolvimento da Cidade – o domínio da Itália”<sup>6</sup> ao longo dos séculos.

A abordagem da temática escolhida será feita do seguinte modo: primeiramente, será apresentado o enquadramento teórico do tema monográfico; a parte de substância prática dará conta do estágio inicial de conhecimentos dos alunos e das competências reveladas.

A motivação principal é fomentar nos alunos o gosto pela leitura crítica e o desejo de questionação, que lhes permitirá a consulta e a leitura de obras por vontade própria, alimentando neles o desejo de opinar e argumentar sobre a sua visão pessoal dos textos.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/programa metas curriculares portugues secundario.pdf> P.15. (consultado a 20/10/15)

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/Recorrente/latim\\_a\\_10\\_11.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/Recorrente/latim_a_10_11.pdf) P.18. (consultado a 20/10/15)

Para este efeito, é fulcral que eles tenham presentes a ideia de heroísmo e o significado de ser-se herói, bem como os seus valores ao longo dos tempos.

Assim, treinando a apreciação crítica, a leitura expressiva e o poder de síntese<sup>7</sup>, espero levar os alunos à leitura voluntária de textos canónicos que se encontram com análises estereotipadas e que prezam uma leitura uníssona.

Reconhecendo o lado da vitória e da derrota em cada batalha travada, peço aos alunos que se coloquem em ambos os lados e descrevam os pontos de vista dos vencidos e dos vencedores. Fazendo esta viagem espaço-temporal, os alunos deverão conseguir colocar-se em ambos os papéis e tirarem daí as suas próprias conclusões.

Após essa reflexão crítica e pessoal, deverão fazer a ligação entre todas as lutas que se travam e travaram, não colocando, por isso, marcos intransponíveis nas leituras que fazem. Trazer as descrições de Tito Lívio ou Luís de Camões para os nossos dias é essencial para que eles encontrem, em acontecimentos vários da contemporaneidade, ligações que lhes permitam aproximarem-se do texto.

Em última instância, deverão consolidar os conceitos chave e reverem-se nessas situações, encorajando-os a serem um herói todos os dias, nos mais pequenos obstáculos que tenham que enfrentar.

Assim, o título para o meu Relatório de Estágio é:

*Os heróis de ontem e de hoje. Experiências de compreensão nas disciplinas de português e de latim.*

---

<sup>7</sup> Cf. Programa de Português do Ensino Secundário, Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/programa\\_metas\\_curriculares\\_portugues\\_secundario.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/programa_metas_curriculares_portugues_secundario.pdf) P.13. (consultado a 20/10/15)

11. Assinaturas.

Professora Estagiária

---

(Inês Miranda)

Orientadora do Estágio Pedagógico

---

(Professora Júlia Rodrigues)

Orientadora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

---

(Doutora Cristina Mello)

Apêndice VII – Plano Individual de Formação da disciplina de Latim



# **Plano Individual de Formação**

## **Latim**

### **Orientadoras de Estágio Pedagógico Supervisionado:**

Doutor José Brandão

Doutora Susana Marques

Professora Teresa Carriço

### **Professora Estagiária:**

Inês Raquel Afonso Miranda

**Mestrado em Ensino de Português e Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino  
Básico e no Ensino Secundário**

Ano Letivo: 2015/2016

## Índice

1. Objetivo
2. Atividades letivas e aulas assistidas
3. Planificação anual da disciplina
4. Horário das turmas às quais a professora estagiária está afeta
5. Horário da professora estagiária
6. Calendarização das aulas assistidas
7. Planificação anual das atividades extraletivas
8. Avaliação de desempenho
9. Apresentação da Escola
10. Caracterização da turma
11. Tema monográfico
12. Assinaturas

## 1. Objetivo

O presente Plano Individual de Formação rege-se pelos critérios presentes no *Plano Anual Geral de Formação* e no *Plano Anual de Formação da Área de Português*<sup>8</sup>. Nele, irei dar a conhecer a escola onde realizarei o estágio curricular, a planificação anual da disciplina, as atividades nas quais irei participar ao longo do ano letivo, as aulas que serão observadas pelas Orientadoras da Escola e da FLUC, apresentar o meu tema do Relatório de Estágio e comunicar o meu horário de permanência e a caracterização das turmas às quais estou afeta.

Irei também incluir neste Plano Individual de Formação os aspetos que farão parte do meu Dossiê de Estágio.

## 2. Atividades letivas e aulas assistidas.

No presente ano letivo e de acordo com o *Plano Anual de Formação da Faculdade de Letras* são consideradas **atividades mínimas obrigatórias**:

- Elaboração e /ou debate de planificações – de longo, médio e curto prazos, de recursos didáticos e de instrumentos de avaliação no âmbito do núcleo de estágio;
- Participação em 75% dos Seminários Pedagógicos semanais dirigidos pelo Orientador da Escola, com a duração aproximada de 60 a 90 minutos por disciplina;
- Participação em todas as sessões de auto e heteroavaliação de atividades letivas, e de avaliação formativa e sumativa, acordadas no âmbito do Núcleo de Estágio;
- Preparação e concretização de atividades letivas nas turmas dos Orientadores da Escola;
- Sendo o núcleo bidisciplinar, o número mínimo de atividades letivas que o professor estagiário tem de assegurar situa-se entre 28 e 32 aulas de 45 minutos ou entre 14 e 16 aulas de 90 minutos, divididas equitativamente pelas duas áreas de formação;
- Observação de todas as aulas lecionadas pelos outros estagiários do Núcleo de Estágio;

---

8

Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/estagios\\_saidas\\_profissionais/formacao\\_professores/2\\_ciclos\\_ensino/conselho\\_formacao\\_professores/docs/plano\\_de\\_formacao\\_portugues\\_15\\_16.pdf](http://www.uc.pt/fluc/estagios_saidas_profissionais/formacao_professores/2_ciclos_ensino/conselho_formacao_professores/docs/plano_de_formacao_portugues_15_16.pdf) (consultado a 15/10/15)

- Observação de 75% das aulas lecionadas pelo Orientador de Estágio nas turmas a que estão afetos os estagiários;
- Os Orientadores da FLUC observarão um mínimo de 2 aulas a cada Estagiário, devendo as mesmas ocorrer a partir de Janeiro;
- Realização de um dossiê que deve conter a seguinte documentação: legislação e outros textos fundamentais (Regulamento da Formação de Professores na FLUC, Planos Anuais de Formação das respetivas Áreas Científico-Pedagógicas, Grelhas de Parâmetros de Avaliação das respetivas Áreas, Plano Individual de Formação-PIF...); documentação relativa às aulas asseguradas (planificações de longo, médio e curto prazos, recursos didáticos e instrumentos de avaliação); comentários escritos sobre as aulas que lecionou; documentação relativa a outras atividades em que tenha participado (Seminários, Sessões de formação, aulas assistidas, atividades extraletivas, de intervenção socioeducativa e de gestão escolar...); documento de auto e heteroavaliação do desempenho no Estágio Pedagógico; entre outra documentação pertinente.

### 3. Planificação anual da disciplina.

Segundo o Programa Anual de Latim de 10º Ano em vigor, os conteúdos previstos são:

Período Letivo	Duração
<b>1º Período</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objetivos Gerais do Latim - A Importância do Estudo do Latim</li> <li>- A língua latina na atualidade - Latim, Língua-Mãe</li> <li>- <b>O latim na História das Línguas:</b> Origem da língua latina; O Latim e as línguas românicas; Influência da literatura latina. O Latim e o Português.</li> <li>- Semelhança de palavras latinas com portuguesas; carácter sintético do latim; ordem das palavras na frase latina</li> <li>- Fonética e Prosódia: o alfabeto; leitura restaurada do texto latino</li> <li>- Quantidade vocálica e Quantidade silábica; regras de acentuação; enclíticas</li> <li>- Fenómenos Fonéticos: rotacismo, apofonia, alternância vocálica, assimilação</li> <li>- Funções sintáticas em Português</li> <li>- Os casos latinos e as suas funções sintáticas</li> <li>- A frase simples: grupo do sujeito e grupo do predicado</li> </ul>	



<ul style="list-style-type: none"> <li>- Substantivos: as declinações: radical, tema, vogal temática, desinências de caso e número; género</li> <li>- Substantivos: 1ª declinação</li> <li>- Adjetivos da 1ª classe: género feminino</li> <li>- Atributo - O adjetivo como predicativo do sujeito</li> <li>- Verbos: presente do Indicativo de ‘SUM’ e ‘AMO’</li> <li>- Verbo ‘sum’ + substantivo ou adjetivo - sujeito / predicado</li> <li>- Nomes masculinos mais frequentes da 1.ª declinação</li> <li>- Presente do Indicativo de outros verbos da 1.ª conjugação</li> <li>- Concordância substantivo / adjetivo</li> <li>- Conclusão do estudo da 1.ª declinação</li> <li>- Orações coordenadas / Conjunções coordenativas</li> <li>- Substantivos: 2.ª declinação - nominativo em [-us]</li> <li>- Adjetivos da 1.ª classe: género masculino</li> <li>- Nomes: nominativo em [-r]</li> <li>- Nomes neutros</li> <li>- O ablativo: caso sincrético</li> <li>- Adjetivos da 1.ª classe: género neutro</li> <li>- Verbos: infinitivo presente e presente do indicativo da 4.ª conjugação</li> <li>- Verbos: pretérito imperfeito do indicativo das 4 conjugações</li> <li>- História: Origens de Roma e situação privilegiada: antes de Roma; Etruscos; Lácio; Fundação de Roma; Rómulo e Remo; a loba; Monte Palatino</li> <li>- Estudo da 3.ª declinação (tema em consoante e tema em i )</li> <li>- Avaliação formativa, sumativa</li> </ul>	<p>65 Tempos Letivos</p>
<b>2º Período</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Cultura:</b> religião, fundamento de Roma; deuses de origem romana; numina;</li> <li>- Estudo da 3.ª declinação: neutros ( temas em consoante e em i )</li> <li>- Verbo: futuro imperfeito (modo indicativo) das 4 conjugações temáticas;</li> <li>- Preposições: complementos circunstanciais de lugar (onde, donde, para onde, por onde); o locativo</li> <li>- Preposições: circunstâncias de modo, companhia e causa</li> <li>- Verbo: sintaxe de ‘SUM’ e dos seus derivados – predicativo do sujeito</li> <li>- <b>Cultura:</b> Atividades dos Romanos: agricultura, indústria, comércio, a moeda.</li> <li>- Verbo: pretérito perfeito (modo indicativo) das 4 conjugações temáticas e do verbo ‘SUM’; tipos de perfeito</li> <li>- Verbo: radical, tema, vogal temática - desinências - <i>infectum e perfectum</i></li> <li>- <b>História:</b> o rapto das Sabinas</li> <li>- Adjetivos da 2.ª classe: triformes, biformes, uniformes</li> <li>- Pronomes: pessoais e possessivos</li> <li>- Numerais: cardinais e ordinais (até cem)</li> <li>- Advérbio; formação a partir do adjetivo;</li> <li>- Pronomes: demonstrativo <i>is, ea, id</i></li> <li>- Verbo: imperativo presente</li> </ul>	

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pronomes: relativo <i>qui, quae, quod</i> - Orações: subordinada relativa adjetiva</li> <li>- Verbo <i>sum</i> com <b>dativo</b></li> <li>- <b>História:</b> Expansão de Roma na Itália. - Lei das 12 tábuas - Gauleses saqueiam Roma (gansos salvam o Capitólio) - Qualidades pragmáticas do povo romano</li> <li>- <b>História: Monarquia:</b> reis e figuras lendárias</li> <li>- <b>História: início da República:</b> Porsena e figuras lendárias</li> <li>- Verbos: voz passiva - Complemento agente da passiva</li> <li>- Avaliação formativa, sumativa, ...</li> </ul>	<p>50 Tempos Letivos</p>
<b>3º Período</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Graus dos adjetivos: regulares - O complemento do comparativo e do superlativo</li> <li>- <b>Cultura:</b> a vida privada dos romanos: as gentes, a família ( o nascimento, o casamento, situação da mulher na família romana, o <i>paterfamilias</i>, os filhos, os <i>tria nomina</i>, os funerais); os cultos domésticos.</li> <li>- 5.ª declinação</li> <li>- <b>Cultura:</b> atividade quotidiana dos romanos: o tempo, os meses, as refeições.</li> <li>- Verbos: futuro imperfeito e perfeito de ‘Sum’ e derivados</li> <li>- <b>Cultura:</b> a educação e o ensino</li> <li>- <b>Cultura:</b> escravatura: origem, situação dos escravos, os libertos; <i>Spartacus</i></li> <li>- Verbo: pretérito mais-que-perfeito do indicativo ativo e passivo</li> <li>- Orações: infinitivas (presente) (completiva); infinitivo passivo</li> <li>- <b>Cultura:</b> casa – casa primitiva, de influência grega, <i>domus, insula, uilla</i></li> <li>- 4.ª declinação</li> <li>- Formas nominais do verbo: infinitivos presente e perfeito ativo e passivo, gerúndio, supino, particípio do presente e do perfeito</li> <li>- Advérbios: grau</li> <li>- Pronomes: interrogativo <i>Quis?</i> Orações interrogativas</li> <li>- Orações: causais de indicativo</li> <li>- Orações: comparativas de indicativo</li> <li>- Orações: temporais de modo indicativo</li> <li>- Léxico: famílias de palavras, composição e derivação, alguns prefixos e sufixos mais usados</li> <li>- Avaliação formativa, sumativa, ...</li> </ul>	<p>43 Tempos Letivos</p>

4. Horário das turmas às quais a professora está afeta.

Horário da turma: A.10ª

Ano letivo: 2015 - 2016

Tempos	Segunda	Sala	Terça	Sala	Quarta	Sala	Quinta	Sala	Sexta	Sala			
08:30 - 09:20	História A	22	Filosof	22	Geog. A	22	Geog. A	22	Inglês	22			
09:25 - 10:15									Latim	15			
10:30 - 11:20	Inglês	22	Geog. A	22	História A	22	Latim	21	Lit.Port.	22			
11:30 - 12:20			Port	22					Latim	17	22	Port	22
12:30 - 13:20												Filosof	22
13:30 - 14:20													
14:25 - 15:15			Inglês	22			Ap.Ed.Port	17	Geog. A	22			
15:25 - 16:15			Latim	8					Edu Fis	G1			
16:25 - 17:15			Lit.Port.	21									
17:20 - 18:10			Edu Fis	Campo									

Horário da turma: A.10ªB

Ano letivo: 2015 - 2016

Tempos	Segunda	Sala	Terça	Sala	Quarta	Sala	Quinta	Sala	Sexta	Sala
08:30 - 09:20	Filosof	8	Inglês	8	FisQui A	8	Port	8	Biol. Geol	LBio
09:25 - 10:15							Inglês	8		
10:30 - 11:20	Inglês	8	Port	8	Biol. Geol	8	Filosof	8		
11:30 - 12:20	Mat A	8					FisQui A	8	Mat A	8
12:30 - 13:20										
13:30 - 14:20										
14:25 - 15:15	Ap.Ed.FQ	8	Biol. Geol	8	Port	8	FisQui A	8		
15:25 - 16:15	Ap.Ed.BG	8	Edu Fis	G2	Edu Fis	G1	Mat A	8		
16:25 - 17:15					Ap.Ed.Port	3	Ap.Ed.Mat	8		
17:20 - 18:10										

## 5. Horário da professora estagiária.

Horas	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
8:30h – 9:30h				Português 10.ºB	
9:30h – 10:20h					Latim 10.ºA
10:30h – 11:30h		Português 10.ºB		Latim 10.ºA	
11:30h – 12:30h					
12:30h – 13:20h			Latim 10.ºA		
13:20h – 14:25h	Almoço				
14:00h-14:25h	<b>Seminário de Português (FLUC)</b>			Aula de apoio de Latim	
14:25h – 15:15h			Português 10.ºB		
15:30h – 16:25h		Latim 10.ºA	<b>Seminário de Latim</b>	<b>Seminário de Português</b>	
16:25h-17:00h					
17:00h-17:30h					

## 6. Calendarização das aulas assistidas.

- O Núcleo de Estágio no qual estou inserida definiu a realização de seis aulas de cem minutos (duração dos maiores blocos letivos) e ainda quatro aulas de cinquenta minutos na disciplina de Português.

1.º PERÍODO	2.º PERÍODO	3.º PERÍODO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• [AULA DE INTERAÇÃO] – 05 de novembro de 2015 (50 min.);</li> <li>• AULA 1 - 20 de novembro de 2015 (100 min.).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• AULA 2 – 24 de fevereiro de 2016 (50 min.);</li> <li>• AULA 3 - 25 de fevereiro de 2016 (100 min.);*<sup>9</sup></li> <li>• AULA 4 – 26 de fevereiro de 2016 (100 min.).</li> <li>• AULA 5 – 02 de março de 2016 (50min.).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• AULA 6 – 20 de abril de 2016 (50 min.);</li> <li>• AULA 7 - 22 de abril de 2016 (100 min.)*;</li> <li>• AULA 8 – 18 de maio de 2016 (50 min.).</li> <li>• AULA 9 – 20 de maio de 2016 (100min.).</li> </ul>

## 7.Plano anual de atividades extraletivas.

Para além da participação nas atividades mínimas obrigatórias, anteriormente citadas, a estagiária participará, ainda, em atividades de carácter facultativo referidas

<sup>9</sup> As datas assinaladas com \* serão assistidas/ avaliadas pela Orientadora da FLUC.

nesse *Plano*. Neste sentido, participará em reuniões e atividades de gestão escolar, com o estatuto de observadora, e em atividades extracurriculares e de intervenção socioeducativa realizadas pela Escola, sempre que a Orientadora considerar oportuno, e/ou pelos outros estagiários do Núcleo de Estágio. A referir também a organização conjunta por iniciativa pessoal de algumas atividades culturais e de integração, envolvendo a partilha de leituras. A saber:

<b>Atividade</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Calendarização</b>
Atividades do Grupo de Estágio de Português- -Latim - ICLC - Outras	- Sensibilizar os alunos para a importância da cultura clássica nas várias culturas ocidentais  - Reavivar o estudo da cultura greco-romana e a sua influência na língua e na literatura portuguesas	Ao longo do ano
Aulas de apoio à turma do 10ºA de Latim	- Auxiliar os alunos na aprendizagem da língua latina.	Ao longo do ano

<i>Projeto Carpe scholam</i>	Calendarização
Palestras dirigidas a toda a comunidade escolar, em especial aos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico	Ao longo do ano
“Sabes que todos os dias falas grego?” – Prof. Doutora M. Fátima Silva	Primeira semana de janeiro
- “Escândalos da Roma dos Césares” – Prof. Doutor J. Luís Brandão	Primeira semana de fevereiro
- "Quadros de mitologia na <i>Eneida</i> e n' <i>Os Lusíadas</i> " – Prof. Doutor Delfim Leão e Prof. Doutor J. Luís Brandão	Data a definir
- "Monstros e bicharocos. O clássico e o	Maio (ainda não é certa)

fantástico juvenil” – Prof. Doutora Paula Barata Dias	
<i>Ludi Conimbrigenses: Atividades desenvolvidas pelo Thíasos</i>	maio de 2016
Projeto <i>Pari e Passu</i>	Ao longo do ano

Para além das atividades propostas pela escola, irá também frequentar ações de formação e palestras de assunto pertinente para a área de Português que aparecerão ao longo do ano. Neste sentido, encontram-se já formalizadas as seguintes inscrições:

“Oficinas de Didática do Latim”	1 a 31 de outubro
Jornada de Didática dos Estudos Clássicos	28 de novembro de 2015
Congresso Internacional sobre o Ensino das Línguas Clássicas	abril de 2015

## 8. Avaliação do desempenho

No que concerne à avaliação do meu desempenho em estágio, a professora Cláudia Cravo disponibilizou um documento onde constam todos os parâmetros a avaliar.

Assim, no tocante à área científico-pedagógica de latim, serei avaliada nos seguintes pontos:

### I – Programação científico-pedagógica (coeficiente 3)

- Definição de objetivos.
- Seleção de conteúdos.
- Escolha de estratégias.
- Escolha de materiais adequados e diversificados.
- Explicitação dos processos de avaliação.
- Temporização da(s) aula(s).

## II – Realização – competência científica (coeficiente 5)

- Domínio da língua, a nível de:

\* fonética,

\* morfologia e sintaxe,

\* léxico,

\* tradução,

\* versão.

- Conhecimentos de cultura/ civilização e de literatura:

\* conhecimento dos factos históricos e sua relação diacrónica,

\* conhecimento das tradições, costumes, religião, mitologia,

\* conhecimentos adequados das literaturas clássicas,

\* relação de autores clássicos com autores modernos,

\* confronto de aspetos do pensamento clássico e moderno.

## III – Realização – competência pedagógico-didática (coeficiente 5)

- Realização da programação:

\* execução correta da planificação,

\* alteração adequada da planificação em situações imprevistas,

\* condução da aula (motivação, dinamização e controlo das atividades, ritmo, distribuição de tempo, síntese),

\* utilização de técnicas de expressão e comunicação (rigor de linguagem, correção, clareza, adequação ao assunto, ao nível dos alunos, à situação),

\* utilização de métodos, processos e técnicas adequados às situações de ensino-aprendizagem,

\* utilização de técnicas de didática específica (de aquisição das estruturas morfosintáticas, de aquisição de vocabulário, de análise de texto, de tradução),

\* utilização do espaço e do material,

\* avaliação formativa adequada e oportuna, tendo em vista o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem, o desenvolvimento nos alunos do sentido e da capacidade de autoavaliação e de autocorreção, a correção da atuação do professor, atividades de recuperação e enriquecimento,

\* interação na aula (preocupação com o aluno como pessoa, criação de ambiente de trabalho, responsabilidade, cooperação e respeito, comunicação na aula – linguagem audível, expressão gestual viva e dinâmica, movimentação adequada no espaço, prestação de informações no momento oportuno, fomento da participação de todos os alunos e da atividade crítica).

IV – Participação e integração nas atividades da comunidade escolar e do meio (coeficiente 2)

- participação ativa em sessões e outras atividades,

- sentido de responsabilidade profissional,

- dinamização da comunidade escolar,

- capacidade de iniciativa,

- capacidade de abertura à inovação pedagógica,

- assiduidade e pontualidade,

- capacidade de interação com os encarregados de educação,

- contributo para a preparação dos alunos com vista à inserção na sociedade.



#### V – Atitude crítica (coeficiente 3)

- capacidade crítica para consigo,
- capacidade crítica para com os colegas,
- receptividade à crítica,
- capacidade de reflexão sobre a crítica para sua valorização pessoal e profissional.

#### VI – Arquivo pessoal (coeficiente 2)

- inclusão de todos os elementos elencados no Plano Anual Geral de Formação 2015/2016,
- organização,
- trabalho desenvolvido.

Coimbra, 18 de setembro de 2015

#### 9. Apresentação da Escola.

O Agrupamento de Escolas Figueira Mar existe desde o ano letivo de 2012/2013, fruto da fusão do Agrupamento de Escolas de Buarcos com a Escola Secundária Dr. Bernardino Machado.

A Escola Secundária Dr. Bernardino Machado é a escola onde farei o meu estágio anual. Inserida na freguesia de Buarcos, encontra-se no núcleo urbano mais antigo da cidade situada entre as ruas Visconde da Marinha Grande, dos Bombeiros Voluntários e Fernandes Coelho.

#### 10. Caracterização da turma.

A turma de latim do décimo A tem dezasseis alunos, dos quais onze são do sexo feminino e cinco do sexo masculino. As suas idades encontram-se entre os catorze e os dezasseis anos.

## 11. Tema monográfico.

Respeitando os conteúdos programáticos comuns às duas disciplinas – Português e Latim de décimo ano – escolhi tratar a temática dos *Lusíadas*, mais concretamente o “Imaginário épico: - matéria épica: feitos históricos e viagem; - sublimidade do canto; - mitificação do herói. Reflexões do poeta. A epopeia: natureza e estrutura da obra; - o conteúdo de cada canto; - os quatro planos: viagem, mitologia, História de Portugal e reflexões do poeta. Sua interdependência;”<sup>10</sup> (séc. XVI) comparativamente ao **Domínio da Itália**, mais especificamente “ – os heróis 2. Da Roma do Palatino ao domínio da Itália – Roma e os povos da Itália – os sete reis – a influência etrusca no desenvolvimento da Cidade – o domínio da Itália”<sup>11</sup> ao longo dos séculos.

A abordagem da temática escolhida será feita do seguinte modo: primeiramente, será apresentado o enquadramento teórico do tema monográfico; a parte de substância prática dará conta do estágio inicial de conhecimentos dos alunos e das competências reveladas.

A motivação principal é fomentar nos alunos o gosto pela leitura crítica e o desejo de questionação, que lhes permitirá a consulta e a leitura de obras por vontade própria, alimentando neles o desejo de opinar e argumentar sobre a sua visão pessoal dos textos.

Para este efeito, é fulcral que eles tenham presentes a ideia de heroísmo e o significado de ser-se herói, bem como os seus valores ao longo dos tempos.

Assim, treinando a apreciação crítica, a leitura expressiva, o poder de síntese<sup>12</sup>, espero levar os alunos à leitura voluntária de textos canónicos que se encontram com análises estereotipadas e que prezam uma leitura uníssona.

Reconhecendo o lado da vitória e da derrota em cada batalha travada, peço aos alunos que se coloquem em ambos os lados e descrevam os pontos de vista dos vencidos e dos vencedores. Fazendo esta viagem espaço-temporal, os alunos deverão conseguir colocar-se em ambos os papéis e tirarem daí as suas próprias conclusões.

Após essa reflexão crítica e pessoal, deverão fazer a ligação entre todas as lutas que se travam e travaram, não colocando, por isso, marcos intransponíveis nas leituras que fazem. Trazer as descrições de Tito Lívio ou Luís de Camões para os nossos dias é essencial para que eles encontrem em acontecimentos vários da contemporaneidade ligações que lhes permitam aproximarem-se do texto.

Em última instância, o aluno deverá consolidar os conceitos chave e rever-se ele mesmo nessas situações, encorajando-o a ser um herói todos os dias, nos mais pequenos

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/programa metas curriculares portugues secundario.pdf> P.15. (consultado a 20/10/15)

<sup>11</sup> Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/Recorrente/latim\\_a\\_10\\_11.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/Recorrente/latim_a_10_11.pdf) P.18. (consultado a 20/10/15)

<sup>12</sup> Cf. Programa de Português do Ensino Secundário, Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/programa metas curriculares portugues secundario.pdf> P.13. (consultado a 20/10/15)

obstáculos que tenha que enfrentar. Para esse efeito, possuo várias propostas, sendo uma delas, uma carta que eles irão redigir ao seu “eu”, onde refletirão sobre os seus atos heroicos para daqui a vinte anos.

Assim, o título para o meu Relatório de Estágio é:

*Os heróis de ontem e de hoje. Experiências de compreensão nas disciplinas de português e de latim.*

11. Assinaturas.

Professora Estagiária

---

(Inês Miranda)

Orientadora do Estágio Pedagógico

---

(Professora Teresa Carriço)

Orientadores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

---

(Doutor José Brandão)

---

(Doutora Susana Gonçalves)

Apêndice V – Quadro alusivo às aulas lecionadas a Português

Aulas lecionadas a Português		
Unidade temática	Texto lecionado	Duração
Poesia Trovadoresca	Cantiga de Amigo “Sedia-m’ eu na ermida de Sam Simiom”.	1x100
Fernão Lopes	<i>Crónica de D. João I.</i> Excertos do capítulo 115. Campo lexical e semântico.	1x100
Gil Vicente	Farsa de Inês Pereira.	1x50
	Farsa de Inês Pereira. Fonética e Fonologia: Processos fonológicos de inserção e supressão.	1x100
	Farsa de Inês Pereira.	1x100
Luís Vaz de Camões, <i>As Rimas</i>	O desconcerto do mundo: “O dia em que nasci moura e pereça”. Orações coordenadas.	1x100
	O desconcerto do mundo: “Os bons vi sempre passar”. Complemento do nome.	1x100
Luís Vaz de Camões, <i>Os Lusíadas</i>	Canto X: Matéria Épica: estâncias 75-91.	1x50
	Reflexões do poeta: estâncias 145-156. Complemento do adjetivo.	1x100

Apêndice VI – Quadro alusivo às aulas lecionadas a Latim

Aulas lecionadas a Latim		
Texto lecionado	Conteúdos programáticos	Duração
De <i>Orphei mytho</i> - texto original.	Mitos e lendas greco-latinos: <i>Orpheu et Eurydice</i> .	1x100
<i>Pater suis filiis Minotauri mythum narrat</i> - texto original.	Mitos e lendas greco-latinos: <i>Minotaurus</i> . Pretérito imperfeito do modo indicativo - voz ativa.	1x100
<i>Nouae res Romae!!! Anseres saluunt Capitolium ex impetu Gallorum</i> - texto original.	A expansão de Roma pela Península Itálica: saque Gaulês a Roma. 3.ª declinação, tema em consoante - palavras imparissilábicas.	1x100
<i>Asterix et Obelix, Iter Gallia</i> .	A personagem histórica de Asterix e a sua relação com Júlio Cesar. Síntese da 3.ª declinação, tema em consoante – palavras imparissilábicas.	1x100
As divisões da casa	A vida em família e a casa. O <i>lararium</i> .	1x50
O culto dos deuses	A voz passiva.	1x100
O <i>coliseum</i>	3.ª declinação, tema em [-i] - palavras parissilábicas.	1x50
A escravatura	O contexto da escravatura e as suas implicações. Visão geral do Império Romano.	1x100



	O caso de <i>Spartacus</i> . Graus dos adjetivos: o comparativo.	
--	---	--

Apêndice VII – Quadro alusivo às atividades extraletivas

<b>Atividades</b>	<b>Dinamizador</b>	<b>Professores Convidados</b>	<b>Público-alvo</b>	<b>Data</b>
“Escândalos da Roma dos Césares”	Núcleo de estágio de Latim	Professor Doutor José Luís Brandão	10.º A	4 /2
"Quadros de mitologia na <i>Eneida</i> e n' <i>Os Lusíadas</i> "	Núcleo de estágio de Latim	Professor Doutor Delfim Leão e Professor Doutor José Luís Brandão	10.º A	25 /2
Visita a Conímbriga: <i>Ludi Conimbrigenses 2016</i> <sup>1</sup>	Núcleo de estágio de Latim	-	10.º e 11.º A	24/5
“ <i>Monstros e bicharocos. O clássico e o fantástico juvenil</i> ”	Núcleo de estágio de Latim	Professora Doutora Paula Barata Dias	10.º A	3/5
“Prometeu Agrilhado”- Museu Machado de Castro, Coimbra, pelo grupo de teatro <i>Thíasos</i> <sup>13</sup>	Núcleo de estágio de Latim	-	10.º e 11.º A	27/5
Projeto PI – Jardim de Infância Nossa Senhora da Assunção <sup>2</sup>	Núcleo de estágio de Latim	-	10.º A	8/6

<sup>13</sup> De acordo com o ponto VII a. “as Estagiárias e a Orientadora de Escola poderão, desde logo, solicitar a ida à Escola, em data a combinar, de docentes da Secção de Estudos Clássicos, bem como de elementos do grupo de teatro *Thíasos* da FLUC, que dinamizam várias atividades junto da comunidade escolar”. Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano\\_latim.pdf](http://www.uc.pt/fluc/fp/ep/docspdf/plano_latim.pdf).

Apêndice VIII – 1.<sup>a</sup> atividade de compreensão de Português: roteiro de aula e recursos utilizados

## Roteiro de aula

A aula iniciar-se-á com a leitura e análise da *Farsa de Inês Pereira*. Esta leitura será feita em silêncio, acompanhada da visualização da encenação da peça projetada e compreenderá os vv.86-165, da página 136 do manual adotado, do vv.1-75, da página 138 e do vv.1-140, das páginas 140 e 141. Esta atividade tem a previsão de **quinze minutos**.

Realço, contudo, que das primeiras páginas indicadas será feita apenas uma análise superficial do conteúdo, recorrendo a pequenos excertos dos versos compreendidos que permitam uma compreensão do todo e, nas duas páginas seguintes, será realizada uma análise mais aprofundada que dará aso à conclusão e síntese da globalidade da farsa.

Esta análise é realizada tendo em conta o conhecimento que os alunos já possuem da obra nesta altura. Assim, no final da análise do excerto dos vv. 1-140, serão colocadas questões como, por exemplo:

- O ideal de marido segundo Inês Pereira sofreu alguma alteração desde o início da peça?
  - Cenário de resposta: Inês valoriza, agora, um marido pacífico, que lhe dê liberdade total e com o qual ela possa gozar a vida.
- Que características são inerentes a Pero Marques que permitem que Inês encontre nele o marido ideal agora?
  - Cenário de resposta: Pero Marques é ingénuo, apaixonado, rico e dará a Inês tudo que ela quiser.
- Tendo em conta o mote que serviu de base a esta peça, qual o seu simbolismo no desfecho da obra?
  - Cenário de resposta: A farsa termina mergulhada na sátira e no riso, mostrando que, de facto, mais vale ser levada por um asno do que por um cavalo.
- Em que consiste o encontro entre Inês Pereira e o Ermitão?
  - Cenário de resposta: Inês encontra um ermitão que revela ser um seu antigo apaixonado, desde os tempos de criança. Foi por ela que se tornou ermitão. Reconhecendo-o, Inês compromete-se a visitá-lo na ermida.

- O fim da peça poderia ter sido omitido, pois em nada comprometeria o objetivo do autor em mostrar o domínio de Inês sobre Pero.
  - Cenário de resposta: Não, pois o objetivo é enfatizar a infidelidade de Inês e a ingenuidade e submissão de Pero.
- Qual foi então a intenção de Gil Vicente?
  - Cenário de resposta: Materializar o provérbio que dá mote à obra.

No final, será feito um resumo global da obra, com auxílio da projeção de um *Prezi*, prevendo para esta atividade, **quarenta e cinco minutos**.

Num segundo momento dar-se-á lugar à discussão do papel de Inês Pereira, do seu comportamento ao longo de toda a peça e da sua ligação ao contexto em que a obra foi escrita. Aí pretende-se levar o aluno a concluir que a realização da peça tem como pano de fundo, não só o final da Idade Média como o início da época dos Descobrimentos.

Desta forma, Gil Vicente revela alguma abertura a temas e a ideias do séc. XVI, sem se desligar dos antigos medievalistas.

A meu ver, Inês Pereira revela uma necessidade e uma força de afirmação que advém da vontade da mulher ir mais longe e de se igualar ao Homem. Assim, o contacto com novas culturas e a necessidade da mulher substituir o homem, que se encontrava em combate longe de casa, leva a que ela descubra que é capaz de fazer mais e melhor e, por isso, a submissão e a falta de opinião que a caracteriza tenderá a ser o mote para lutas e conquistas, encarnadas aqui no papel de Inês Pereira. (Como podemos observar na insubmissão às ordens da mãe, às suas aspirações, ao casamento duplo e às emoções que a personagem desperta no espetador).

Contudo, esta beleza que completa Inês não é única. Assim, e concluindo esta discussão, com a previsão de **dez minutos**, entrar-se-á numa viagem pelo tempo com várias paragens numa linha cronológica que se inicia na Antiguidade Clássica.

Para esse efeito, será entregue um excerto de *Antígona*, de Sófocles, que evidenciará a luta de *Antígona* pela sua afirmação e desafios constantes aos homens que culminará na sua morte. Nesta peça, *Antígona* ambiciona dar ao falecido irmão uma cerimónia fúnebre que o possa igualar aos restantes mortais. Estando insepulto, *Antígona* afirma que o sepultará e, para isso, pede ajuda à sua irmã, *Asménia*. Esta, lembrando-lhe as

suas condições femininas, recusa ajudá-la sob pena de serem mulheres e, portanto, não poderem lutar contra os homens. Antígona dá ao irmão o ritual fúnebre merecido e acaba morrendo por ordem do rei, Creonte.

Em seguida, será dado lugar ao visionamento de um pequeno vídeo de apresentação do filme *As Sufragistas*, que relewa a luta pelo direito de voto das mulheres londrinas no início do séc. XX. Daí partir-se-á para a luta nacionalista, com a projeção de um vídeo que retrata o movimento feminista pela igualdade do direito a voto em Portugal, no séc. XX.

A atividade concluir-se-á com uma reflexão sobre esses movimentos, na ligação com a época de Inês Pereira, confrontando-se a atualidade nacional com outras culturas. Aqui espera-se que o aluno consiga identificar as principais causas que levaram as mulheres a lutarem pela igualdade (as grandes guerras, o contacto com outros povos e culturas etc.) e, ainda, a consciencialização de que essa condição não é mundial nem a sua verdade universal, contactando, brevemente, com a cultura muçulmana. Aqui é o noivo quem escolhe a noiva e, embora ela não possa casar com alguém fora da sua cultura, o noivo pode. O casamento é um contrato que nem necessita da presença da noiva para ser realizado, podendo esta ser representada pelo seu pai. Prevê-se para esta atividade, **vinte minutos**.

Todos os materiais supracitados encontram-se reunidos num *Prezi* que será apresentado à turma.

Para trabalho de casa, será indicada a construção de uma sinopse de um filme. Pretende-se que o aluno crie o seu próprio herói e resumam a sua aventura, com todos os valores que ele deve integrar. Previamente, será questionado sobre que valores devem estar presentes numa figura heroica e o que eleva as suas ações a esse nível.

Esta atividade será contemplada no Relatório de Estágio, pelo que serão dadas indicações precisas para a sua elaboração.

Apresentação em Prezi: “Farsa de Inês Pereira”







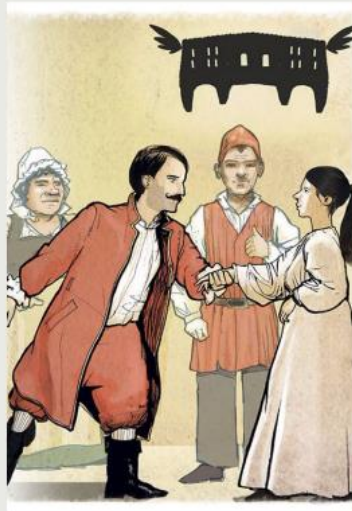
**Pero Marques**  
ingénuo,  
trabalhador,  
honesto,  
simples.



**Inês Pereira**

preguiçosa,  
leviana,  
fantasiosa,  
inconsciente,  
idealista.  
No final da peça, torna-se:  
materialista,  
calculista,  
vingativa.





## Escudeiro Brás da Mata

elegante,  
mentiroso,  
desleal,  
preguiçoso,  
pelintra,  
galanteador,  
cobarde.



***Mais quero asno que me leve que cavalo  
que me derrube.***



Comédia de costumes

Crítica à insensatez das raparigas que desejam ascender socialmente através do casamento.



## ***Estrutura tripartida da intriga***

- 📌 **Exposição:** desejo de libertação de Inês através do casamento;
- 📌 **Conflito:** proposta de Pero Marques, casamento com o Escudeiro e casamento com Pero Marques;
- 📌 **Desenlace:** concretização das aspirações de Inês.



## ***Personagens***

- ✓ **Inês:** preguiçosa, leviana, fantasiosa, inconsciente, idealista. No final da peça, torna-se materialista, calculista, vingativa.
- ✓ **Pero Marques:** ingénuo, trabalhador, honesto.
- ✓ **Escudeiro, Brás da Mata:** elegante, mentiroso, desleal, preguiçoso, pelintra, galanteador, covarde.



- ✓ **Lianor Vaz:**alcoviteira, leviana, mentirosa.
- ✓ **Mãe:**boa conselheira, confidente, compreensiva, voz do bom senso.
- ✓ **Judeus casamenteiros, Latão e Vidal:** bajuladores, interesseiros, oportunistas.
- ✓ **Moço:**confidente, crítico, fiel ao amo.
- ✓ **Ermitão:**falso religioso, parasita, mentiroso.



## O cómico

**Cómico de carácter:** Pero Marques (desconhecimento da cultura da cortesia):

**Cómico de situação:** Episódio final

**Cómico de linguagem:** Expressões provincianas de Pero, representante da cultura popular.



«E que val aqui ãa destas?» (v. 18. P. 125)

«Cuido que lhe trago aqui /  
peras da minha pereira. / Hão  
de estar na derradeira / Tende  
ora, Inês, per i»(vv. 44-47. P.  
125)

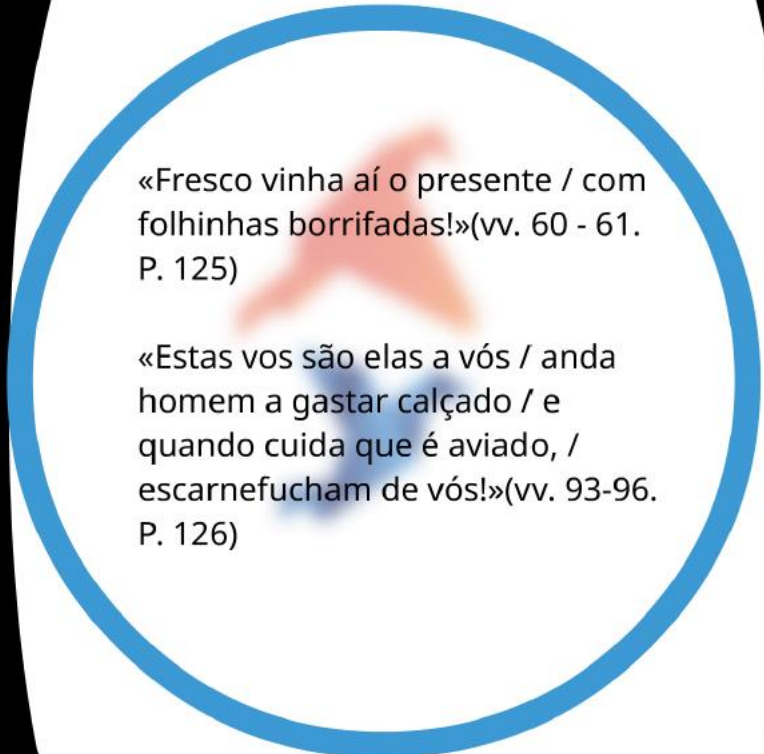
«Pois, senhora, eu quero-m' ir /  
antes que venha o escuro» (vv.  
81-82. P. 126)



«Marido cuco me levades / E mais  
duas lousas» (vv. 123-124. P. 141)

«Bem sabedes vós marido/  
quanto vos amo / sempre fostes  
percebido / pera gano./  
Carregado ides, noss'amo, / com  
duas lousas.» (vv. 133-138. P. 141).





«Fresco vinha aí o presente / com  
folhinhas borrifadas!»(vv. 60 - 61.  
P. 125)

«Estas vos são elas a vós / anda  
homem a gastar calçado / e  
quando cuida que é aviado, /  
escarnefucham de vós!»(vv. 93-96.  
P. 126)



## ***Estilo e linguagem***

**Língua em transição** - Presença de arcaísmos  
medievais e inovações renascentistas.

**Registos de língua  
variados:**  
**Linguagem dos lavradores rústicos:** Pero Marques  
não regista a estrutura  
frásica.  
**Linguagem dos judeus casamenteiros:** introdução  
de fórmulas hebraicas no  
discurso.  
**Linguagem familiar:** o registo popular que a Mãe e  
Lianor Vaz partilham.  
**Linguagem cortês do Escudeiro:** discurso  
elaborado, utiliza fórmulas corteses,  
mostrando o seu estatuto social.  
**Coloquialidade:** do o seu estatuto social.  
Expressões populares, provérbios, interjeições;  
ironia e sarcasmo.





### **Registos de língua**

#### **variados:**

**Linguagem dos lavradores rústicos:** Pero Marques não respeita a estrutura frásica.

**Linguagem dos judeus casamenteiros:** introdução de fórmulas hebraicas no discurso.

**Linguagem familiar:** o registo popular que a Mãe e Lianor Vaz partilham.

**Linguagem cortês do Escudeiro:** discurso elaborado, utiliza fórmulas cortesões, mostrando o seu estatuto social.

**Coloquialidade:** do o seu estatuto social. Expressões populares, provérbios, interjeições; ironia e sarcasmo.



## ***Recursos estilísticos***

**Comparação:** Moça de vila será ela/com sinalzinho postiço, / e sarnosa no toutiço, / como burra de Castela (vv. 11-14. P. 130)

**Interrogação retórica:** ou sam algum caramujo / que nam sai senam à porta? (vv. 32 - 33. P. 120)

**Ironia:** Logo eu adivinhei / lá na missa onde eu estava, / como a minha Inês lavrava (vv. 39 -41. P. 121)

**Metáfora:** Deos vos salve, fresca rosa, / e vos dê por minha esposa (vv. 58- 59. P. 130)

**Metonímia:** Não sei se me vá a el rei, / se me vá ao Cardeal (vv. 10-11 P. 122)



## *O espaço*

Oscila entre o **interior** (casa de Inês) e **exterior** (percurso para visitar o Ermitão).

**Mudança** sem qualquer interrupção do diálogo iniciado dentro da casa.



fácil.

## *O tempo*

Passagem do **tempo**:

Inês solteira / fantasiosa → a ascensão

Inês malcasada → a queda

Inês viúva → a libertação

Inês casada → a vingança

**Tempo histórico:** finais da Idade Média

**Tempo narrativo:** desencontro com o tempo cronológico (a passagem de três meses não é explicitamente percebida)





## ***A crítica vicentina***

A ânsia de libertação da mulher de condição burguesa, através do casamento (**Inês**);

A ruína da baixa nobreza, decorrente da centralização das riquezas, provindas da expansão, na corte (**Escudeiro**);

Os velhos costumes morais de uma sociedade medieval e feudal, em vias de extinção (**Pero Marques**);

Degradação moral da concepção de **família**;

O êxodo dos campos, o desenvolvimento das cidades e a atração pela **riqueza fácil**.

00

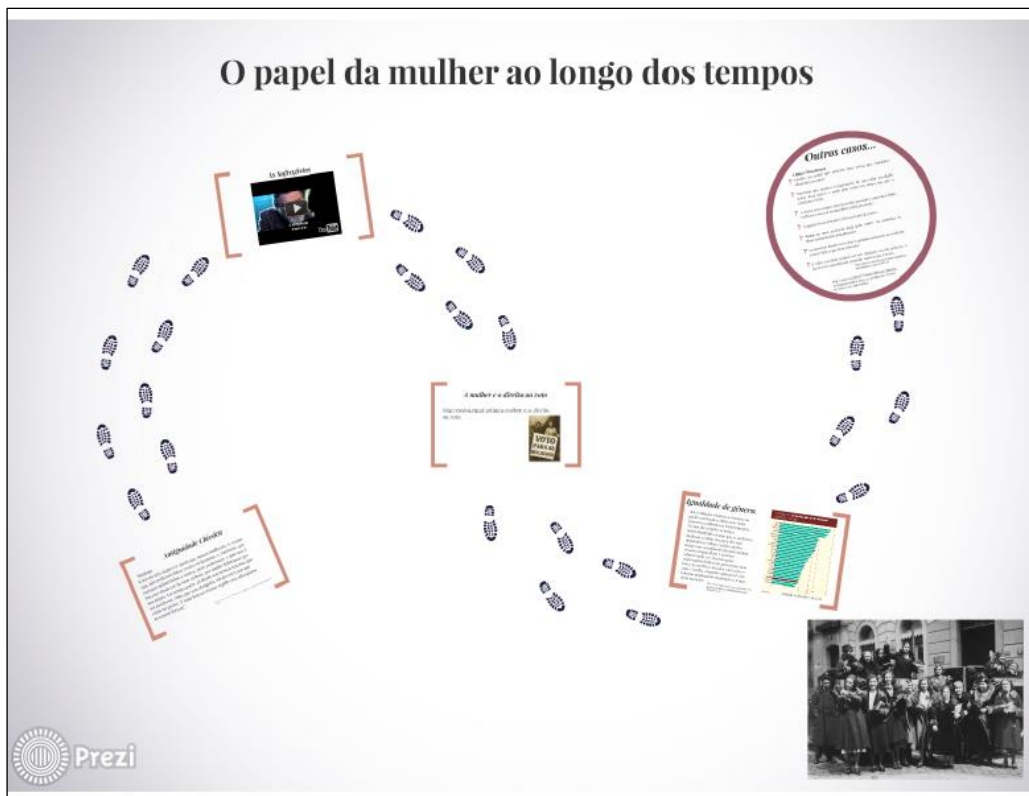


Como caracteriza a sua sociedade?

corrupta!  
materialista!  
Sem quaisquer valores humanos!!!



## Apresentação em Prezi: “O papel da mulher ao longo dos tempos”



### *Antiguidade Clássica*

“Isménia

Convém não esquecer ainda que somos mulheres, e, como tais, não podemos lutar contra os homens; e, também, que estamos submetidas a outros, mais poderosos, e que nos é forçoso obedecer às suas ordens, por muito dolorosas que nos sejam. Da minha parte, pedindo aos nossos mortos que me perdoem, visto que sou obrigada, obedecerei aos que estão no poder. É uma loucura tentar aquilo que ultrapassa as nossas forças!” .

Sófocles, Antigona. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/sofoclesbook/antigone.pdf> (consultado em: 2/2/2010)



## *As Sufragistas*



## *A mulher e o direito ao voto*

<http://ensina.rtp.pt/artigo/a-mulher-e-o-direito-ao-voto/>

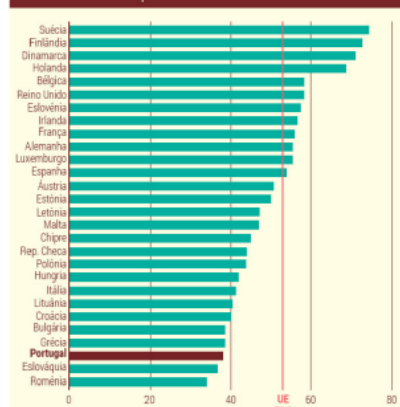


## Igualdade de género.

“Os resultados relativos ao tempo e ao poder acentuam as diferenças entre homens e mulheres na União Europeia. No que diz respeito ao tempo, nomeadamente o tempo que as mulheres dedicam a cuidar da casa e dos seus dependentes (filhos e pais) e ainda o tempo que as mulheres têm para ocupar os seus tempos livres e fazerem voluntariado, 77% das europeias empregadas dedicavam pelo menos uma hora do seu dia a cuidados com a casa e com a família, enquanto apenas 24% dos homens empregados empregava o tempo desta maneira”.

<http://observador.pt/2015/06/25/igualdade-de-genero-portugal-e-o-terceiro-pais-mais-desigual-da-ue/>

### Portugal é o terceiro país mais desigual da União Europeia



Fonte: EIGE

Estudo realizado em 2012



## Outros casos...

### Cultura Muçulmana

- ? Família do noivo que procura uma noiva que considere adequada ao noivo.
- ? Contrato que implica o pagamento de um valor acordado pelas duas partes e pago pelo noivo na altura em que o contrato é feito.
- ? A noiva nem sempre está presente quando o contrato é feito, embora o seu pai ou guardião esteja presente.
- ? A oferta do casamento é feita pelo pai da noiva.
- ? Segue-se uma aceitação feita pelo noivo, na presença de duas testemunhas muçulmanas.
- ? A noiva tem direito a receber a quantia referente ao contrato e fazer dela o que bem entender.
- ? O valor recebido poderá ser em dinheiro ou em géneros, e deverá ser especificada antes do noivo a dar à noiva.

<http://onossocasamento.pt/artigos/casamento-muculmano-e-suas-tradicoes>

[http://expresso.sapo.pt/blogues/bloguet\\_lifestyle/Avidadesaltos/2016-02-15-Nao-sao-crimes-de-honra-sao-homicidios](http://expresso.sapo.pt/blogues/bloguet_lifestyle/Avidadesaltos/2016-02-15-Nao-sao-crimes-de-honra-sao-homicidios)





Apêndice IX – 2.ª atividade de compreensão de Português: roteiro de aula e recursos utilizados

### **Roteiro de aula**

Ao iniciar a aula, a professora estagiária cumprimentará os alunos. De seguida, projetará o sumário. Prevendo para esta atividade **dez minutos**.

Seguindo o Programa de Português para o décimo ano e as metas curriculares em vigor, proceder-se-á à continuação do estudo das rimas camonianas.

Assim, será projetada uma citação de William Shakespeare. Esta citação será o mote da aula que privilegiará uma vertente reflexiva e crítica onde se espera que os alunos, mais do que aprender um novo tema presente na lírica camoniana, reflitam também quanto ao seu papel na sociedade atual.

Perante essa citação, a professora confrontará os alunos sobre o papel que cada um de nós apresenta na sociedade; que sociedade é essa; se é uma sociedade onde há justiça e igualdade; e se temos um papel ativo ou passivo na mesma. É esperado que os alunos observem que, pese embora o papel individual na sociedade, esta apresenta algumas falhas refletidas na falta de igualdade existente entre todos os cidadãos. Se todos somos humanos por que motivo nem todos temos direito às mesmas condições?! Assim, talvez cada um de nós pudesse fazer mais pelo mundo em que vive, tornando-o mais harmonioso. Prevê-se para esta atividade cinco minutos.

No entanto, de que forma estas reflexões se enquadram no pensamento renascentista? De que forma poderemos vê-las em Camões?

Em seguida, vamos descobrir as respostas para as duas últimas questões. Para isso, dar-se-á início à leitura do poema “O dia em que eu nasci moura e pereça”.

Uma vez que este poema não se encontra no manual adotado, será entregue em formato papel, acompanhado de questões de auxílio à interpretação textual.

Finda a leitura do poema, far-se-á uma primeira análise interpretativa oral onde se fará a comparação com o que já foi visto anteriormente e uma análise temática superficial que contemplará ainda a estrutura formal do poema, sistematizada em *PowerPoint*.

De seguida, analisando estrofe a estrofe, colocar-se-ão diversas questões que auxiliarão o entendimento do poema.

Cenário de questões:

- Qual o desejo manifestado pelo sujeito poético;

- Cenário de resposta: O sujeito amaldiçoa o dia do seu nascimento e deseja que, se se repetir esse mesmo dia, aconteçam desgraças que lembrem as pessoas de que nasceu nesse dia o sujeito mais desgraçado.
- Quais os versos que refletem esse desejo;
  - Cenário de resposta: do v. 1-4.
- Que recurso estilístico lhe está subjacente;
  - Cenário de resposta: pleonasma.

Num modo global, qual a atitude do mundo face ao estado de espírito do poeta.

Na análise deste poema ter-se-ão em conta os conhecimentos dos alunos face, nomeadamente, a algumas marcas de reflexão pessoal do poeta e também a oposição dos ideais de beleza feminina presentes em Camões, no exemplo do poema “Endechas a Bárbara Escrava”.

É esperado que os alunos compreendam que, fazendo uso do pleonasma, o sujeito poético condena o dia do seu nascimento, afirmando que este constitui um cenário de horror, justificando, em seguida, a razão desse cenário.

Assim, o sujeito expõe o seu interior deixando o mundo sem reação perante o seu sofrimento.

Será destinada para esta atividade a duração de **vinte e cinco minutos**.

Nos **cinco minutos** seguintes, apresentar-se-á uma imagem de um campo de refugiados. Nesta imagem refletir-se-á sobre aquilo que é observado; sobre os elementos que caracterizam e que marcam aquele cenário; sobre o sentimento que provoca em nós; porque nos incomoda esta realidade; porque é tão atual e tão próxima de nós; se consideram que este pode ser considerado um cenário normal hodiernamente.

Desse modo, e procurando concretizar cada vez mais o objetivo da aula, a professora questionará os alunos sobre aquilo que esperam encontrar num concerto de música; o que aconteceria se a música que ouvem não tivesse a sonoridade que procuram; se não fosse harmoniosa; se um concerto de música não seria um concerto sem a harmonia dos sons; como podemos caracterizar esta palavra; que podemos dizer sobre ela; se o mundo fosse um palco e nós assistíssemos ao seu concerto, poderíamos afirmar que estas características vão ao encontro do que temos vindo a discutir até agora e porquê; que



prefixo podemos acrescentar à palavra concerto para que possamos obter o tema central da nossa aula de hoje; de que forma ele está presente neste poema que acabamos de ver?

Nesse momento, é esperado que os alunos identifiquem que o prefixo que está em falta é o “des” que dará, assim, sentido à aula no seu todo.

No final, será projetado um *Prezi* com a temática do desconcerto do mundo em Camões.

Esta atividade terá a duração de **quinze minutos**.

Após a introdução ao tema do desconcerto, dar-se-á início ao estudo do conteúdo gramatical.

Pretende-se que a transição entre o conteúdo literário e os aspetos gramaticais a serem abordados seja feita de forma harmoniosa, daí que tenha optado por iniciar a retoma deste conteúdo gramatical com base no texto e em frases relacionadas com a lírica camoniana.

Dessa forma, será projetado um *PowerPoint* breve, apenas para a retoma e consolidação do conteúdo gramatical, que deverá ser acompanhado com a participação dos alunos, verificando assim o grau de conhecimento desta matéria. Em seguida, será entregue uma ficha de exercícios relativamente às orações coordenadas, para verificar a existência ou não de dificuldades.

Para trabalho de casa, pegar-se-á novamente na atualidade mundial e na sua crise de valores. A professora colocará questões por forma a recuperar a citação utilizada no início da aula: e se fôssemos mais que meros espectadores; e se interviéssemos no mundo por forma a subverter tudo o que de negativo o caracteriza; o que fariam para tornar este mundo, um verdadeiro concerto musical; como anulariam este sentimento desconcertante?

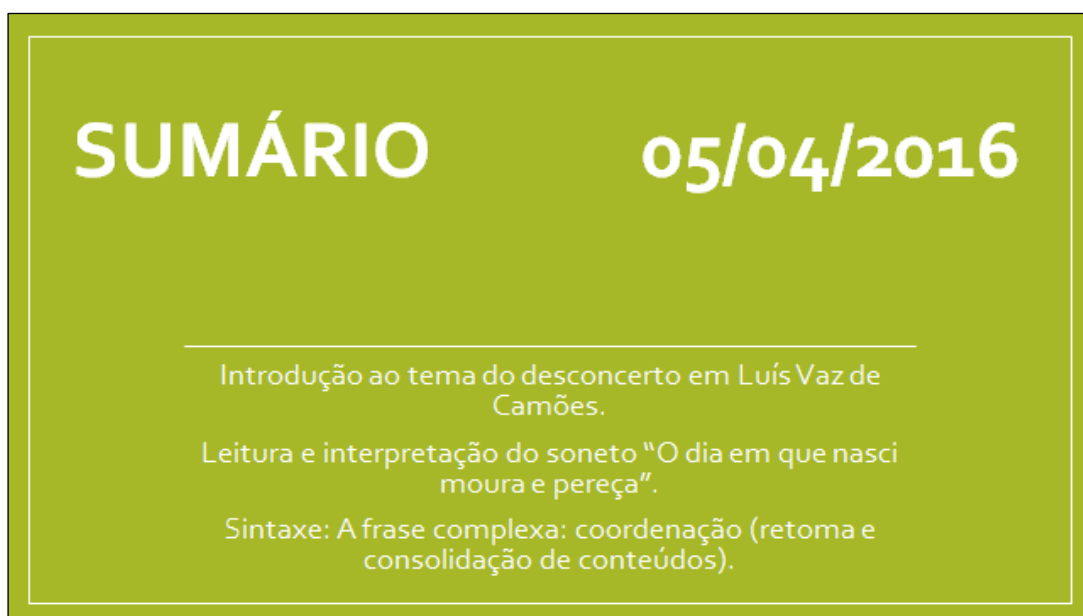
Para dar respostas a estas questões, trará um poema de José Madeira que subverteu todo o negativismo do poema abordado em aula, tornando-o um verdadeiro concerto.

Assim, será distribuída uma tabela para preenchimento em casa com os elementos que contribuem para o desconcerto do mundo, presentes no poema de Camões e os seus opostos.

Caso a aula termine antes do tempo previsto, dar-se-á início à leitura do poema de José Madeira e começar-se-á o trabalho de casa.

Importa ainda referir que este roteiro serve apenas como um guião para aula. Caso as participações dos alunos sejam pertinentes, este poderá sofrer alterações.

Apresentação em *PowerPoint*: Introdução ao tema “O Desconcerto do Mundo”



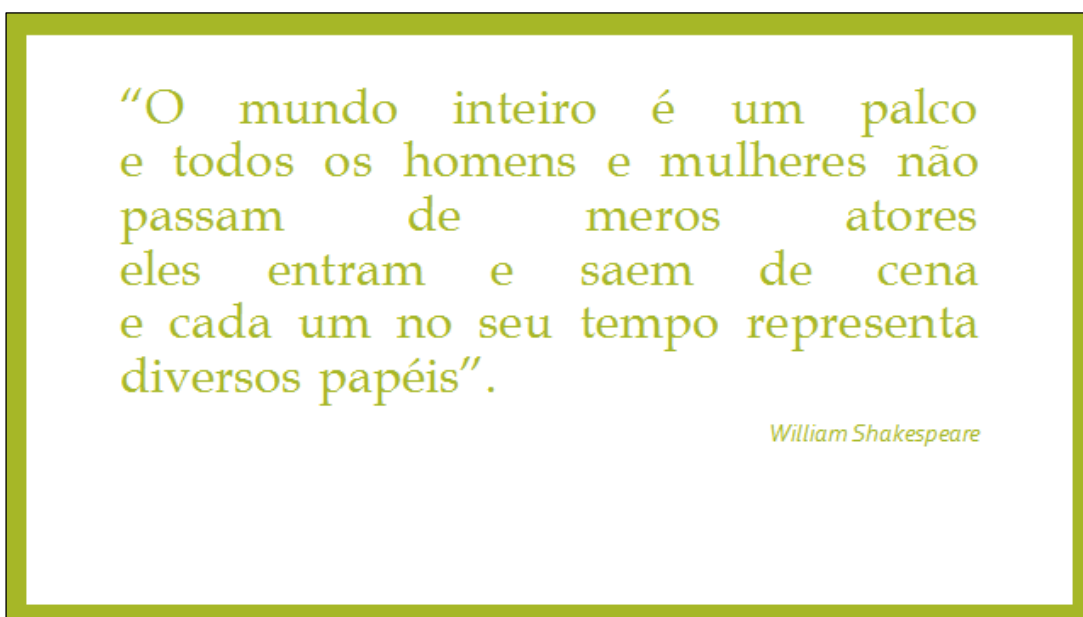
**SUMÁRIO** **05/04/2016**

---

Introdução ao tema do desconcerto em Luís Vaz de Camões.

Leitura e interpretação do soneto “O dia em que nasci moura e pereça”.

Sintaxe: A frase complexa: coordenação (retoma e consolidação de conteúdos).



“O mundo inteiro é um palco e todos os homens e mulheres não passam de meros atores eles entram e saem de cena e cada um no seu tempo representa diversos papéis”.

*William Shakespeare*

## “O DIA EM QUE NASCIA MOURA E PEREÇA”

### Análise formal do poema



Estrutura  
estrófica.

Soneto –  
constituído por  
duas quadras e  
dois tercetos com  
chave de ouro no  
segundo terceto.



Esquema  
rimático.

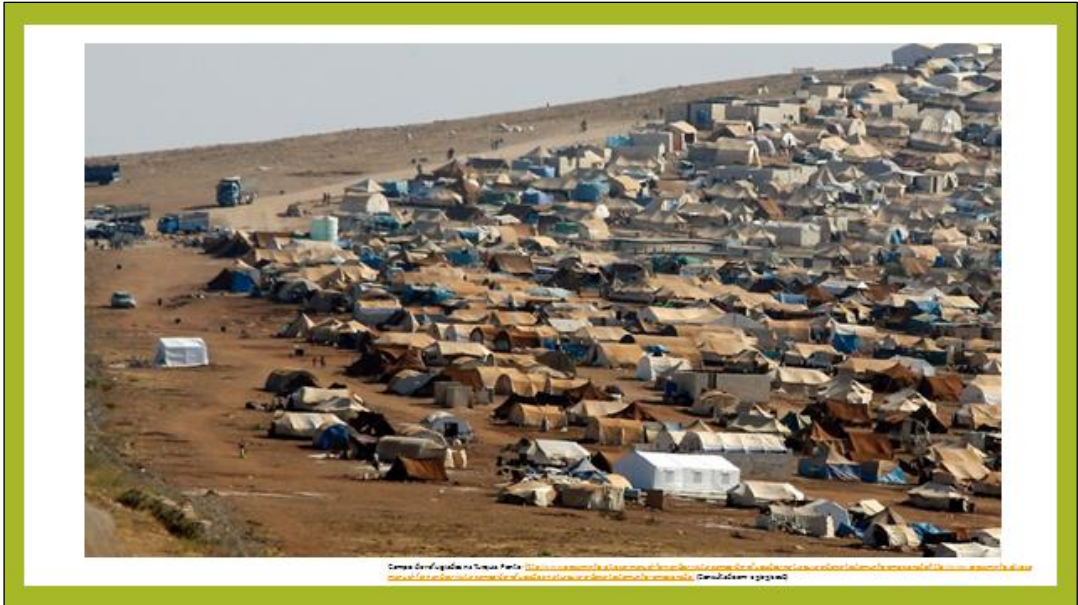
abba/abba  
cde/cde



Métrica

Versos  
decassilábicos.

**Medida nova**



Camp de refugiats na Turquia. Fonte: <https://www.fotojournalismo.com.br/2015/08/12/camp-de-refugiados-na-turquia/>. Acesso em: 12/08/2015.

Texto: “O dia em que nasci moura e pereça”



Ficha de trabalho

05/04/2016

Português 10.ºB

Nome do aluno: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

**O dia em que nasci moura e pereça,**

O dia em que nasci moura e pereça,  
Não o queira jamais o tempo dar;  
Não torne mais ao Mundo, e, se tornar,  
Eclipse nesse passo o Sol padeça.

A luz lhe falte, O Sol se [lhe] escureça,  
Mostre o Mundo sinais de se acabar,  
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,  
A mãe ao próprio filho não conheça.

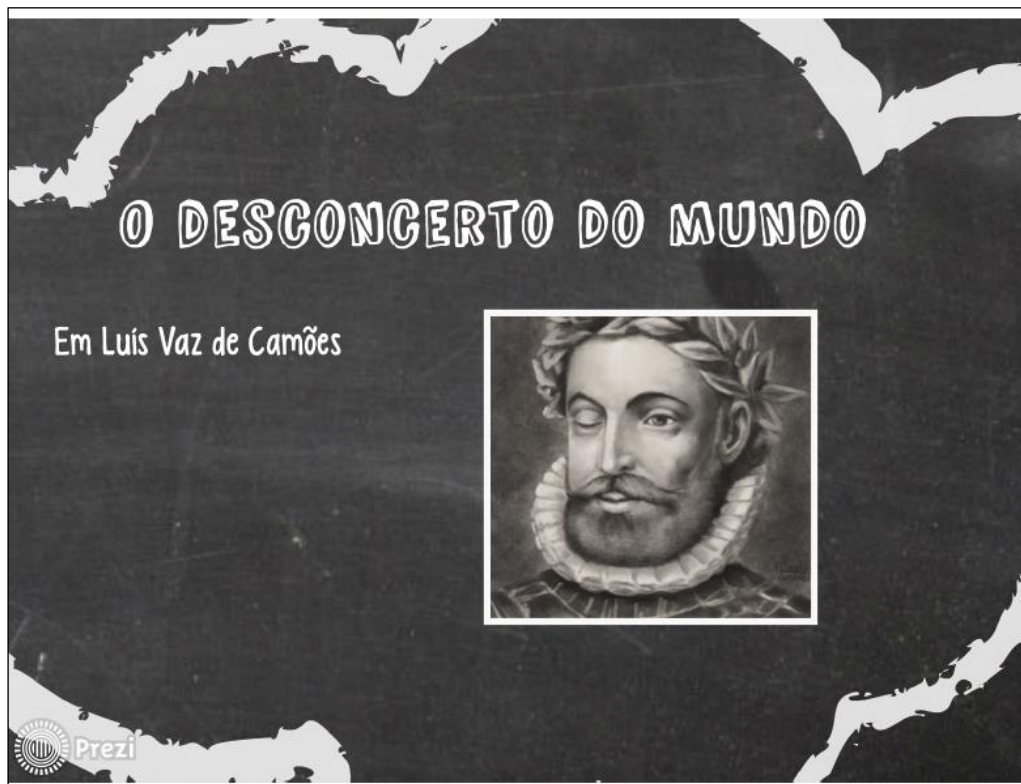
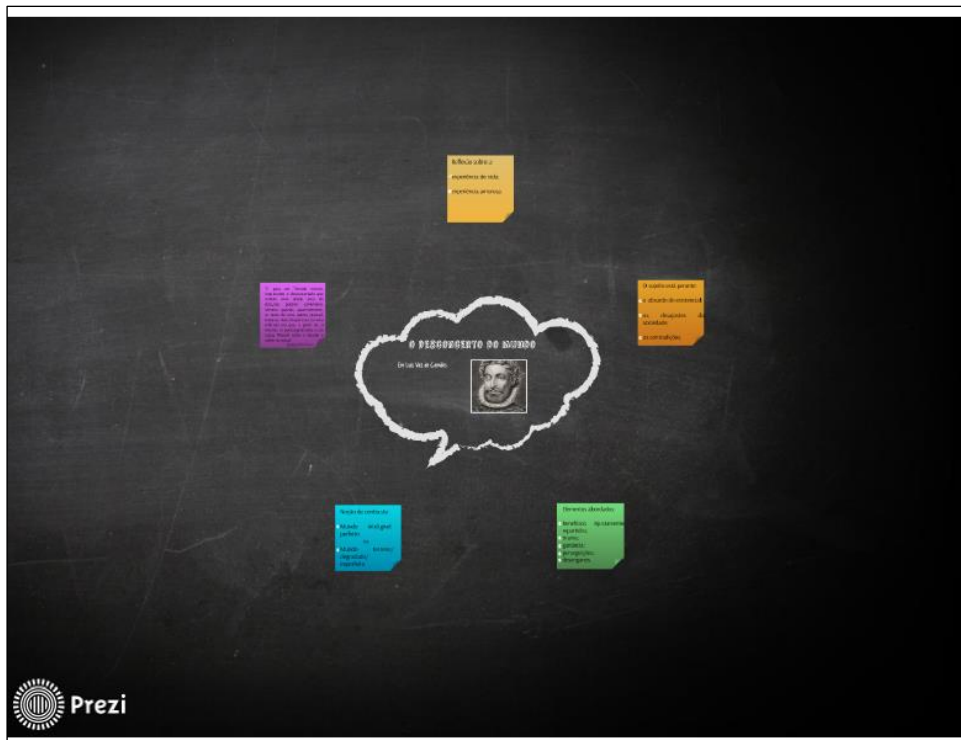
As pessoas pasmadas, de ignorantes,  
As lágrimas no rosto, a cor perdida,  
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,  
Que este dia deitou ao Mundo a vida  
Mais desgraçada que jamais se viu!

Luis de Camões, *Rimas*,  
Coimbra, Livraria Almedina, 1994, p.182.

1. O sujeito poético começa por manifestar um desejo.
  - 1.1. Refere-o e menciona o recurso estilístico utilizado para lhe conferir maior destaque.
2. Relaciona o estado de espírito do “eu” poético com a ambiência descrita.
3. Demonstra que a atitude dos outros face ao mundo apresentado é distinta da do sujeito poético.

Apresentação em Prezi: Síntese de conteúdos



Reflexão sobre a:

- ☛ experiência de vida;
- ♥ experiência amorosa.



O sujeito está perante:

- 🌐 o absurdo do existencial;
- 🌐 os desajustes da sociedade;
- 🌐 as contradições.





### Elementos abordados:

- benefícios injustamente repartidos;
- tirania;
- ganância;
- perseguições;
- desenganos.

### Noção de contraste:





- Mundo inteligível / perfeito
- vs.
- Mundo terreno / degradado / imperfeito.



"É para um "Mundo incerto, inquietante e desconcertado que remete uma ampla área do discurso poético camoniano. Mesmo quando, aparentemente, se trata de uma queixa pessoal, trata-se, mais do que isso, de uma reflexão em que, a partir de si mesmo, [o poeta] generaliza e, em suma, filosofa sobre o Mundo e sobre as coisas".

Maria Leonor Carvalho Buescu, *Literatura Portuguesa Clássica*, Lisboa: Universidade Aberta, 1996, pp. 136-137.

Texto: “O dia em que nasceu viva e não esqueça”



DIREÇÃO REGIONAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES  
Direção de Serviços Região Centro  
**Agrupamento de Escolas Figueira Mar**

Ficha de trabalho 05/04/2016

Português 10.ºB

Nome do aluno: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

**A Luís Vaz de Camões**

*O dia em que nasceu viva e não esqueça,  
O queira o tempo sempre renovar,  
Todas as manhãs torne ao mundo, dar  
Mais brilho ao Sol que a face à Terra aqueça.*

*Luz não falte, ao Sol nuvem não escureça,  
Mostre o mundo sinais de se alegrar,  
Trancem-lhe louros, ouro chova o ar,  
A mãe aponte ao filho, que o conheça.*

*As pessoas pasmadas, exultantes,  
Do júbilo no rosto a cor garrida,  
Cuidem que o mundo já se redimiú.*

*O gente esperançosa, não te espantes,  
Que cada dia deita ao mundo a vida  
Mais festejada que jamais se viu!*

Subversão do soneto “O dia em que nasci moura e pereça”  
in MADEIRA, José, *Camões Contra a Esperança e o Império*,  
Lisboa, Fanda Edições, 2000, p. 7.

1



1. Preenche a tabela, por forma a separares os elementos concertantes e desconcertantes presentes neste poema e no de Camões, "O dia em que nasci moura e pereça", sublinhando, em cada uma, o/s termo/s que reforça/em essa oposição.

Concerto	Desconcerto
"O tempo <u>sempre o renove</u> ".	" <u>Não o queira</u> jamais o tempo dar"
	" <u>Não</u> torne mais ao mundo".
	"A luz lhe <u>falte</u> ".
"Dê o mundo constantes sinais de se <u>alegrar</u> ".	
	"Que a mãe <u>não</u> conheça o filho".
	"Mais <u>desgraçada</u> que jamais se viu!"

Apêndice X – 3.<sup>a</sup> atividade de compreensão de Português: roteiro de aula e recursos utilizados

## Roteiro de aula

Ao iniciar a aula, a professora estagiária cumprimentará os alunos. De seguida, projetará o sumário da aula. Prevê-se para esta atividade dez minutos.

Seguindo o Programa de Português para o 10º ano e as metas curriculares em vigor, proceder-se-á à continuação do estudo das *Rimas* camonianas.

Assim, a aula iniciar-se-á com a distribuição de um excerto da parábola “Diante da Lei” de Franz Kafka, presente na obra *O Processo*.

Após a leitura, discutir-se-á o entendimento que os alunos retiraram do texto: a noção de lei e de justiça; se ambas estão ao alcance do Homem; se podemos afirmar que todas as leis são justas e que toda a justiça é lei; se consideram que o mundo possui injustiças, entre outras questões.

Esta discussão é apenas uma introdução que servirá de mote à recuperação do tema do desconcerto já lecionado. Ainda que as respostas sejam de acordo com a visão que cada aluno possui da realidade, espera-se que, indo ao encontro do que fora lido, os alunos reflitam sobre o verdadeiro alcance da lei e do cumprimento da justiça. Prevê-se para esta atividade a duração de dez minutos.

Concluída a atividade, que tem ainda como objetivo servir de motivação para o estudo do poema “Os bons vi sempre passar”, de Luís de Camões, a professora indicará que essa noção de justiça, ou da falta dela, está também presente na esparsa que será abordada posteriormente, questionando os alunos sobre o tema camoniano ao qual dirá respeito. Camões, tal como Kafka, observa que o mundo é um local desconcertante onde a justiça existe para poucos e onde quem espera nunca alcança. Tal como no texto de Kafka, onde o camponês que aguarda que as portas da lei se abram para que ele possa aceder à lei e onde acaba por morrer sem nunca usufruir de tal direito, Camões observa que apenas para ele o mundo anda concertado, uma vez que os maus nunca são punidos pelos seus erros, a lei não se faz cumprir, enquanto para ele, existirá sempre um castigo para as más ações.

Assim, far-se-á a ligação entre os dois textos, alertando para a intertextualidade presente, ainda que ambos estejam tão distantes na linha temporal.

De seguida, a professora fará a leitura da esparsa e esclarecer-se-ão possíveis dúvidas de vocabulário, para que não exista dificuldade na compreensão do texto.

Para esta primeira análise optar-se-á pela estratégia do questionário oral, privilegiando a interação professor-aluno no sentido em que o primeiro apenas acompanha o segundo na sua linha de compreensão textual, conduzindo-o para as suas próprias conclusões.

Neste momento, a docente questionará os alunos sobre o tema da composição poética, que, já referido e discutido, será a reflexão sobre o tema do desconcerto do mundo, pois o sujeito poético sente-se injustiçado.

Não tendo sido a esparsa ainda uma construção poética abordada em aula, a professora apresentará, no quadro, a sua definição com a participação dos alunos. Assim, a primeira constatação que deverá ser feita por parte dos discentes, será a sua composição de uma só estrofe, constituída por dez versos, em redondilha maior, sendo, por isso, heptassilábico.

Pretende-se ainda que observem o predomínio, neste tipo de construções, do tom melancólico, numa fase posterior de análise. Destina-se para esta atividade dez minutos.

Após este primeiro momento, será realizada uma análise interpretativa do poema onde serão feitas questões mais aprofundadas sobre o mesmo, que visam o seu entendimento na globalidade. As questões serão variadas e dependerão da participação dos alunos. No entanto, a professora questionará os alunos sobre quais são os dois motivos de espanto do sujeito poético; pedir-lhes-á que comprovem o recurso à antítese no poema; que explicitem o seu valor expressivo; que indiquem a indignação do sujeito poético; que realcem ainda a relação que existe entre o uso dos conectores “mas” (v.8) e “Assi que” (v.9) com a dedução do sujeito poético no final do texto; que façam uma divisão do poema, justificando, e, por último, que demonstrem a atualidade do tema.

Neste momento, os alunos deverão ser capazes de afirmar que o sujeito poético espanta-se com dois factos: aos bons tudo acontece de mau; aos maus tudo sucede de bom; que este poema pretende traduzir a inversão de valores que caracteriza a sociedade: os bons são castigados e os maus recompensados, como se o mundo andasse às avessas; o poeta dando-se conta do desconcerto do mundo, foi mau, pensando que a regra observada se confirmaria no seu caso. Porém, foi castigado, apresentando-se como uma exceção. Deverão ainda compreender que a conjunção “mas” marca a oposição entre o castigo do “eu” e a impunidade dos outros; o “Assi que” introduz a conclusão do poeta, na sequência do que experienciou, e ainda, que a divisão do poema pode ser feita da seguinte forma: a primeira parte será composta pelos primeiros cinco versos – constatação do desconcerto do mundo, a segunda pelos dois versos seguintes onde é considerado o seu raciocínio lógico e a justificação do seu comportamento, e a terceira parte os versos nove e dez onde se verifica o seu desconcerto em relação ao desconcerto do mundo; este poema, apesar de datado do século XVI, aborda um tema intemporal, pois ainda hoje, em múltiplas situações, sentimos que nem sempre quem merece é recompensado pelo seu esforço, muito pelo contrário.

No final, a professora projetará um esquema síntese relativo ao poema, que deverá ser preenchido em conjunto, seguido de uma sistematização final do tema do desconcerto do mundo, encerrando assim o estudo da lírica camonianiana. Nessa mesma linha, a professora aconselhará, para trabalho autónomo a ser realizado em casa, a leitura de um texto de apoio cujo conteúdo se debruça sobre este mesmo tema.

Prevê-se para esta atividade a duração de vinte e cinco minutos.

Uma vez concluída esta atividade, dar-se-á início ao estudo de um novo conteúdo gramatical, o complemento do nome. Pretende-se que a transição entre o conteúdo literário e o gramatical seja feita de uma forma harmoniosa, daí que o estudo do Complemento do nome partirá de um dos versos do poema, “os maus vi sempre nadar/ em mar de contentamentos” (vv.4-5).

Assim, a professora pedirá aos alunos que observem a frase e que tentem identificar o elemento que faz a diferença na interpretação do sentido da mesma. Os alunos, com o auxílio da docente, irão verificar que a frase ficaria sem sentido ao anular “de contentamentos”, fragmento que se encontra à direita do nome.

A partir daí passar-se-á a um exercício, no quadro, onde os alunos mencionarão um exemplo de um grupo preposicional que poderia estar no lugar daquele. Prevê-se para esta atividade a duração de quinze minutos.

Em seguida, estimando uma duração de vinte minutos, será projetado um *PowerPoint* com a informação relativa ao complemento do nome com situações em que o nome pede um complemento.

Assim, espera-se que no final os alunos compreendam que, ao suprimir o complemento do nome, o sentido da frase fica incompleto. Pelo contrário, será ainda referido que, quando trabalhamos com um modificador do nome, verificamos que este apenas lhe acrescenta informação, tendo um carácter acessório.

Após a exposição da matéria, será entregue uma ficha de exercícios que permitirá aplicar o conhecimento adquirido e verificar a existência de dúvidas. Após a sua elaboração, será feita a correção, em conjunto; o último exercício será corrigido com recurso a um tutorial, destinando para esta atividade vinte minutos. A opção por esta estratégia visa sobretudo valorizar o uso das tecnologias em contexto sala de aula, explicitando as suas variadas funções.

Para além disso, a sua utilização tem um efeito motivador, por ser alternativo na medida em que falamos de uma tecnologia ainda pouco utilizada no ensino. A sua utilização visa não só a correção do exercício mas também a sistematização deste novo conteúdo gramatical.

No final da aula, a professora solicitará, para trabalho de casa, que os alunos realizem, em pares, um pequeno trabalho com recurso às tecnologias. Uma vez que este é um trabalho a ser realizado fora da sala de aula, será composto por duas partes. Assim, a professora indicará, com recurso ao *PowerPoint*, as linhas orientadoras.

Será pedido aos alunos que, em pares, construam um texto de cinquenta a cem palavras, relacionam as conclusões que tiraram acerca do Tema do Desconcerto com um exemplo da atualidade.

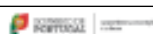
Os alunos poderão utilizar, por exemplo, uma fotografia, uma publicidade, um filme, uma música, um filme, um postal, uma notícia, entre outros.

A partir desse texto deverão construir uma breve apresentação recorrendo às tecnologias (tutorial, *PowerPoint*, vídeo, mapa conceitual), constituindo esta uma atividade a integrar o Relatório de Estágio da professora estagiária.

Para suprir possíveis dificuldades que possam existir, a professora disponibilizar-se-á para cooperar com os discentes, num horário acordado por ambas as partes ou na aula de apoio à disciplina.

Importa ainda realçar que caso a aula termine mais cedo que o previsto, dar-se-á início à atividade de expressão escrita.





DRESTE - Direção-Regional dos estabelecimentos escolares

Direção de Serviços Região Centro

Agrupamento de Escolas Figueira Mar



Ficha informativa

12/04/2016

Português 10.ºB

Nome do aluno: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

KAFKA, Franz (2009) “Diante da lei”, in *O Processo*, Lisboa, Leya (adaptado pela professora estagiária, 2016).

Diante da Lei está um guarda. Vem um homem do campo e pede para entrar na Lei. Mas o guarda diz-lhe que, por enquanto, não pode autorizar-lhe a entrada. O homem considera e pergunta depois se poderá entrar mais tarde. – “É possível” – diz o guarda. – “Mas não agora!”. O guarda afasta-se então da porta da Lei, aberta como sempre, e o homem curva-se para olhar lá dentro. (...)

O homem do campo não esperava tantas dificuldades. A Lei havia de ser acessível a toda a gente e sempre, pensa ele. Mas, ao olhar o guarda envolvido no seu casaco forrado de peles, o nariz agudo, a barba à tártaro, longa, delgada e negra, prefere esperar até que lhe seja concedida licença para entrar.

(...) Durante anos seguidos, quase ininterruptamente, o homem observa o guarda. (...) Nos primeiros anos diz mal da sua sorte, em alto e bom som e depois, ao envelhecer, limita-se a resmungar entre dentes. (...)

Por fim, enfraquece-lhe a vista e acaba por não saber se está escuro em seu redor ou se os olhos o enganam. (...) Agora a morte está próxima.

(...) O guarda da porta tem de se inclinar até muito baixo porque a diferença de alturas acentuou-se ainda mais em detrimento do homem do campo. – “Que queres tu saber ainda?”, pergunta o guarda. – “És insaciável”.

– “Se todos aspiram a Lei”, disse o homem. – “Como é que, durante todos esses anos, ninguém mais, senão eu, pediu para entrar?”. O guarda da porta, apercebendo-se de que o homem estava no fim, grita-lhe ao ouvido quase inerte: – “Aqui ninguém mais, senão tu, podia entrar, porque só para ti era feita esta porta. Agora vou-me embora e fecho-a”.

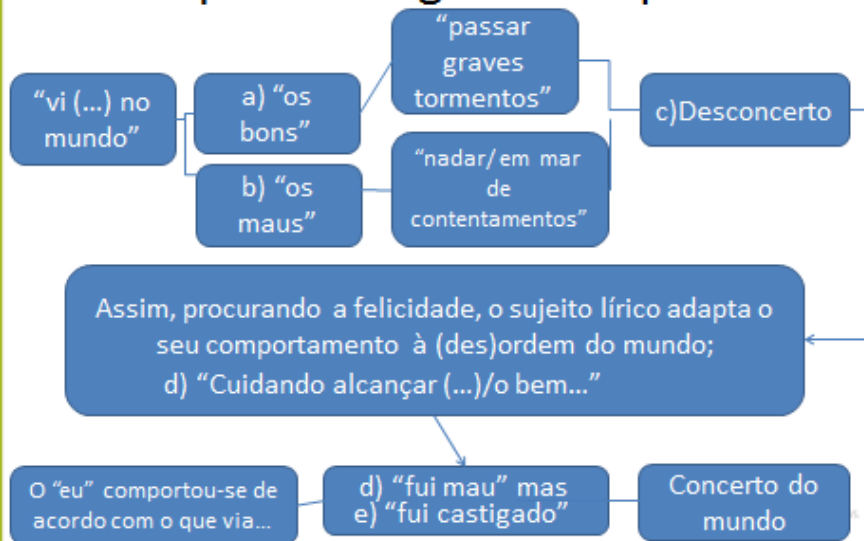
Sumário:

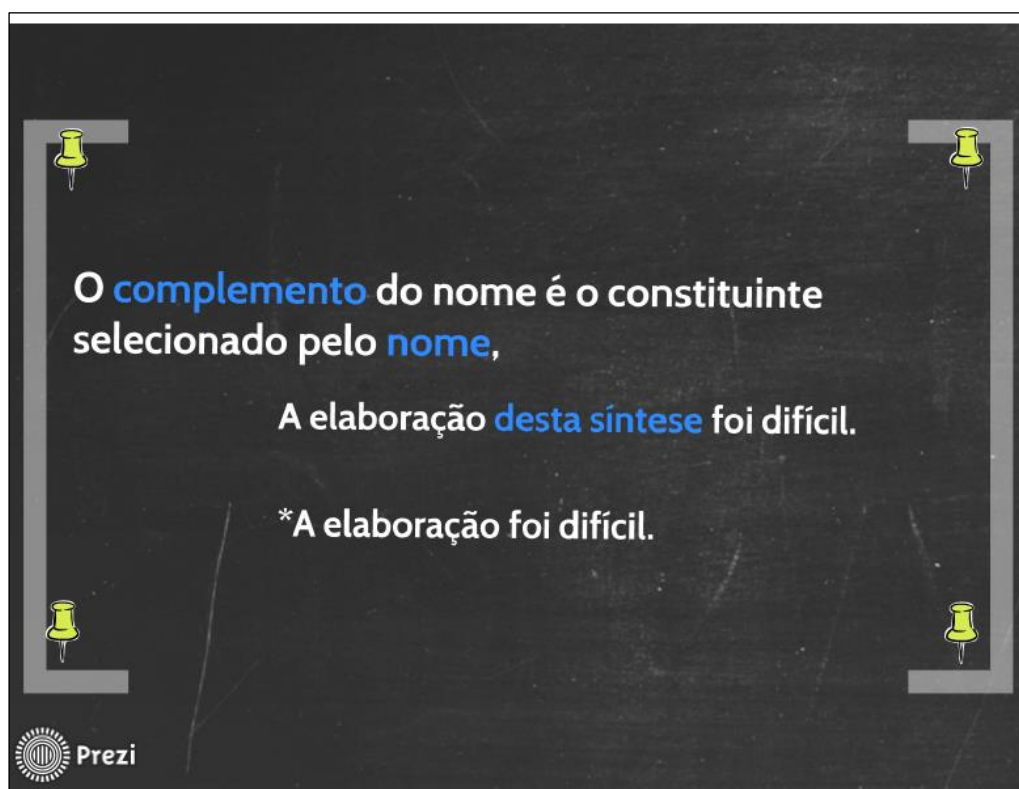
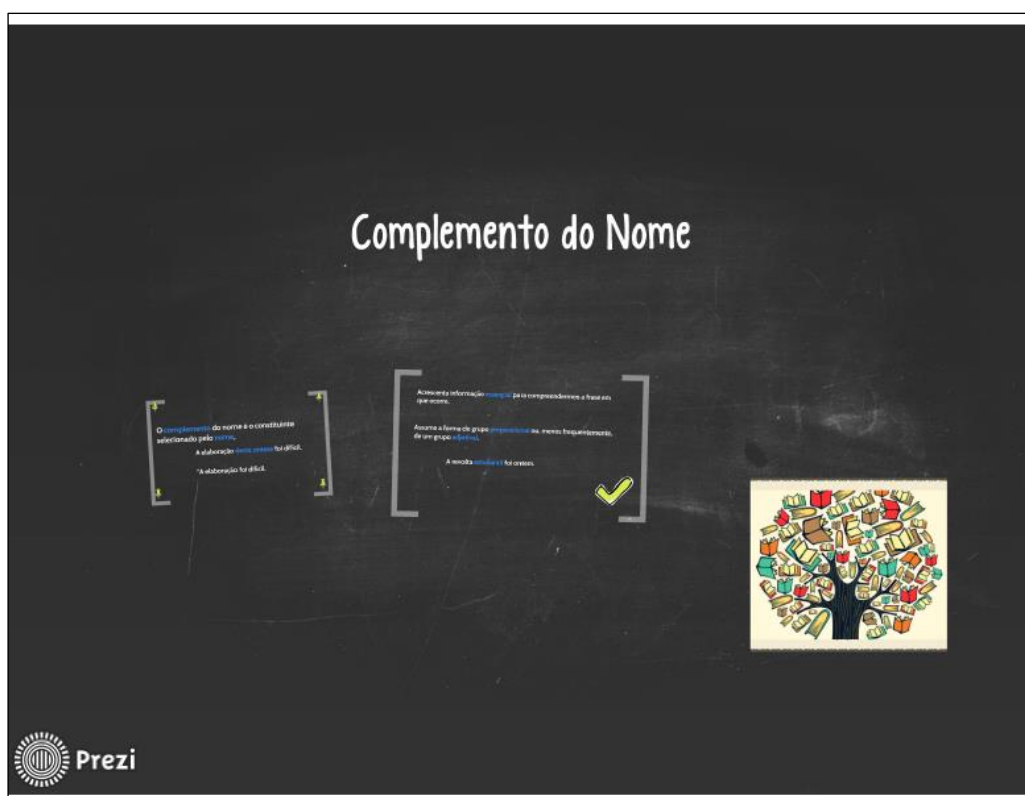
12/04/2016

- Continuação do estudo do tema do desconcerto em Luís Vaz de Camões.
- Leitura e interpretação do soneto “Os bons vi sempre passar”.
- Sintaxe: Funções sintáticas: Complemento do Nome.

Ativar o Windows  
Aceda a Definições para ativar o Windows.

### Completa o seguinte esquema









Acrescenta informação **essencial** para compreendermos a frase em que ocorre.

Assume a forma de grupo **preposicional** ou, menos frequentemente, de um grupo **adjetival**.

A revolta **estudantil** foi ontem.



## Texto informativo: O Desconcerto do Mundo

	 DIREÇÃO REGIONAL DOS ESTABELECEMENTOS ESCOLARES Direção de Serviços Região Centro <b>Agrupamento de Escolas Figueira Mar</b>	 
Ficha informativa		12/04/2016
Português 10.ºB		
Nome do aluno: _____ Nº _____		
<h3>Desconcerto do Mundo</h3> <p>“O tema do desconcerto do mundo, que encontramos na poesia trovadoresca, em poetas do Cancioneiro Geral, em Gil Vicente e nos humanistas, consiste numa reflexão pessimista sobre a vida e o mundo, vistos “às avessas”, como se a realidade se mostrasse contrária à lógica do bem, da virtude e dos valores morais”<sup>1</sup>.</p> <p>(...) “O desconcerto do mundo aparece a Camões sob diversas formas. É um facto objetivo de que os prémios e os castigos estão distribuídos desencontradamente. Há aqui um vício social particularmente flagrante na sociedade portuguesa do séc. XVI, em que a expansão ultramarina proporcionava enormes contrastes e mutações de opulência e miséria e dava largas oportunidades aos aventureiros sem escrúpulos: a terra (escreve Camões referindo-se à Índia) é a mãe de “vilões ruins e madrastra de homens honrados”<sup>2</sup>.</p>		
<hr/> <p><sup>1</sup> PINTO, Elisa <i>et alii</i>, <i>Novo Plural 10º ano</i>. Editora Texto, 2015. P. 203. <sup>2</sup> António José Saraiva, <i>Luis de Camões</i>, Lisboa, Gradiva. P. 72.</p>		

TRABALHO DE CASA  
(PARES)

Com o poema “Os bons vi sempre passar”, retomaste o Tema do Desconcerto em Camões.

Como pudeste observar, neste tema o sujeito poético está perante:

O absurdo do existencial;

Os desajustes da sociedade;

As contradições.

A partir das notas registadas, confronta, num texto de 50 a 100 palavras, as conclusões que pudeste retirar sobre este tema. Deves sempre sublinhar os Complemento do Nome que usares.

Entrega: 17/05/2016

A partir do texto, faz uma breve apresentação do que escreveste recorrendo às TIC (tutorial, *PowerPoint*, vídeo, etc.)

Para realizares o teu trabalho, procura recursos que o enriqueçam.

Exemplos:

Imagens, fotografias, cartazes, filmes, postais, publicidades, músicas, cria um *site* ou um *blog*, notícias, livros.

© Boa sorte!

Apêndice XI – 4.<sup>a</sup> atividade de compreensão de Português: roteiro de aula e recursos utilizados

## Roteiro de aula

Ao iniciar a aula, a professora estagiária cumprimentará os alunos. De seguida, projetará o sumário da aula. Esta atividade terá a duração de **dez minutos**.

Dando continuidade às aulas anteriores, prosseguir-se-á com o estudo d'*Os Lusíadas*. Assim sendo, a professora projetará, no quadro, um excerto do poema de Miguel Torga, intitulado “Camões”, e estabelecer-se-á uma ligação entre o poema e a importância que Camões teve para o registo e eternização dos grandes feitos dos portugueses.

Os alunos deverão identificar o destinatário do poema e sintetizar a sua mensagem, que tem como ideia chave a glorificação e o enaltecimento do “cedro desmedido” que foi Camões.

Destina-se para esta atividade **cinco minutos**.

Seguidamente, a aula incidirá sobre as reflexões do poeta presentes no Canto X, que compreende as estâncias 145 a 156<sup>15</sup>.

Para esse efeito, a professora pedirá aos alunos, selecionados aleatoriamente, que realizem a leitura das estâncias em questão.

Após a leitura, a docente questionará os alunos quanto a possíveis dúvidas de vocabulário e, caso estas não existam, proceder-se-á à análise do texto, por conjuntos de estâncias.

Dessa forma, a análise compreenderá uma primeira fase, da estância 145 aos quatro primeiros versos da 146; um segundo momento da 146 à 148; uma terceira parte, compreendida entre as estâncias 149 e 153 e; finalmente, da estância 154 à 156.

Não existe um cenário de questões de carácter obrigatório, uma vez que a condução da aula depende, em grande parte, das intervenções dos alunos. Contudo, existirão questões modelares que se prendem com os aspetos essenciais para a interpretação do texto.

Assim, prevêem-se como tópicos de análise, por exemplo,

- Explicitar as características da “pátria” apresentadas nas estâncias 145 e 146.
  - Cenário de resposta: Nestas duas estâncias, a “pátria” é apresentada de um modo muito pessimista. Camões acusa-a de estar submetida à cobiça, num ambiente de “vil tristeza”, est.145, vv.6-8. Por outro lado, a “pátria”, os portugueses, são apresentados como imersos num ambiente de falta de orgulho e de vontade de trabalhar, est.146, vv.1-4.

---

<sup>15</sup> Manual adotado.



- Tornar claro de que forma o conhecimento e apreço da obra *Os Lusíadas* junto de uma gente “surda e endurecida” serve o propósito pedagógico do poeta.
  - Cenário de resposta: Cantando os feitos heroicos dos antepassados, o poeta pretende que eles sirvam de ideal, de exemplo aos contemporâneos, para que a pátria se transforme.
- Indicar, na estância 146, os recursos linguísticos reveladores do destinatário e da intenção de interpelação.
  - Cenário de resposta: O Vocativo (“ó rei”) e o imperativo (“Olhai”) indicam a interpelação direta ao rei sob a forma de pedido.
- Mencionar quais são as qualidades dos vassallos do rei enunciadas pelo poeta.
  - Cenário de resposta: Os portugueses são apresentados como vassallos excelentes, leais e valentes. De seguida, referem-se os religiosos desinteressados dos bens materiais e, por fim, nomeiam-se os cavaleiros lutadores e diligentes.
- Explicitar os conselhos que o poeta dá ao jovem monarca.
  - Cenário de resposta: O rei deve preocupar-se em manter a independência do reino, estância 152, vv.1-4; deve também rodear-se de homens experientes, estância 152, v.5; e estima os seus cavaleiros, estância 153, vv.5-8.
- Esclarecer a que “dina empresa” o poeta incita o rei.
  - Cenário de resposta: O poeta autorretrata-se modestamente como um “humilde, baxo e rudo” anónimo, mas logo a seguir assume-se desassombradamente como alguém a quem não falta “honesto estudo,/ com longa experiência”. Oferece-se como soldado e como poeta para cantar a nova “dina empresa” do rei (“o braço às armas feito/ e a mente às musas dada”). O poeta é um homem da renascença que alia o estudo à experiência; o poeta concretiza o “ideal do herói”: numa mão sempre a espada e noutra a pena.

Por último, far-se-á, em conjunto, um exercício síntese das estâncias lidas e analisadas, tendo por base a linha global que abrange toda a obra e os ideais da altura, ideias dos quais Camões se canta como expoente pleno.

Prevê-se para a atividade de leitura, análise e síntese do texto **quarenta minutos**.

Do final da atividade partir-se-á para o estudo do conteúdo gramatical. A este nível, será lecionado o Complemento do Adjetivo.

Pretende-se que a aprendizagem deste conteúdo seja feita de uma forma progressiva e indutiva.

Nessa linha de sentido, projetar-se-á, com recurso ao *Prezi*, a frase “(i) Camões está dececionado com os seus contemporâneos” e pedir-se-á aos alunos que identifiquem o adjetivo da frase e aquilo que o complementa, identificando também a preposição que os liga. Caso existam dificuldades, proceder-se-á à substituição do Complemento do Adjetivo por outros grupos preposicionais e à necessidade da sua presença. Após esse

exercício projetar-se-á uma nova frase “(ii) Camões ficou feliz por ter terminado *Os Lusíadas*” e, desta vez, deverão identificar o adjetivo, o seu Complemento e a oração que completa o seu sentido.

Assim, e compreendida a noção de Complemento do Adjetivo, passar-se-á à sua explicação e posterior aplicação num pequeno exercício.

Prevê-se para esta atividade a duração de **vinte minutos**.

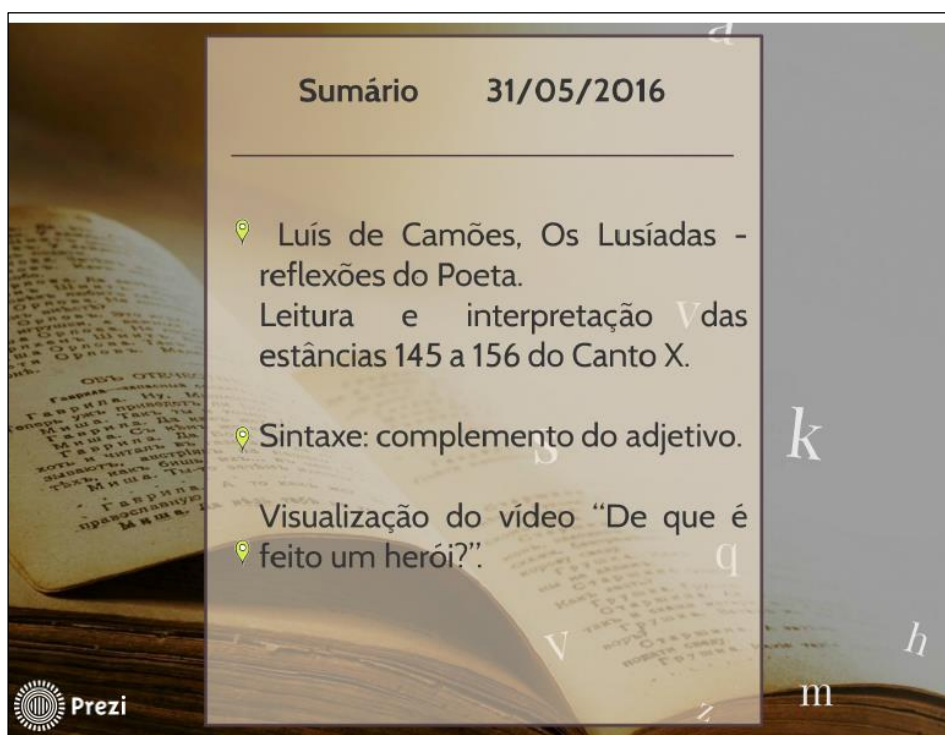
Finda a resolução, passar-se-á à visualização de um vídeo intitulado “*What makes a hero*”.

No final, questionar-se-ão os alunos sobre as primeiras impressões que retiraram do vídeo; sobre quais as mensagens que ele passa; se concordam com as mesmas; se realmente observam este ciclo em alguma obra que tenham já lido e até mesmo na sua vida.

É esperado que os alunos identifiquem que aquilo que faz parte de um herói está presente em todos nós; que todos temos a capacidade de sairmos do nosso meio de conforto; tendo só que ter a coragem para arriscar; que o modelo literário da Antiguidade Clássica tem repercussões ainda nos dias de hoje e que é esse modelo que observamos em cada figura heroica com que nos deparamos e, no fundo, com o interior de cada um de nós. Prevê-se para esta atividade **dez minutos**.

Nos **cinco minutos** finais da aula, a professora pedirá que cada um redija uma expressão escrita onde os alunos se comprometam a ser heróis, ao alcançar/ ultrapassar uma meta que eles ambicionem.

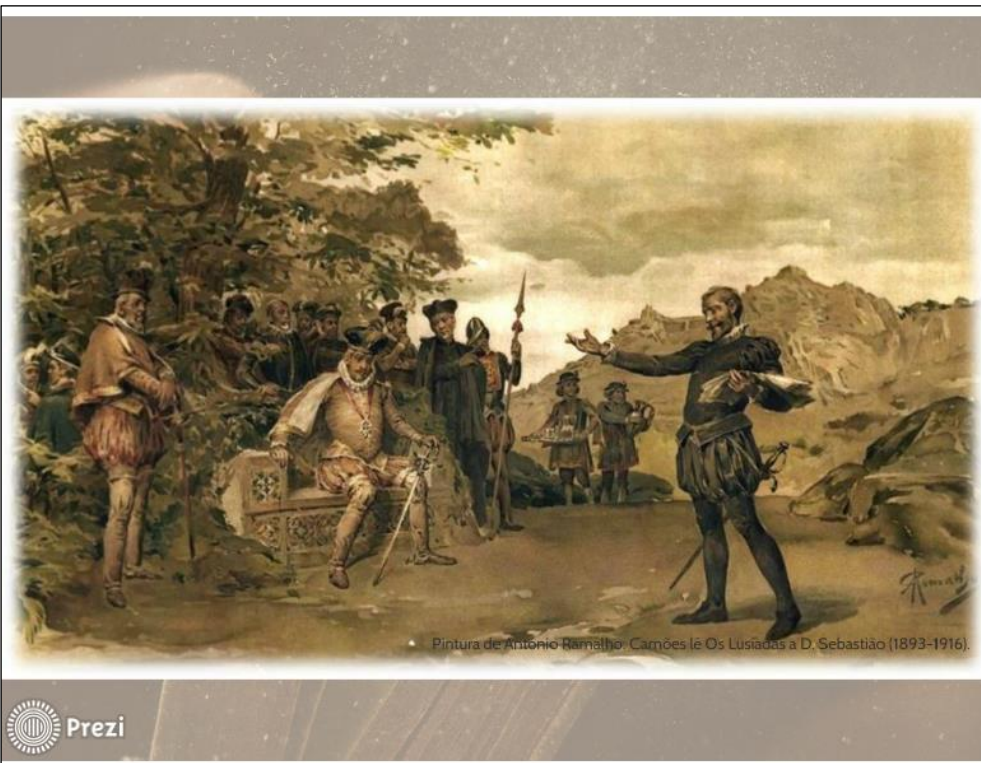
Apresentação em Prezi<sup>16</sup>:

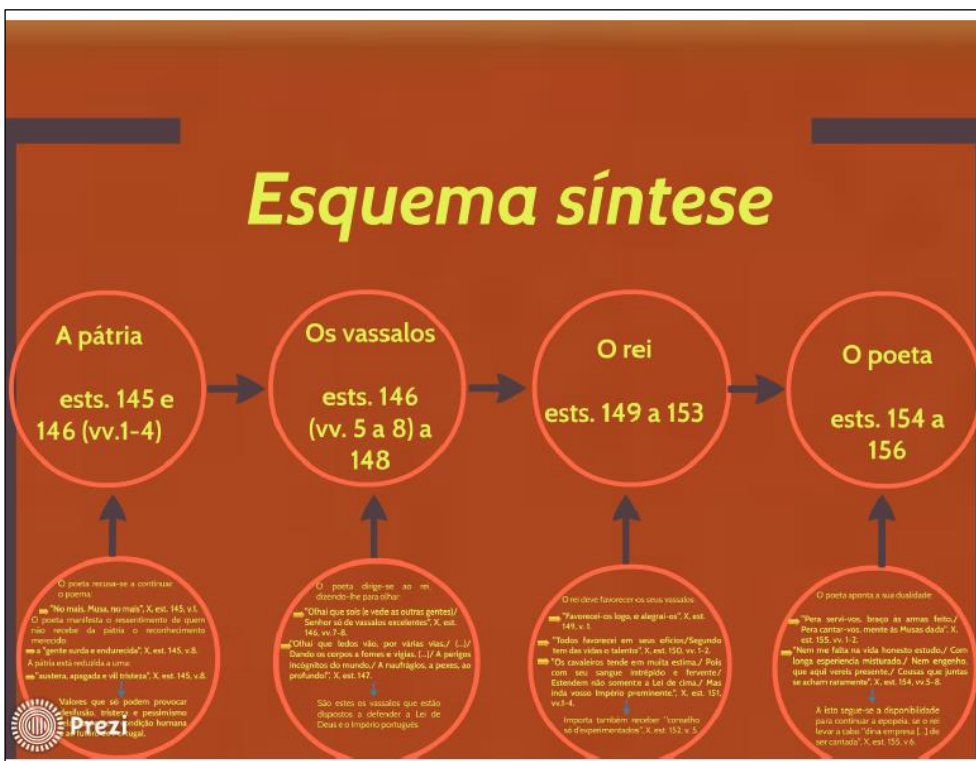


<sup>16</sup> Link do vídeo utilizado em aula: <https://www.youtube.com/watch?v=Hhk4N9A0oCA>. Na aula foi apresentada uma versão do vídeo legendado.

(...)  
" Chamar-te génio é justo, mas é pouco.  
Chamar-te herói, é dar-te um só poder.  
Poeta dum império que louco,  
Foste louco a cantar e louco a combater.  
Sirva, pois, de poema este respeito  
Que te devo e professo,  
Única nau do sonho insatisfeito  
Que não teve regresso!"

Miguel Torga, *Poemas Ibéricos*, 2.ª edição  
Coimbra, 1982.







# A pátria

ests. 145 e  
146 (vv.1-4)



O poeta recusa-se a continuar o poema:

⇒ "No mais, Musa, no mais", X, est. 145, v.1.

O poeta manifesta o ressentimento de quem não recebe da pátria o reconhecimento merecido:

⇒ a "gente surda e endurecida", X, est. 145, v.8.

A pátria está reduzida a uma:

⇒ "austera, apagada e vil tristeza", X, est. 145, v.8.

↓  
Valores que só podem provocar  
desilusão, tristeza e pessimismo  
relativamente à condição humana  
e ao futuro de Portugal.



# Os vassallos

ests. 146  
(vv. 5 a 8) a  
148



O poeta dirige-se ao rei,  
dizendo-lhe para olhar:

⇒ "Olhai que sois (e vede as outras gentes)/  
Senhor só de vassallos excelentes", X, est.  
146, vv.7-8.

⇒ "Olhai que ledos vão, por várias vias,/ (...)/  
Dando os corpos a fomes e vigias, (...)/ A perigos  
incógnitos do mundo,/ A naufrágios, a pexes, ao  
profundo!", X, est. 147.



São estes os vassallos que estão  
dispostos a defender a Lei de  
Deus e o Império português



# O rei

ests. 149 a 153



O rei deve favorecer os seus vassallos:

⇒ "Favorecei-os logo, e alegrai-os", X, est. 149, v. 1.

⇒ "Todos favorecei em seus officios/Segundo tem das vidas o talento", X, est. 150, vv. 1-2.

⇒ "Os cavaleiros tende em muita estima,/ Pois com seu sangue intrépido e fervente/ Estendem não somente a Lei de cima,/ Mas inda vosso Império preminente.", X, est. 151, vv.1-4.

↓  
Importa também receber "conselho só d'experimentados", X, est. 152, v. 5.





# O poeta

## ests. 154 a 156



O poeta aponta a sua dualidade:


- ⇒ "Pera servi-vos, braço às armas feito,/ Pera cantar-vos, mente às Musas dada", X, est. 155, vv. 1-2.
- ⇒ "Nem me falta na vida honesto estudo,/ Com longa esperiencia misturado,/ Nem engenho, que aqui vereis presente,/ Cousas que juntas se acham raramente", X, est. 154, vv.5-8.

↓  
A isto segue-se a disponibilidade para continuar a epopeia, se o rei levar a cabo "dina empresa [...] de ser cantada", X, est. 155, v.6.



W

## De que é feito um herói?



YouTube

**Trabalho de casa**

"Na caverna em que tens medo de entrar, jaz o tesouro que procuras".

Com base na citação de Joseph Campbell, inserida no vídeo que acabaste de ver, redige um texto onde, tal como Camões, descrevas uma jornada futura na qual assumas o papel de herói.

Entrega: 02/06/2016

Prezi

## Trabalho de casa

"Na caverna em que tens medo de entrar, jaz o tesouro que procuras".

Com base na citação de Joseph Campbell, inserida no vídeo que acabaste de ver, redige um texto onde, tal como Camões, descrevas uma jornada futura na qual assumas o papel de herói.

Entrega: 02/06/2016

Prezi

Apêndice XII – 1.ª atividade de compreensão de Latim: roteiro de aula e recursos utilizados

## Roteiro de aula

Aula iniciar-se-á após a docente saudar os presentes.

Em seguida, entrará um aluno na sala que trará consigo uma notícia importante para os colegas. Esse aluno, selecionado antecipadamente, terá já preparado a leitura que será acompanhada, em silêncio pelos colegas, com a sua projeção no quadro, prevendo-se para esta atividade **cinco minutos**.

Essa notícia será traduzida no quadro, com orientação da professora, e dar-se-á início ao estudo do episódio da História Romana, O Saque Gaulês a Roma, com duração aproximada de **cinco minutos**.

Para isso, começar-se-á por questionar os alunos sobre o conhecimento deste episódio e avançar-se-á com hipóteses interpretativas da notícia dada. Haverá também lugar para um comentário oral sobre a importância dos gansos naquele episódio específico e o contexto histórico que estava a ser vivido na altura por Roma.

Em seguida, lecionar-se-á o episódio, com recurso ao *Prezi*, criando uma estreita ligação com os conteúdos ministrados na aula anterior. Para isso, cada aluno irá ler um excerto do episódio que irá sendo comentado oralmente pela professora. Prevê-se para esta atividade a duração de **dez minutos**.

Posteriormente, os alunos, escolhidos aleatoriamente, irão ler uma fala do texto que simula o comentário à notícia, precedida da leitura da professora e com a projeção da praça pública do Capitólio. Finda a leitura será realizada uma ficha formativa, no seguimento do texto, que privilegia uma análise gramatical e a tradução do mesmo, prevendo para esta atividade uma duração de **trinta minutos**.

Partir-se-á do texto para dar início ao estudo da terceira declinação. Para esse efeito, selecionar-se-á o vocábulo *anseres* e partir-se-á para a sua enunciação, *anser*, *anseris*, de modo a ressaltar a construção particular desta declinação. Assim, notar-se-á que o número de sílabas no nominativo é diferente do número de sílabas do genitivo e, portanto, esta palavra fará parte integrante das palavras de tema em consoante, imparissilábicas.

A professora fará a declinação do vocábulo no quadro, na íntegra, explicando os seus elementos, fará uma primeira leitura modelar e pedirá a um aluno leia.

Após esse exercício, será apresentada uma síntese, com recurso ao *Prezi*, das palavras imparissilábicas da terceira declinação, prevendo para o total desta atividade **vinte minutos**.

A aula terminará com a elaboração de uma ficha respeitante à terceira declinação a ser terminada em casa. Prevê-se para esta atividade **vinte minutos**.

Materiais utilizados em aulas anteriores que foram recuperados para contextualizar a atividade n.º 1:

Música *hero of war* – Rise Against (<https://www.youtube.com/watch?v=DboMAghWcA> (consultado a: 30/07/016))

### Hero Of War

He said: Son  
Have you seen the world?  
Well, what would you say  
If I said that you could?  
Just carry this gun and you'll even get paid. "  
I said, "That sounds pretty good. "  
Black leather boots  
Spit-shined so bright  
They cut off my hair but it looked alright  
We marched and we sang  
We all became friends  
As we learned how to fight  
A hero of war  
Yeah that's what I'll be  
And when I come home  
They'll be damn proud of me  
I'll carry this flag  
To the grave if I must  
Because it's flag that I love  
And a flag that I trust  
I kicked in the door  
I yelled my commands  
The children, they cried  
But I got my man  
We took him away  
A bag over his face  
From his family and his friends  
They took off his clothes  
They pissed in his hands  
I told them to stop  
But then I joined in  
We beat him with guns  
And batons not just once  
But again and again  
A hero of war  
Is that what they see?  
Just medals and scars  
So damn proud of me  
And I brought home that flag  
Now it gathers dust  
But it's a flag that I love  
It's the only flag I trust

### Herói de guerra

Ele disse: "Filho  
Já viste o mundo?  
Bem, o que dirias  
se eu te dissesse que poderias?  
Basta carregar esta arma, e tu ainda serás pago. "  
Eu disse: "Isso soa muito bem. "

Botas de couro preto  
Polidas, tão brilhante  
Eles cortaram o meu cabelo, mas parecia bem  
Nós marchamos e cantamos  
Todos nós nos tornamos amigos  
À medida que aprendemos a lutar

Um herói de guerra  
Sim, isso é o que eu vou ser  
E quando chegar a casa  
Eles vão estar orgulhosos de mim  
Vou levar esta bandeira  
Para o túmulo se for preciso  
Porque é uma bandeira que eu amo  
E uma bandeira em que eu confio

Eu dei pontapés na porta  
Eu gritei as minhas ordens  
As crianças, elas choravam  
Mas tinha apanhado o inimigo  
Nós levamo-los daqui  
Com um saco nos rostos  
Tiramo-los das suas famílias e amigos

Eles arrancaram as suas roupas  
Eles urinaram nas suas mãos  
Eu disse para pararem  
Mas depois juntei-me  
Nós batemos-lhes com as armas  
e os bastões, não apenas uma vez  
Mas outra e outra vez

Um herói de guerra  
É isso que todos veem?  
Apenas medalhas e cicatrizes  
Todos orgulhosos de mim  
E eu trouxe para casa esta bandeira  
Agora ela só junta pó  
Mas é uma bandeira que eu amo  
É a única bandeira em que confio

Ele disse, "Filho, viste o mundo?"

Poema de Fernando Pessoa, “Menino de sua mãe”

No plaino abandonado  
Que a morna brisa aquece,  
De balas trespassado  
— Duas, de lado a lado —,  
Jaz morto e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.  
De braços estendidos,  
Alvo, louro, exangue,  
Fita com olhar languê  
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era!  
(Agora que idade tem?)  
Filho único, a mãe lhe dera  
Um nome e o mantivera:  
«O menino da sua mãe».

Caiu-lhe da algibeira  
A cigareira breve.  
Dera-lha a mãe. Está inteira  
E boa a cigareira.  
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada  
Ponta a roçar o solo,  
A brancura embainhada  
De um lenço... Deu-lho a criada  
Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:  
«Que volte cedo, e bem!»  
(Malhas que o império tece!)  
Jaz morto, e apodrece,  
O menino da sua mãe.



Apparatus and Hand, Salvador  
Dali. 1927



Notícia em latim:

Data: 03.02.2016 às 23h02

Talibãs necant Wasil, paruum heroem<sup>1</sup>, qui<sup>2</sup> pugnabat apud militiam<sup>3</sup> Afegão. Wasil habebat decem annos, vindicabat patris<sup>4</sup> mortem<sup>5</sup>.



Notícia adaptada pela professora estagiária, 2016.

Disponível em:  
<http://expresso.sapo.pt/internacional/2016-02-03-De-heroi-afegao-a-vitima-dos-Talibas.-Wasil-tinha-10-anos>  
(consultada a 12.02.2016)

<sup>1</sup> *heroem* (ac.) ‘herói’

<sup>2</sup> *qui* (pron. rel.) ‘que’

<sup>3</sup> *militia, ae* ‘serviço militar’

<sup>4</sup> *patris* (gen.) ‘pai’

<sup>5</sup> *mortem* (ac.) ‘morte’

Trecho da banda desenhada de Asterix e Obelix:



1) Associa as frases em português às falas das personagens apresentadas nos balões.



GOSCINNY, *Asterix Ier Gallicum*, 1991.





- a) Se não te vou ajudar, nunca mais!
- b) Acorrenta-os!
- c) Aqui!
- d) Bem! Faz tão rápido e bem ao meu amigo também. Estamos a perder tempo!
- e) Eu não sou gordo!
- f) Já não prefiro isto!
- g) E, terminada a ordem, eu estou exausto, centurião!
- h) Quem é o gordo?
- i) Onde está o martelo?
- j) Está terminado!
- k) E agora o outro.
- l) O...Obri...Obrigado!
- m) Move-te mais rápido, peço!
- n) Deixa de tremer! Tremendo nunca me atarás!
- o) Um pouco mais tarde...
- p) É verdade: não sou nada magro!
- q) É um prazer!
- r) É para já, centurião, eu te saúdo!
- s) Trata com igualdade ou então destruirei o conselho!

Recursos utilizados na aula em questão:

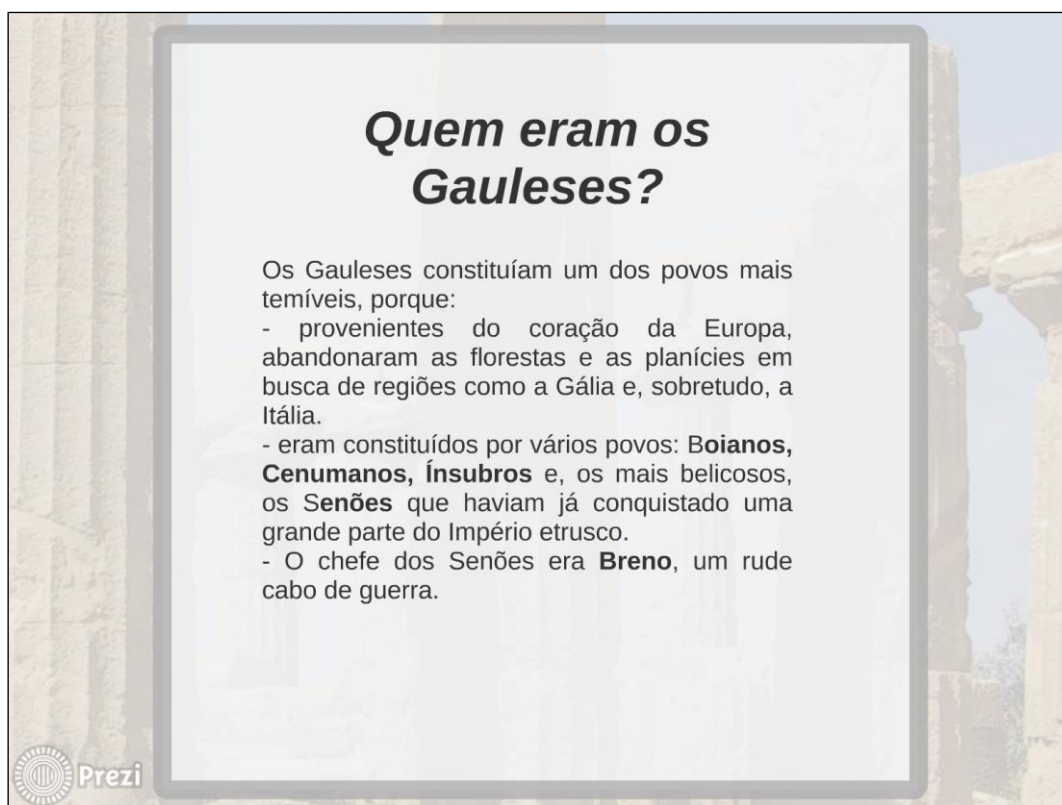
Cenário à representação do aluno e ao diálogo aquando da leitura do texto latino:



Notícia:

*ANSERES SALUUNT CAPITOLIUM EX IMPETU  
GALLORUM.*


Apresentação em *Prezi*: O saque Gaulês ao Capitólio



**Quem eram os Gauleses?**

Os Gauleses constituíam um dos povos mais temíveis, porque:

- provenientes do coração da Europa, abandonaram as florestas e as planícies em busca de regiões como a Gália e, sobretudo, a Itália.
- eram constituídos por vários povos: **Boianos**, **Cenumanos**, **Ínsubros** e, os mais belicosos, os **Senões** que haviam já conquistado uma grande parte do Império etrusco.
- O chefe dos Senões era **Breno**, um rude cabo de guerra.

 Prezi

## Os Gauleses saqueiam Roma

"A NOITE CATU, PESADA DE SILÊNCIO.

O CÉU, SEM UMA ESTRELA, PARECIA  
POISAR NA TERRA. OS GAULESES, DE PÉS  
DESCALÇOS, PUNHAL ENTRE OS DENTES,  
TREPAVAM PELA COLINA COM UMA  
LIGEIREZA DE ANIMAL. CAMINHAVAM  
DE RASTOS, CONFUNDIDOS COM O  
ROCHEDO.

UM DELES JÁ ESTAVA A CHEGAR À  
FORTALEZA E COMEÇAVA A SUBIR ATÉ À  
MURALHA. TODA A GENTE DORMIA NO  
CAPITÓLIO. (...)

OS CÃES DORMIAM, COM O  
FOCINHO ENTRE AS PATAS. MAS

OS GANSOS, CONSAGRADOS A  
JUNO, PRESENTIRAM QUE SE  
PASSAVA QUALQUER COISA DE  
ANORMAL E PUSERAM-SE A  
LANÇAR GRITOS DISSONANTES E A  
BATER FURIOSAMENTE AS ASAS.



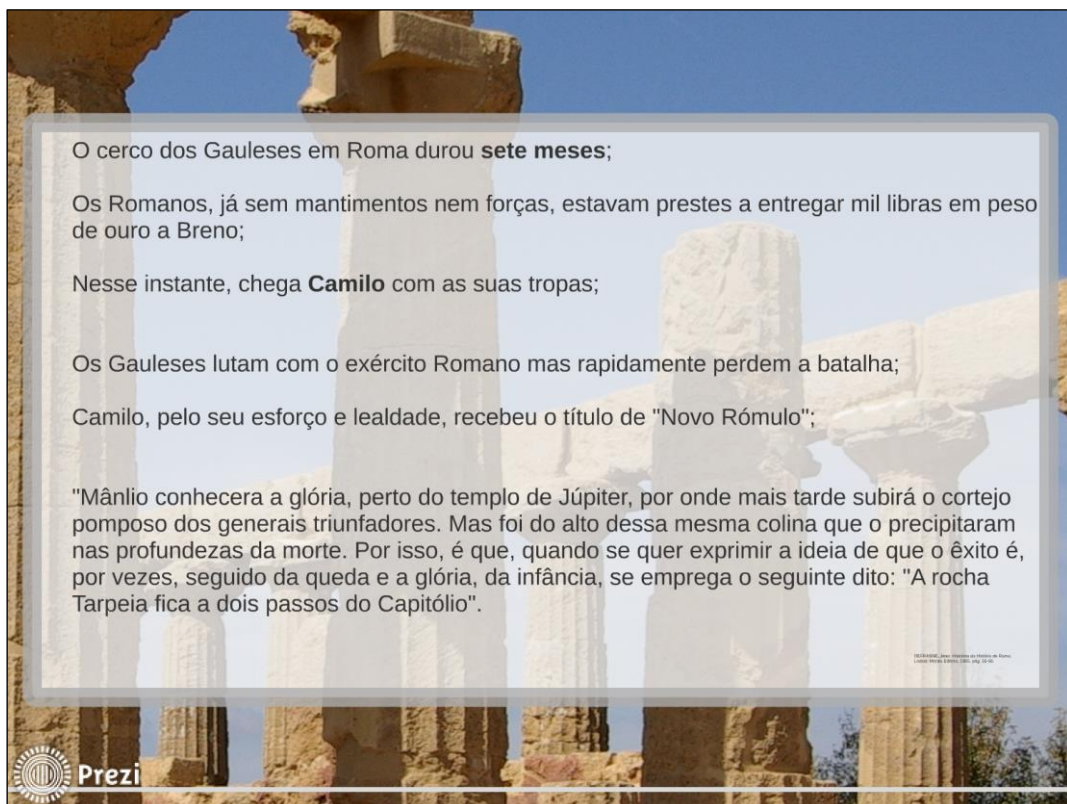
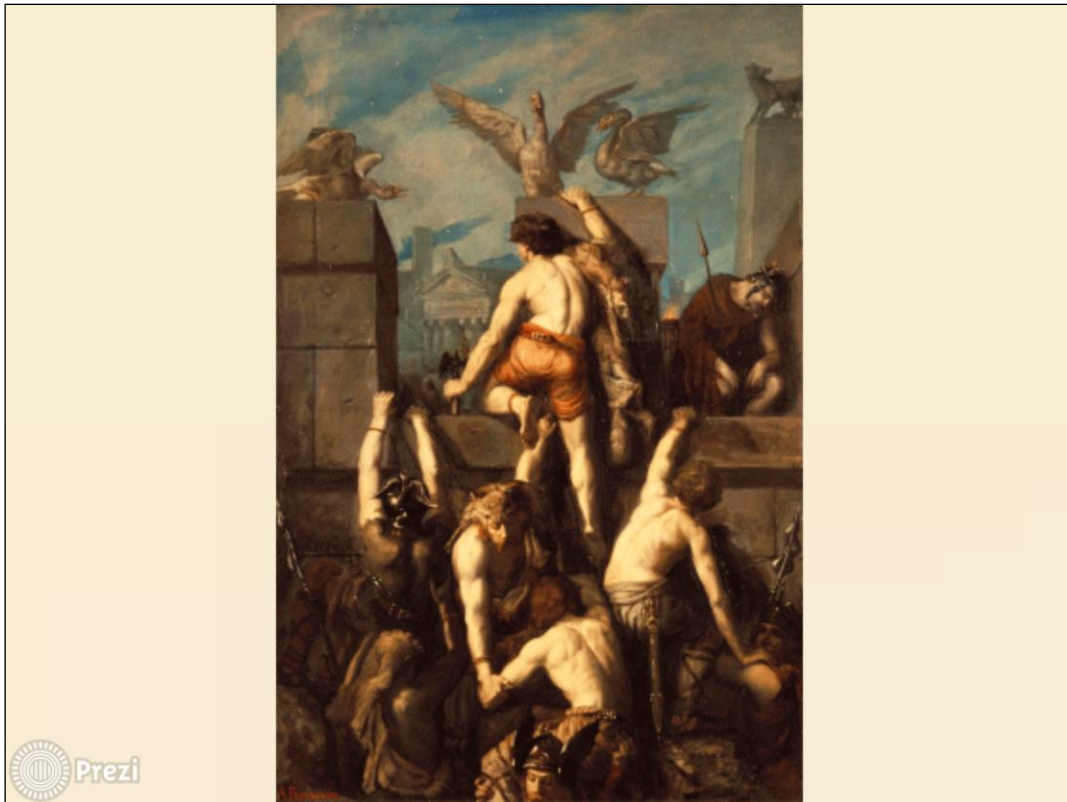
UM ROMANO, DE ORIGEM HUMILDE, CHAMADO  
MÂNLIO, ACORDOU EM SOBRESSALTO, DEU UM  
PULO A TEMPO DE PEGAR NAS ARMAS E CORREU  
ATÉ À MURALHA. (...)

DERAM-LHE O COGNOME, ALIÁS BEM MERECIDO,  
DE "CAPITOLINO". OS GANSOS SAGRADOS, QUE  
TINHAM DADO O ALARME, VIRAM-SE  
HONRADOS, EM SINAL DE RECONHECIMENTO.  
QUANTO AOS CÃES, MATARAM-NOS TODOS E  
COMERAM-NOS; E TIRARAM, ASSIM, MAIOR  
PROVEITO DA CARNE DO QUE DO FARO DESSES  
ANIMAIS".

DESTACADO. João. História da História de Roma.  
Língua: Nova Editora, 1995, pag. 55-56.







O cerco dos Gauleses em Roma durou **sete meses**;

Os Romanos, já sem mantimentos nem forças, estavam prestes a entregar mil libras em peso de ouro a Breno;

Nesse instante, chega **Camilo** com as suas tropas;

Os Gauleses lutam com o exército Romano mas rapidamente perdem a batalha;

Camilo, pelo seu esforço e lealdade, recebeu o título de "Novo Rômulo";

"Mânlio conheceu a glória, perto do templo de Júpiter, por onde mais tarde subirá o cortejo pomposo dos generais triunfadores. Mas foi do alto dessa mesma colina que o precipitaram nas profundezas da morte. Por isso, é que, quando se quer exprimir a ideia de que o êxito é, por vezes, seguido da queda e a glória, da infância, se emprega o seguinte dito: "A rocha Tarpeia fica a dois passos do Capitólio".

12/12/2010, Uma Introdução ao Prezi em Roma - Livro de Arte - 2010, pag. 12-16



Ficha de trabalho

26/02/2016

Latim 10ºA

Nome do aluno: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

Lê expressivamente o texto e responde aos itens que se seguem.

### *Textus*

1. **Antonius:** *Nox<sup>1</sup> atra<sup>2</sup> erat. In loco<sup>3</sup> populi, nuntius<sup>4</sup> nouam<sup>5</sup> rem<sup>6</sup> narrauit: in profundo silentio, Galli Capitolium<sup>7</sup> oppugnauerunt. Canes<sup>8</sup> nihil senserunt<sup>9</sup> dum<sup>10</sup> Galli<sup>11</sup> ad Capitolium ascendebant<sup>12</sup>.*

2. **Marcus:** *Anseres<sup>13</sup>, autem, sacri<sup>14</sup> Iunoni<sup>15</sup>, crocitant<sup>16</sup> et Manliu,<sup>17</sup> suscitant<sup>18</sup>; is<sup>19</sup> arma celeriter<sup>19</sup> cepit<sup>20</sup>, impetum contra<sup>21</sup> Gallos solus<sup>22</sup> fecit<sup>23</sup>; interim amici sui, perturbati<sup>24</sup> causa soni<sup>25</sup>, adiuuauerunt Manlium et, iuncti<sup>26</sup>, vicerunt Gallos.*

3. **Rosa:** *Anseres sacri sunt!*

4. **Julius:** *Tamen, Romani captiui<sup>27</sup> per<sup>28</sup> septem menses<sup>29</sup> fuerunt, canes puniuerunt<sup>30</sup> et in cibum eos uerterunt<sup>31</sup>.*

5. **Antonius:** *Et Manlius?*

6. **Julius:** *Manlius, uir gratia belli egregius<sup>32</sup>, in futurum<sup>33</sup> Capitolinum erit.*

Texto elaborado pela professora estagiária, 2016.

**Glossarium:**

<sup>1</sup> <i>nox</i> (nom. sing.) ‘noite’	<sup>2</sup> <i>atra</i> ‘escura’
<sup>3</sup> <i>locus, i</i> ‘recinto’	<sup>4</sup> <i>nuntius, ii</i> ‘aquele que anuncia, mensageiro’
<sup>5</sup> <i>novum, i</i> ‘novidade’, ‘coisa nova’	<sup>6</sup> <i>rem</i> ‘coisa’
<sup>7</sup> <i>senserunt</i> (v.) ‘sentiram’	<sup>8</sup> <i>dum</i> (conj.) ‘enquanto, durante o tempo que’
<sup>9</sup> <i>Capitolium, ii</i> ‘o Capitólio’	<sup>10</sup> <i>canes</i> (nom. pl.) ‘cão’
<sup>11</sup> <i>Galli, orum</i> ‘Gauleses’	<sup>12</sup> <i>ascendo, is, ere, ascendi, ascensum</i> ‘subir’
<sup>13</sup> <i>anser, eris</i> ‘pato, ganso’	<sup>14</sup> <i>sacer, sacra, sacrum</i> ‘consagrado a uma divindade’, ‘sagrado’
<sup>15</sup> <i>Iuoni</i> ‘Juno’	<sup>16</sup> <i>crocito, as, are</i> ‘crocitar’, ‘grasnar’
<sup>19</sup> <i>is</i> (pronome demonstrativo, nominativo singular) ‘este’	
<sup>17</sup> <i>Manlius, ii</i> ‘Mânlio’	<sup>18</sup> <i>suscito, as, are</i> ‘despertar’
<sup>19</sup> <i>celeriter</i> ‘prontamente’	<sup>20</sup> <i>capio, is, ere, cepi, captum</i> ‘tomar, apanhar, agarrar’
<sup>21</sup> <i>contra</i> (prep.) ‘contra’	
<sup>22</sup> <i>solus, a, um</i> ‘só, único’	<sup>23</sup> <i>impetum fecit (facere)</i> + ac. ‘atacou’
<sup>23</sup> <i>pertubatus, a, um</i> ‘perturbado’	<sup>25</sup> <i>sonus, i</i> ‘som, ruído’
<sup>25</sup> <i>iuncti</i> (adv.) ‘juntos’	<sup>27</sup> <i>captiuus, a, um</i> ‘cativo’ ‘cercado’
<sup>26</sup> <i>per</i> + ac. ‘durante’	<sup>29</sup> <i>menses</i> ‘meses’
<sup>20</sup> <i>punio, is, ire, ivi, itum</i> ‘punir, castigar’	<sup>31</sup> <i>uerto, is, ere, verti, versum</i> ‘voltar, virar’
<sup>32</sup> <i>egregius, a, um</i> ‘escolhido’. ‘distinto, notável’	<sup>33</sup> <i>futurus, a, um</i> ‘futuro’

**Grupo I**

**1. Identifica o caso e a função sintática dos seguintes vocábulos:**

- a. profundo silentio (l.1)
- b. Capitolium (l.1)
- c. perturbati (l.2)

**2. Considera a forma verbal *narravit* (l.1).**

- a. Indica tempo, modo, pessoa e número em que se encontra.
  
  
- b. Transcreve o seu sujeito.

**Grupo II**

**1. Traduz o texto.**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Grupo III**

**1. Passa para latim as seguintes frases:**

- a. Breno<sup>1</sup>, Gaulês<sup>2</sup> malvado, provocara<sup>3</sup> os Romanos.
  
- b. No Capitólio, Mânlio ficou célebre.

**Glossário:**

<sup>1</sup> *Brennus, i*

<sup>2</sup> *Gallus, i*

<sup>3</sup> *pouoco, as, are, aui, atum*

☺ Bona Fortuna!!!



Apêndice XIII – 2.ª atividade de compreensão de Latim: roteiro de aula e recursos utilizados

## Roteiro de aula

A professora iniciará a aula cumprimentando todos os discentes.

Em seguida, questioná-los-á sobre o conteúdo lecionado na aula anterior. Neste momento espera-se que os alunos recordem a abordagem feita à importância dos deuses para os romanos que procuravam conhecer as suas vontades e, assim, obter os seus favores; que, no caso de Pompeios, a erupção vulcânica se deu precisamente por vontade dos deuses, provando a existência de um poder superior ao do Império Romano e, acima de tudo, que recordem a casa Romana, as suas divisões e, em concreto, a *domus* Romana e o seu *lararium*. Prevê-se para esta atividade a duração de **cinco minutos**.

Um segundo momento da aula prevê a recuperação do local escolhido para o culto doméstico, o *lararium*, a forma como esse culto era feito na altura e a atualidade do culto privado, prevendo-se a duração de **cinco minutos**.

Posteriormente, projetar-se-á um *prezi* com informação detalhada acerca do culto doméstico, seguido da explicação oral do mesmo, realizada pela docente. Neste momento a professora caracterizará oralmente cada um dos deuses e mencionará os rituais subjacentes aos mesmos, bem como pequenas curiosidades. Para esta atividade destinar-se-ão **quinze minutos**.

Finalizada a exposição do conteúdo, partir-se-á para a leitura do texto latino, realizada pela professora e repetida por alunos aleatoriamente selecionados, por parágrafo. Esta atividade terá a duração de **cinco minutos**.

Num quinto momento resolver-se-á a ficha subjacente ao texto latino, que compreende exercícios de compreensão textual, análise sintática, tradução e um exercício que servirá de mote para a leção do conteúdo gramatical – a transformação passiva. Destina-se para a resolução da ficha **vinte minutos**.

A resolução do exercício da ficha será acompanhada pela explicação, no quadro, das alterações efetuadas na passagem de uma frase ativa para uma frase passiva, primeiro em português e, depois, em latim, destinando para a atividade **dez minutos**.

Nesta atividade colocar-se-á a frase em latim, no quadro, seguida da sua tradução, transformação passiva em português e, posteriormente a tradução da frase para latim novamente. De modo a construir uma aprendizagem indutiva, o aluno construirá a frase por si, com o auxílio da professora. No outro quadro, uma nova frase será escrita (“*Flammae domum delent*”) e o mesmo processo será feito.

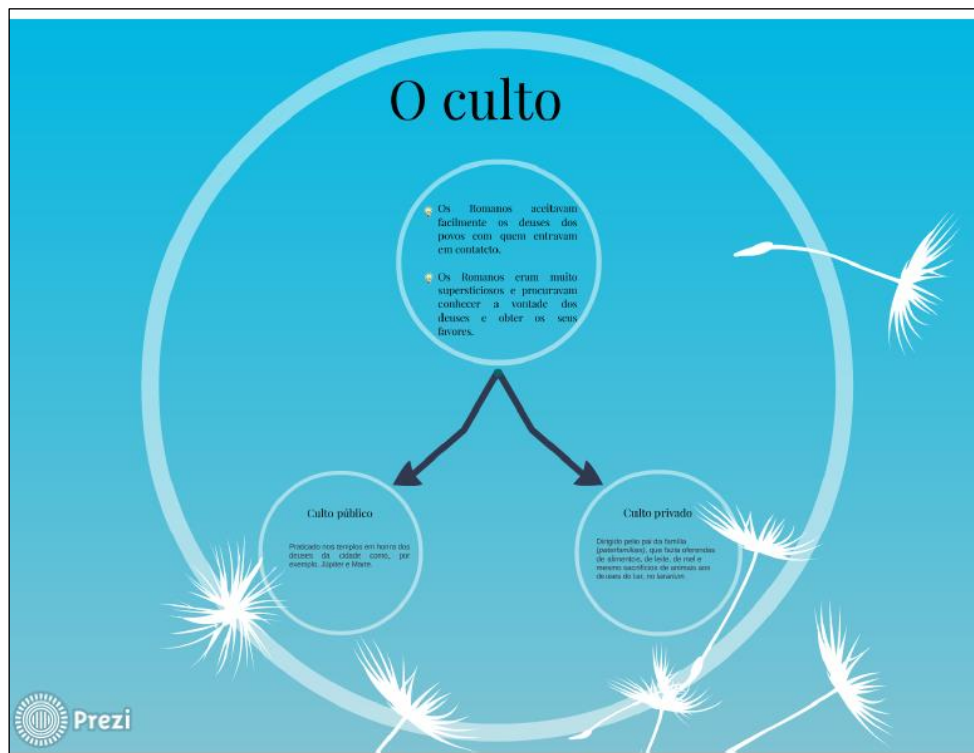
Pretende-se que o aluno verifique a existência de um agente da passiva que poderá constar frase, no caso de se tratar de seres animados ou não.

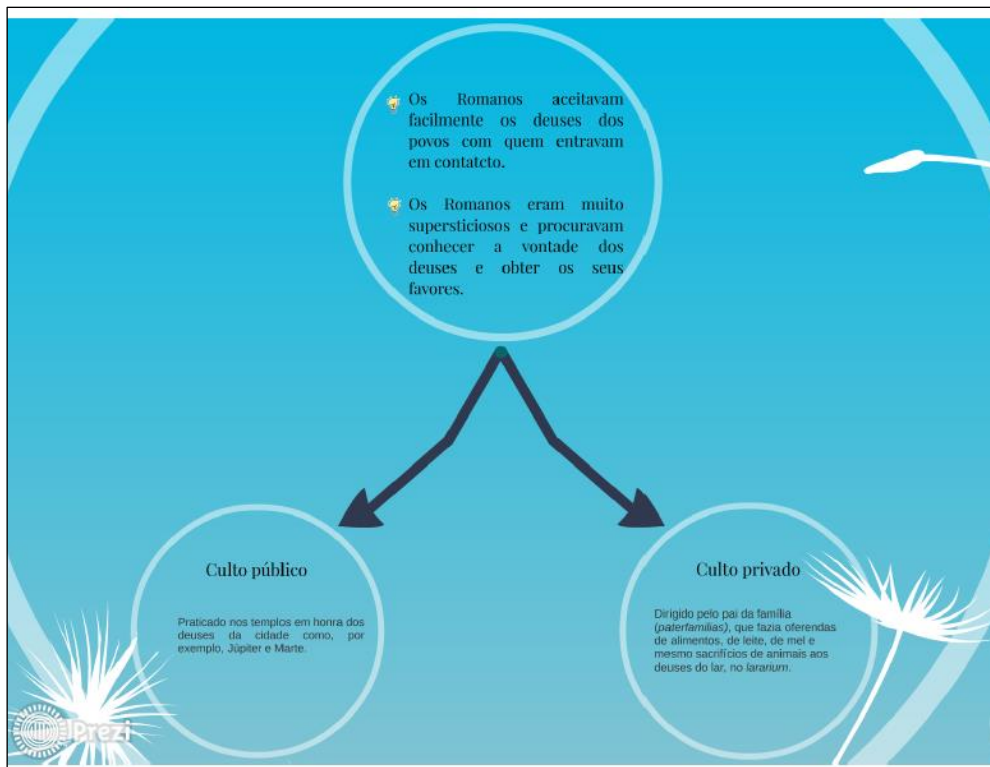
De seguida, a docente auxiliar-se-á de um *PowerPoint* para a explicitação e clarificação das desinências da voz ativa no que às formas verbais diz respeito. Para esta atividade prevê-se a duração de **dez minutos**.

Posteriormente, e caso não existam dúvidas do abordado até então, proceder-se-á a resolução de uma ficha que contempla vários exercícios com a finalidade de praticar o novo conteúdo gramatical adquirido, destinando para a sua resolução e correção **quinze minutos**.

Nos últimos **cinco minutos** de aula, a professora distribuirá um excerto da fala da personagem Lar, da Comédia da Marmita, de Plauto, que será lida e comentada em conjunto com a turma. A sua leitura será acompanhada de diversas questões, entre elas, a função dos deuses Lares e o culto que lhes era prestado e, ainda, a forma como o Homem Romano acreditava na importância do culto.

## Apresentação em Prezi: O culto privado

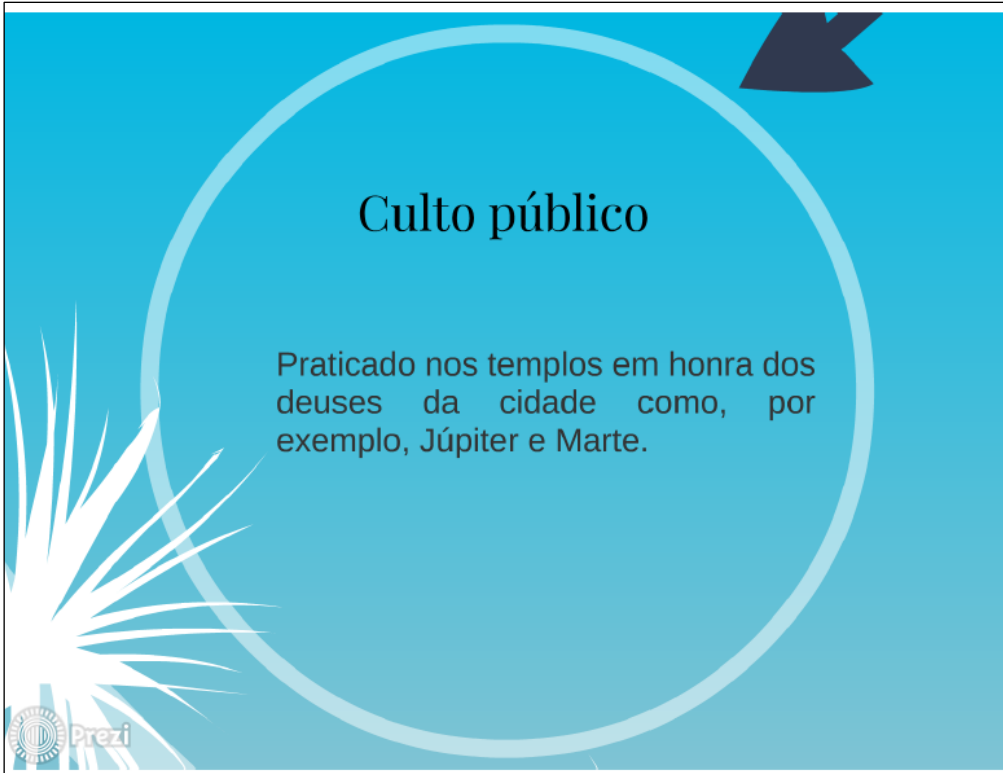




Os Romanos aceitavam facilmente os deuses dos povos com quem entravam em contato.

Os Romanos eram muito supersticiosos e procuravam conhecer a vontade dos deuses e obter os seus favores.

Prezi

A Prezi presentation slide with a blue background. A large, light blue circle is centered on the slide. In the top right corner, there is a dark blue arrow pointing towards the center. In the bottom left corner, there is a white decorative graphic of a plant with long, thin leaves. The Prezi logo is visible in the bottom left corner.

## Culto público

Praticado nos templos em honra dos deuses da cidade como, por exemplo, Júpiter e Marte.

A Prezi presentation slide with a blue background. A large, light blue circle is centered on the slide. In the top left corner, there is a dark blue arrow pointing towards the center. In the bottom right corner, there is a white decorative graphic of a plant with long, thin leaves. The Prezi logo is visible in the bottom left corner.

## Culto privado

Dirigido pelo pai da família (*paterfamilias*), que fazia oferendas de alimentos, de leite, de mel e mesmo sacrifícios de animais aos deuses do lar, no *lararium*.

# Deuses domésticos

## Manes

"Nem os antepassados da família se mantinham encerrados nos túmulos; em certos dias do ano, abandonavam-nos. As portas do inferno abriam-se e os vivos apaziguavam esses *manes*."

GRIMAL, Pierre, A civilização Romana. Edições 70, Lisboa, 2009. P. 73



## Lar

- ✦ Na origem, o único protetor da família, no sentido romano;
- ✦ A sua ação benéfica extinguia-se quando o Fogo se apagava ou a família emigrava;
- ✦ Associado também às encruzilhadas, são representados como dois jovens, vestidos com uma túnica, a dançar.





## Oração aos deuses Lares

"Lares, afastai de nós as dificuldades e os perigos e nós vos daremos, em sacrifício, uma porca do nosso curral. (...) Eu prometo decorá-la com bonitas vestes e levar-vos um cesto embelezado com mirto. Espero, assim, poder agradar-vos!"

Tíbulo, *Ele*



### *Penates*

- Do latim *penus, i*, os comestíveis de reserva;
- Eram os deuses tutelares dos mantimentos de reserva da família;
- Toda a profanação da vida familiar era uma ofensa aos Penates.



### *Vesta*

- Deusa do Lar da cidade, o seu culto remonta a tempos muito antigos;
- É, no início, representada pelo fogo, o fogo sagrado mantido aceso pelas Vestais, suas sacerdotisas.

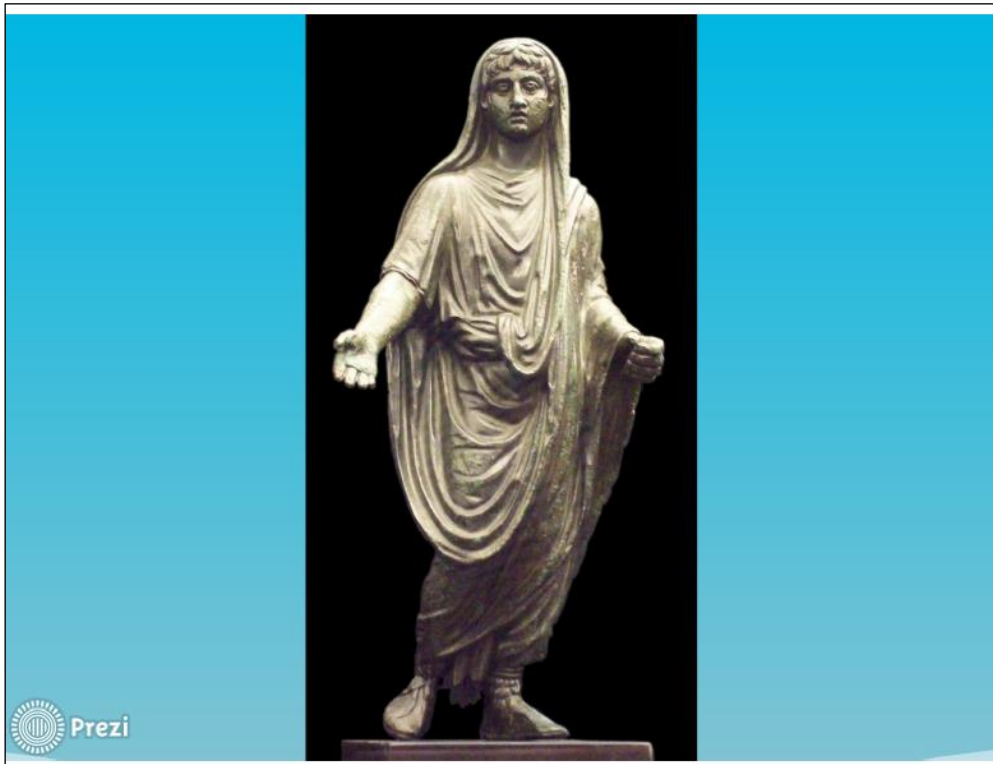


## Genius

Cada casa possuía o seu *genius*, demônio protetor, personificando o divino, cuja presença se suspeita ou receia.

Aparece no meio dos dois *Lares*, e representa o *Genius* do pai de família, o seu poder gerador (gene, gerar);

É representado com a toga, a veste do senador;  
Também pode ser representado sob a forma de uma serpente.






*Genius*

Cada casa possuía o seu *genius*, demónio protetor, personificando o divino, cuja presença se suspeita ou receia.

Aparece no meio dos dois *Lares*, e representa o *Genius* do pai de família, o seu poder gerador (gene, gerar);

É representado com a toga, a veste do senador;  
Também pode ser representado sob a forma de uma serpente.



## Latim 10ºA

Nome: _____ N.º: _____
------------------------

1. *Post multas horas, hodie est interuallum<sup>1</sup> in linguae latinae ludo.*
2. *Magistra summarium facere et discipulos de Romana religione interrogare cupiebat.*
3. *- Petre – magistra interrogat – quid de Romana religione scis<sup>2</sup>?*
4. *- Multa res<sup>3</sup> de Romanorum religione didicimus. Romani multos deos habebant et eos timebant. – respondet Petrus.*
5. *- Bene dixisti, sed quos deos<sup>4</sup> priuato Romani colebant? – responde mihi, Claudia.*
6. *- Dei et deae plurimi erant: Lares et Penates, domestici dei, Vesta, flammae sacrae dea, Manes, maiorum<sup>5</sup> dei...*

MARTINS, Isaltina, *Noua Itinera*, Lisboa, ASA, 2014. P. 229 (com adaptações)

*Glossarium:*

<sup>1</sup> *interuallum, i* ‘intervalo’, ‘distância’

<sup>2</sup> *scis* ‘sabes’

<sup>3</sup> *res* ‘assuntos’, ‘matérias’

<sup>4</sup> *quos deos* ‘que deuses’

<sup>5</sup> *maiorum* ‘dos antepassados’

1. Responde às seguintes questões.
  - a. Quid interrogat magistra discipulos?  
\_\_\_\_\_
  - b. Quos deos priuato Romani colebant?  
\_\_\_\_\_
  - c. Quid uigilabant?

---

---

d. Indica a função sintática de:

a. *Romana religione* (l.2)

b. *plurimi* (l.6)

e. Traduz o texto.

---

---

---

---

---

---

---

f. Repara na seguinte frase:

a. *Romani priuato deos colebant.*

g. Identifica o caso e a função sintática dos elementos seleccionados.

---

☺ *Bona Fortuna!*

**Deuses da casa**  
**O Deus Lar da Família** (personagem):

Escusam de se admirar a perguntar: «quem é?...» Em poucas palavras eu lhes vou dizer. Eu sou o Lar da Família – desta família de onde me viram sair.

Esta casa, há muitos anos já que é meu senhorio e morada: para bem do pai e do avô do fabiano que atualmente aqui reside. Realmente o avô deste tipo é que me fez o pedido e me confiou um tesouro... De ouro, sim, senhor! Às escondidas de todos, no forro da lareira o foi enterrar; e de joelhos me suplicou que lho guardasse só para ele. Nem quando estava para morrer (tal era a esganação daquela alma!...), nem mesmo nessa altura quis revelar o segredo ao filho. Ao próprio filho, vejam lá!.... E preferiu deixá-lo na penúria a mostrar-lhe o esconderijo do tesouro. Isto a um filho, hem!... Um campo – foi o que lhe deixou: uma leira de pouca monta, para ir vivendo dela com trabalho insano, à custa de mil privações.

Quando morreu este fulano que me confiou o ouro, comecei a observar se por acaso o filho me trataria com mais acatamento do que tinha tratado o pai.

Pois a verdade é que ele cada vez menos importância me ligava e cada vez menos homenagens me prestava. Na mesma moeda lhe paguei: que na mesma penúria ele morreu.

Pois o tipo deixou este seu filho – o mesmo que agora aqui habita –, retrato chapado do pai e do avô. O nosso homem tem uma filha, uma apenas. E ela, todos os dias (não falha um), lá está a reverenciar-me com incenso ou com vinho ou com alguma coisa do género; e ainda me oferece grinaldas. Foi em atenção a estas homenagens que eu fiz com que o nosso Euclião descobrisse o tesouro. Assim será mais fácil dar à rapariga em casamento, se o velho estiver pelos ajustes. É que a moça foi violada por um jovem da alta-roda. O jovem sabe quem é a moça que ele violou; mas ela não sabe. E o pai, esse nem sequer sabe que a moça foi violada.

Pois eu vou fazer que este velho de aqui de ao pé da porta lhe peça a moça em casamento. A minha intenção é fazer que o jovem possa, mais facilmente, casar com aquela que violou. Porque o velho que a vai pedir em casamento é o tio, por banda da irmã, do jovem que a desonrou na noite das festas em honra de Ceres.

Mas lá está o velho Euclião, dentro de casa, a levantar o alarido do costume. Vai empurrar a criada velha para a rua, só com medo de ela apurar alguma coisa. Desconfio que quer dar uma vista de olhos ao ouro... Não fosse alguém palmá-lo.

(Plauto, *A comédia da marmita*: vv. 1-39; trad. Walter de Medeiros)

Apêndice XIV – 3.<sup>a</sup> atividade de compreensão de Latim: roteiro de aula e recursos utilizados

## Roteiro de aula

A aula iniciou-se com a retroação dos conteúdos ministrados anteriormente.

Após se fazer referência ao espaço do Anfiteatro como espaço de combate entre escravos, a docente deu a conhecer, através da apresentação em *Prezi*, mais pormenorizadamente, em que consistia a realidade escravagista na Roma Antiga.

Esta atividade teve a duração de trinta minutos.

De seguida, procedeu-se à leitura de um texto que apresentava o glorioso Espártaco e a sua revolta.

A leitura dos alunos foi realizada de forma aleatória e por frase, a mesma seguiu-se à da professora e o momento terminou com a resolução de uma ficha relativamente ao texto com o objetivo de interpretar e analisar o que nele se encontrava expresso.

Nos cinquenta minutos seguintes, deu-se início ao estudo do grau comparativo do adjetivo, de superioridade, igualdade e inferioridade, com a resolução de exercícios alusivos à matéria.

No final da aula, a professora distribuiu um questionário, com vista à sua integração no Relatório de Estágio, alusivo à matéria lecionada, apontando sempre para o espírito crítico do aluno.





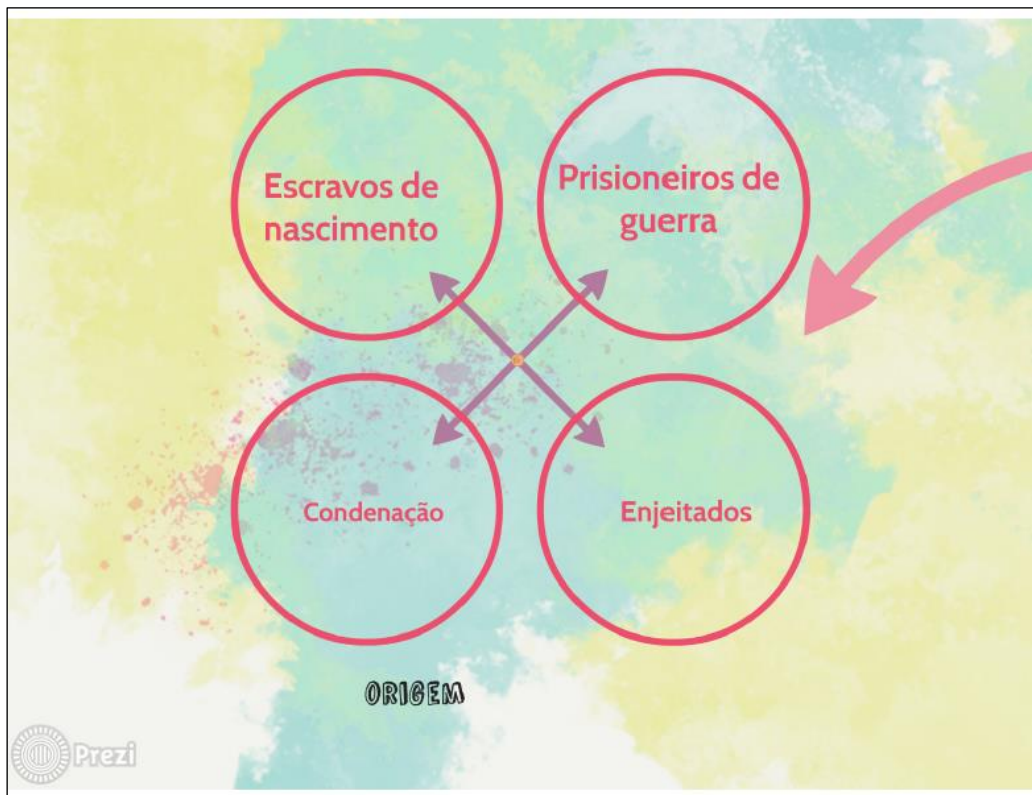
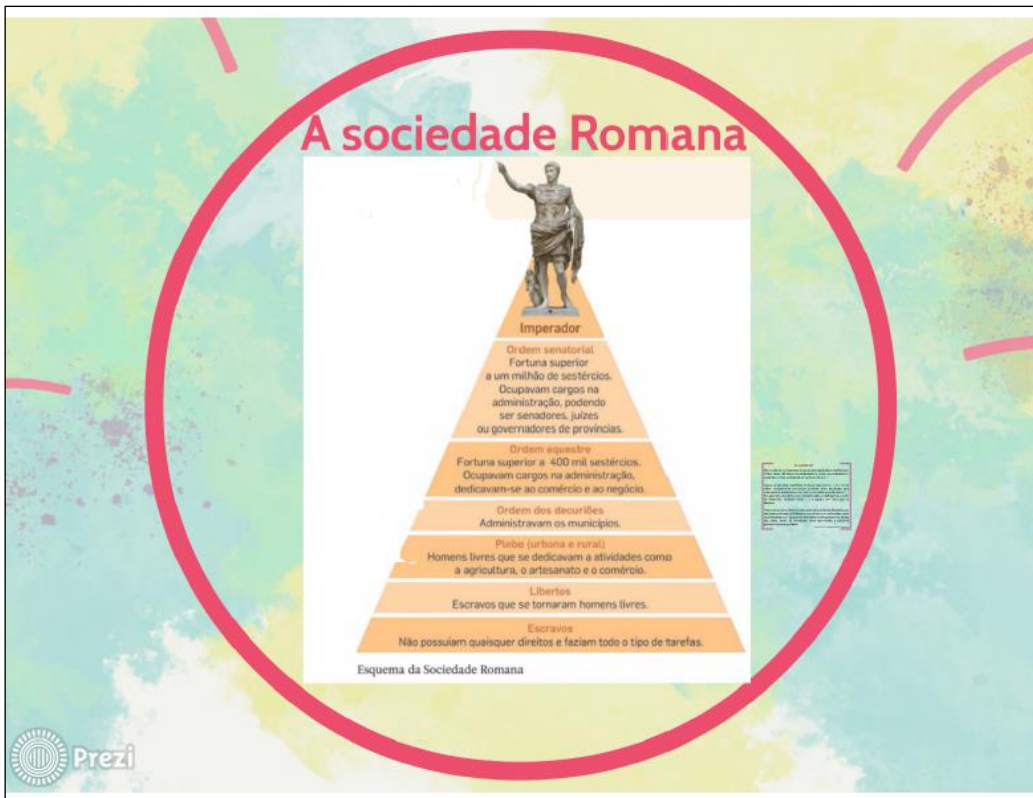
#### OS GLADIADORES

Nem todos os combatentes da arena eram gladiadores profissionais. Muitas vezes, utilizavam-se condenados à morte que enfrentavam, quase sem armas, adversários armados ou feras. (...)

Alguns condenados, escolhidos entre os mais jovens (...), em vez de serem simplesmente conduzidos à morte, eram recrutados para uma escola e submetidos a um treino, tornando-se profissionais. (...) Se, após três anos desta vida, tivessem tido a habilidade ou a sorte de sobreviver, recebiam então (...), a espada sem ferro que os libertava.

Mas o povo não se divertia muito com estas exhibições [daqueles que não eram profissionais]. Preferia os combates mais elaborados, onde os adversários eram igualmente treinados e conhecedores da ciência das armas. Assim, os voluntários eram bem-vindos e tornar-se gladiador era uma profissão.

GRIMAL, Pierre. A Civilização Romana. (adaptado).



## Como atingir a liberdade?

*manumissio censu;*

*manumissio per uindictam;*

*manumissio inter amicos;*

*manumissio per epistulam;*

*manumissio per mensam.*



## Condição infra-humana

Os escravos não eram considerados seres humanos;

O dono tinha sobre eles o direito de vida e de morte;

Eram conduzidos às feiras para serem vendidos, sendo exibidos nus;

Alguns tinham garantia (*titulus*); os outros tinham um boné (*pileus*);

Quando fugiam, eram marcados na testa com um ferro (*notati*).



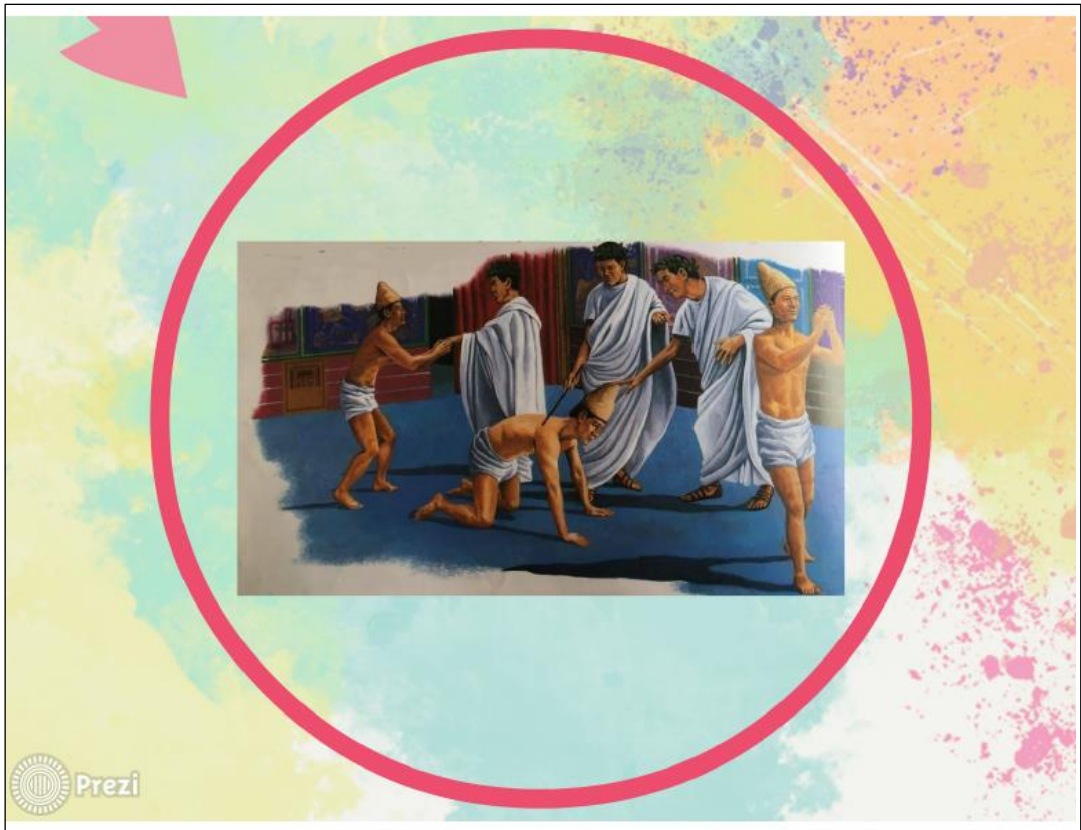




Prezi



Prezi



## Latim 10ºA

Nome: \_\_\_\_\_ N.º: \_\_\_\_\_

1. Lê o seguinte texto:

**Textus**

1. *Spartacus*<sup>1</sup> *Thracius*<sup>2</sup> erat, etiam seruus fuit qui olim copiis<sup>3</sup> Romanis auxilium<sup>4</sup> dedit.
2. *Exercitum autem Romanum deseruit*<sup>5</sup> quia militia<sup>6</sup> crudelior<sup>7</sup> quam is putabat<sup>8</sup>, erat.
3. *Spartacus socios*<sup>9</sup> incitabat<sup>10</sup> ad pugnam sed propter<sup>11</sup> seruorum discordiam Romani quam ei fortiores<sup>12</sup> iam erant.
4. *Tum, Spartacus, qui magnam uirtutem et animi*<sup>13</sup> firmitatem<sup>14</sup> habebat, clementior<sup>15</sup> Romanis captiuus<sup>16</sup> fuit quam Romani duces post uictoriam aduersus Spartaci socios.

BORREGANA, António, Novo Método de Latim. (adaptado pela professora estagiária, 2016).

**Glossarium:**

- |   |  |
|---|--|
| <sup>1</sup> <i>Spartacus</i> , i ‘Espártaco’   | <sup>9</sup> <i>socius</i> , ii ‘companheiro’, ‘associado’         |
| <sup>2</sup> <i>Thracius</i> , a, um ‘Trácio’, ‘da Trácia’                              | <sup>10</sup> <i>incito</i> , as, are aui, atum ‘mover’, ‘incitar’ |
| <sup>3</sup> <i>copiae</i> , arum ‘tropas’  | <sup>11</sup> <i>propter</i> (adv.) + acusativo sing./pl.          |
| <sup>4</sup> <i>auxilium</i> , ii ‘auxílio’, ‘ajuda’                                    | <sup>12</sup> <i>fortis</i> , e ‘forte’, ‘sólido’                  |
| <sup>5</sup> <i>desero</i> , is, ěre, serui, sertum + acusativo sing./pl. ‘desertar de’ | <sup>13</sup> <i>animus</i> , i ‘espírito’, ‘alma’                 |
| <sup>6</sup> <i>militia</i> , ae ‘exército’   | <sup>14</sup> <i>firmitas</i> , atis ‘firmeza’                     |
| <sup>7</sup> <i>crudelis</i> , e ‘cruel’, ‘duro’, ‘desumano’                            | <sup>15</sup> <i>clemens</i> , entis ‘dócil’, ‘clemente’           |
| <sup>8</sup> <i>puto</i> , as, āre, aui, atum ‘pensar’, ‘imaginar’                      | <sup>16</sup> <i>captiuus</i> , i ‘prisioneiro de guerra’          |

2. Identifica o caso e a função sintática dos seguintes vocábulos:

- a. *copiis Romanis* (l. 1)
- b. *fortiores* (l.3)
- c. *Romani duces* (l. 4)
- d. *clementior* (l. 4)

3. Traduz o texto.

---

---

---

---

---

---

---

---

😊 *Bona fortuna!*